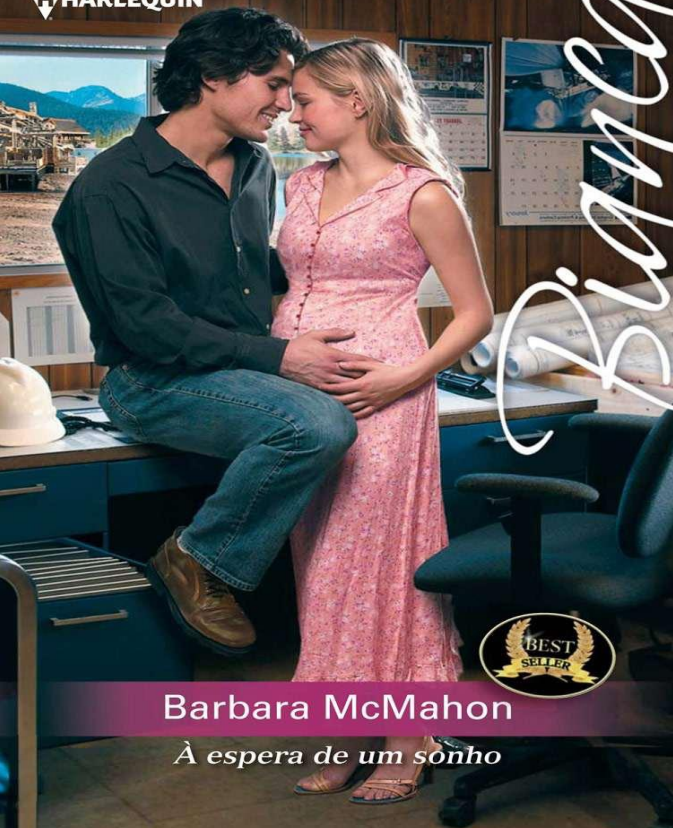


 HARLEQUIN®



À espera de um sonho



Barbara McMahon

À espera de um sonho



Bianca®

Barbara McMahon
À espera de um sonho



Editados por HARLEQUIN IBÉRICA,
S.A.

Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

© 2003 Barbara McMahon. Todos os
direitos reservados.

À ESPERA DE UM SONHO, N.º 1344
Setembro 2012

Título original: Sheís Expecting
Publicado originalmente por
Silhouette® Books.

Este título foi publicado originalmente em português em 2008.

Todos os direitos, incluindo os de reprodução total ou parcial, são reservados.

Esta edição foi publicada com a autorização de Harlequin Enterprises II BV.

Todas as personagens deste livro são fictícias. Qualquer semelhança com alguma pessoa, viva ou morta, é pura coincidência.

® Harlequin, logotipo Harlequin e Bianca são marcas registadas por Harlequin Books S.A.

® e ™ São marcas registadas pela Harlequin Enterprises Limited e suas

filiais, utilizadas com licença.

As marcas que têm ® estão registadas na Oficina Española de Patentes y Marcas e noutros países.

I.S.B.N.: 978-84-687-0631-3

Editor responsável: Luis Pagni

Conversão ebook: MT Color & Diseño

www.mtcolor.es

Capítulo 1

– Sei que disse que aquele lugar ficava no meio da Natureza, mas isto é ridículo! – resmungou Mandy Parkerson, seguindo com rapidez pelo caminho de cascalho. Não se encontrara com nenhum carro desde que saíra da pequena cidade de Julian, no Colorado, há quarenta minutos.

– Se não arranjam esta estrada, não conseguirão fazer com que os turistas voltem. E os que vierem pela primeira vez terão vontade de dar meia volta.

Especialmente no inverno – continuou a falar sozinha.

O carro avançava pelo caminho irregular cheio de buracos, derrapando e levantando o cascalho. Parecia que em alguns pontos tinham aplainado a superfície, mas noutros não tinha durado muito devido ao trânsito intenso. Ainda bem que estava bom tempo.

Segurou o volante com força, carregando no acelerador.

– Vá, miúdo, não pode faltar muito. Ele disse cinquenta quilómetros e já andámos isso, no mínimo.

Não podia faltar muito, mas não era fácil ver alguma coisa entre os pinheiros que se alinhavam de ambos os lados da estrada. Hesitou levemente devido à

exibição esmagadora da Natureza, mas continuou a acelerar. Precisava do emprego. Parecera-lhe uma boa perspectiva quando lhe tinham falado dele na agência de emprego de Denver, uma posição temporária de secretária durante dois meses, ganhando o dobro do que ganhava na cidade e com o alojamento incluído. Além disso, podia aproveitar a sua experiência em construção.

A obra em questão estaria em funcionamento mais seis ou oito semanas, até ao inverno, quando fosse impossível aceder àquele local remoto.

O momento também era ideal para ela. Afastar-se de Denver parecia-lhe

perfeito. Mas agora começava a ganhar consciência do que significava. Julian era uma cidade pequena das montanhas, com uma rua principal e duas secundárias, cheias de lojas e pequenos negócios, assim como um pequeno hospital.

– Espero que não falte muito tempo porque, caso contrário, terei de ir atrás de uma árvore.

Um dos inconvenientes da gravidez era a necessidade de ir à casa de banho com muita frequência, algo que não parecia abundar naquele caminho horrível. Instantes depois, ao subir por uma pequena colina, Mandy diminuiu a velocidade enquanto um sorriso aparecia no seu rosto.

– Aleluia! Uma casa de banho.

À sua frente encontrava-se a ditosa obra, trezentos e sessenta e dois quilómetros depois. Na descida até ao lugar em questão, tentou reparar em tudo, desde a grua enorme até às escavadoras paradas numa zona mais afastada, passando pela água do lago alpino que fazia parte da vista que se estendia mais à frente.

À esquerda, caravanas e tendas, carros e camiões, espalhavam-se pelo perímetro da zona em obras. A obra estava rodeada de árvores de um tom verde-escuro. Eram as árvores mais altas que alguma vez vira. Mas a joia da Coroa era, sem dúvida, o lago de água

azul e profunda, limpa e cristalina, que se perdia de vista.

Mandy respirou fundo. Quando a estrada estivesse alcatroada, a viagem desde Julian demoraria metade do tempo. E seria muito mais confortável.

— Já estamos quase a chegar — murmurou, procurando o escritório.

Tinha de avisar que chegara, encontrar a caravana que lhe fora atribuída e guardar a pouca bagagem que trazia. Mas, sobretudo, queria pôr no frigorífico a comida que comprara em Julian. E desejava uma casa de banho!

Reparou numa caravana ligeiramente afastada do resto e mais perto da zona da obra, e dirigiu-se para lá. À sua volta, os homens trabalhavam

arduamente para construir um complexo de férias de luxo no meio das montanhas do Colorado.

Mandy parou à frente do escritório e, saindo do carro, subiu os dois degraus da caravana, cheia de nervos.

– Mandy Parkerson! Conseguieste! – Jeff Henshaw levantou-se de uma das três mesas gastas. O homem alto de cabelo grisalho estendeu-lhe a mão. Fora ele quem a entrevistara em Denver.

Agradecida pelas boas-vindas calorosas, Mandy tranquilizou-se um pouco e apertou-lhe a mão com um sorriso.

– As tuas indicações eram excelentes.

– Demoraste pouco. Não te esperava

antes do anoitecer.

– Não queria conduzir de noite por uma estrada desconhecida, especialmente, não estando alcatroada. Julian parece ser uma cidade muito agradável. Comprei algumas coisas antes de sair de lá – explicou. Tinha a intenção de ir visitar a cidade nos seus dias de folga, explorar as pequenas lojas, comer no café, rodear-se de um pouco de civilização, ainda que fosse bastante tranquila.

– É a cidade mais próxima. Vamos todos lá quando não estamos a trabalhar. Não tem comparação com Denver, claro. Mas entra, por favor, e senta-se.

– Posso refrescar-me um pouco antes?

– Ao fundo do corredor. Sem pressa.

Quando estiveres pronta, mostro-te tudo.
– Obrigada.

Mandy seguiu as indicações quase a correr, com o vestido comprido a acariciar-lhe as pernas. Ultimamente, era mais confortável usar aqueles vestidos largos de algodão. O vestido cor-de-rosa ajustava-se ao peito e chegava-lhe até meio da barriga das pernas. De repente, perguntou-se se aquele tipo de vestidos seria apropriado para trabalhar numa obra. Não fora nenhum problema em Denver, mas aquilo, definitivamente, não era Denver.

Estava a lavar as mãos quando sentiu que a caravana se mexia, uma ligeira vibração no chão. Alguém acabara de

entrar. Perguntou-se se seria o sócio.

Na entrevista, tinham-lhe dito que Jeff e um homem chamado Jackson Witt trabalhavam juntos há alguns anos. E que aquele projeto era o mais ambicioso até à data, e que estava tudo um caos por causa da papelada pendente.

Viu-se ao espelho. Não podia fazer muito para arranjar os seus caracóis loiros. Retocou o batom e sorriu. Com a esperança de causar tão boa impressão a Jackson Witt como causara a Jeff, abriu a porta e percorreu o corredor. Ouviu vozes e, respirando fundo, preparou-se para o encontro.

– Vi o carro e queria conhecer o novo empregado. Não há nenhuma emergência – dizia alguém, com um tom de voz

forte.

– Eu encarregar-me-ei de o ajudar a instalar-se – dizia Jeff e Mandy pensou que parecia um pouco hesitante.

– Chegou cedo. Talvez possa começar a tratar das licenças ainda hoje. Se não as pusermos em dia já, o projeto não estará pronto a tempo e não tenho intenção de deixar que isso aconteça.

Mandy viu o homem que estava de pé, junto da secretária de Jeff, a ver o correio. Era alto, moreno e a impaciência parecia bulir no seu interior. Mandy pestanejou várias vezes. Ela media apenas um metro e cinquenta e sete e todos os homens lhe pareciam torres. Mas aquele devia medir cerca de

um metro e oitenta e cinco, pelo menos, e tinha uns ombros largos. A t-shirt deixava à vista uns braços musculados de um tom bronzeado. Sem dúvida, a sua figura dever-se-ia ao trabalho físico árduo. Nenhum ginásio proporcionava aquele tom bronzeado, nem o ar de comando que parecia emanar dele, embora só estivesse a ver o correio.

O homem sentiu a sua presença e levantou o olhar. Tinha uns olhos escuros e insondáveis, embora conseguisse ver a surpresa neles. Semicerrou-os para olhar para ela e, depois, olhou para Jeff, arqueando um sobrolho.

– Não tive oportunidade de te dizer que o nosso novo empregado é uma

mulher – Jeff encolheu os ombros.

– Não me digas! Não tiveste oportunidade de mo dizer? Contrataste-a na semana passada! Estás aqui há quatro dias. Bolas! Estás louco, Jeff? A última coisa que precisamos por aqui é de uma mulher. Temos cinquenta e três homens a trabalhar ali fora e queremos que se concentrem no seu trabalho, não que percam tempo com uma loira! Não sabemos quando vai mudar o tempo. Manda-a embora! – atirou os papéis para cima da mesa e saiu do escritório sem olhar para ela. A porta bateu com força e ecoou pela caravana.

– Correu bem – disse Mandy, olhando para Jeff. – Quem era?

– O meu sócio, Jackson Witt – Jeff sorriu ironicamente. – Ladra mais do que morde. Mudará de ideias.

– Deixei o meu emprego, o meu apartamento e guardei tudo num armazém para aceitar este trabalho – indicou Mandy, sentindo-se ainda mais nervosa. Sentira-se tão entusiasmada com a ideia de um trabalho longe de Denver, que não hesitara em deixar tudo. O que faria se não lhe dessem o emprego?

– Não te preocupes – declarou Jeff, levantando-se. – Jackson mudará de ideias. Fica. Esta será a tua mesa.

Indicou-lhe a mesa mais próxima da janela, onde se empilhavam pastas,

correio por abrir e plantas enroladas. Tal era o caos, que os papéis estavam em cima de uma cadeira, no parapeito da janela que havia atrás e até mesmo no chão. Mandy perguntou-se se alguém teria feito alguma coisa desde que a outra pessoa se fora embora.

— Jackson tem razão numa coisa, temos de pôr tudo isto em dia ou não conseguiremos cumprir as datas. Pete deixou-nos mal quando nos abandonou de forma tão inesperada — parou e olhou para ela. — Olha, sei que falámos de dois meses, mas precisamos de saber se ficarás até fecharmos isto quando chegar o inverno. Temos de despachar esta papelada.

— Não irei a lado nenhum — declarou

Mandy, aproximando-se da mesa para dar uma olhadela. Quanto a Jackson Witt, a verdade era que queria fazer algumas perguntas a Jeff, como, por exemplo que peso tinha na empresa e se a sua decisão contaria para a contratar ou despedir. Perguntava-se também se haveria mais alguma coisa nela que o aborrecesse além do facto de ser mulher.

Quanto a entreter o pessoal, quem queria perder tempo com uma grávida de seis meses? A concentração dos homens estava garantida!

– Antes de mais, gostaria de guardar a comida. Algumas coisas precisam de estar no frigorífico – explicou Mandy,

virando-se para Jeff. – Depois, posso começar.

– Podes começar amanhã – replicou Jeff, amavelmente.

Mandy observou-o por um instante. O contraste entre os dois homens era notório. Mas seria melhor ser prudente.

– Acho que é melhor começar ainda hoje, nem que seja só para organizar um pouco isto.

Tinha a esperança de fazer com que o senhor Amabilidade engolisse as suas palavras.

– Não leves o comentário de Jackson a sério – declarou Jeff. – É um tipo duro. Mas, desde que faças o teu trabalho, não haverá problema. Anda, vou mostrar-te a tua caravana. É a

terceira da fila. Ao lado da minha.

Quando chegaram ao carro, Jeff apontou para as caravanas e para as tendas.

– A maioria dos homens vive aqui, mas há alguns que vão e vêm da cidade todos os dias. Podes estacionar ao fundo, junto daquela caravana cromada.

Ela fez o que lhe indicava, sem deixar de pensar em até que ponto devia preocupar-se com a atitude de Jackson Witt. Não podia falar em nome dos homens, mas, no que lhe dizia respeito, não teria de se preocupar. Não tinha intenção nenhuma de namoriscar. Não tinha intenção de se relacionar com nenhum homem. Se não deixasse que

ninguém se aproximasse, não voltariam a magoá-la e a abandoná-la.

Tinha sido uma estúpida ao confiar em Marc. Ao relacionar-se com ele, infringira uma das suas regras mais importantes: sair com um colega do emprego. Mas aprendera a lição.

– Qualquer um diria que, depois de ter sido abandonada há vinte e sete anos, aprenderia. Mas não, tinha de me apaixonar por Marc, com os seus olhos azuis e os seus elogios encantadores. Que te sirva de lição, miúdo – disse em voz alta.

O bebé deu um pontapé e Mandy sorriu enquanto esfregava suavemente a barriga.

– Estamos sozinhos no mundo,

querido, mas conseguiremos.

Custara-lhe muito superar os seus sentimentos, mas, depois de três semanas, começara a mostrar-se desdenhosa e, finalmente, furiosa.

Tentou afastar a ideia de impotência que sentia cada vez que recordava a última cena com Marc. Deixara claro que não queria saber nada dela, nem do bebé. Uma mulher e um filho não tinham lugar no seu futuro.

Perguntara-se então se teria sido isso que o seu próprio pai sentira antes de a abandonar. Se seria a reação instintiva de qualquer homem perante a ideia de assumir compromissos e responsabilidades. Os seus pais nunca

se tinham casado. Quando o seu pai descobrira que iam ter um filho, fora-se embora. Mandy recordava vagamente as vezes em que a sua mãe se queixava. Um dia, quando ela tinha cinco anos, deixara-a nas mãos dos Serviços Sociais e fugira. Ainda recordava como se sentira assustada.

A ideia de um emprego novo e bem remunerado, a várias centenas de quilómetros de Denver, dera-lhe esperanças para o futuro que tencionava construir para ela e para o seu bebé. Tinham-se acabado as aventuras amorosas ou tentar encaixar nos planos dos outros. Não voltaria a depender de ninguém. Demonstraria o seu valor a Jeff e a Jackson Witt. Não tinham de se

preocupar com o resto dos trabalhadores. Ela estava ali para trabalhar e continuar com a sua vida.

Irritado, Jackson olhou para Moose Higgins. Conduzia a grua de forma eficaz, exceto quando deixava de prestar atenção.

– É a quarta vez que te digo para teres cuidado, para não saíres da zona delimitada. Quase chocaste com aquelas árvores. Não posso prescindir de uma grua. Já estamos com quase uma semana de atraso.

– Anime-se, chefe. Não acertei em nada. Estive perto, mas perto só é um problema quando falamos de ferraduras.

Jackson não pareceu acalmar-se.

– Não voltes a fazê-lo.

Embora tivesse de admitir que não era culpa de Moose, pensou, enquanto observava como o homem conduzia habilmente a máquina enorme para carregar uma viga de oito metros.

Era culpa dele. Estava zangado com Jeff e descarregara em cima de Moose. Não percebia no que estava a pensar. Tinham os documentos da obra atrasados e já tinham gastado vários milhares de dólares por causa do desfalque de Pete. Para complicar mais as coisas, Jeff contratara uma mulher bonita e feminina.

Já estavam em setembro. Dentro de pouco tempo, chegaria o inverno, o que

os obrigaria a parar a obra.

Precisavam de alguém que organizasse o caos de papéis, que desse um bom empurrão ao assunto e que fosse capaz de fazer com que os empregados da administração local mexessem o rabo para lhes conseguirem as licenças de construção de que precisavam, não de uma loira que parecia que seria levada por uma rajada de vento.

Jackson franziu o sobrolho. Era demasiado jovem, demasiado pequena, demasiado feminina para trabalhar numa obra. Tentou não fazer caso do rosto que dançava à frente dele enquanto observava os movimentos de Moose com a grua. O seu sorriso

resplandecente desvanecera-se quando ele dissera a Jeff para se livrar dela. Até encolhera os ombros por um instante, antes de se endireitar, disposta a argumentar.

– Ficaremos bem aqui – declarou Mandy, olhando à sua volta.

Parecia um apartamento pequeno. A sala de estar, o canto destinado à sala de jantar e a cozinha minúscula estavam praticamente ligados. Um pequeno corredor, idêntico ao do escritório, conduzia ao quarto e à casa de banho.

– Sei que é longe da cidade. Achas que ficarás bem aqui no teu estado? Não há telefone nas caravanas, mas eu estou

aqui ao lado. E, tal como acordámos, pararemos a obra no inverno, antes de entrares de licença por maternidade – redarguiu Jeff, um pouco preocupado.

Mandy assentiu, sentindo um desejo repentino de lhe apertar o braço em sinal de agradecimento. Não estava habituada a ter pessoas que se preocupassem tanto com ela. Vivia sozinha desde os dezoito anos, há já nove anos. Era muito bom, mas não era algo que esperasse.

Aquele homem era o seu chefe. Um deles. E sabia que não devia ultrapassar esse limite.

– Ficarei perfeitamente.

– Vou buscar as tuas coisas.

Apressou-se a guardar os

mantimentos perecíveis, enquanto Jeff a ajudava a guardar as latas e as outras coisas. Levou para o quarto duas caixas de cartão e duas malas.

– Desfarei as malas depois – replicou Mandy. Não queria ajuda para aquilo. Quanto menos dependesse dos outros, menos dececionante seria para ela quando se fossem embora. – Estou desejosa de começar.

– Não queres descansar um pouco?

– Não é necessário. Vim sentada o tempo todo. Eu gostaria de começar já. É para isso que me pagas – o que não disse foi que não queria dar razões ao seu sócio para a despedir.

Saíram juntos da caravana. Observou

como Jeff trancava a caravana e lhe entregava a chave.

– Não há muitos crimes por aqui – redarguiu ele, enquanto se dirigiam para o escritório, – mas, com tantos homens, temos de ter cuidado. Alguns são um pouco boémios.

– Terei cuidado – replicou ela. Não tencionava abrir a porta a nenhuma visita. Queria tempo para ela.

– Pronta para andar um pouco?

– Claro! – respondeu ela, com um sorriso. O escritório ficava a menos de cem metros. – Estou grávida, não inválida. Será bom fazer exercício. Costumo andar três quilómetros por dia.

– Aqui, não há muitos sítios para o fazer.

– Estás a brincar? Eu vejo centenas de hectares de bosque. Já para não falar do lago. Estou desejosa de ir vê-lo. E, se tiver vontade, posso sempre subir um pouco pela estrada.

– No teu estado, não – retorquiu ele, horrorizado.

– Estou bem, Jeff – afirmou. Não estava disposta a deixar que pensasse que não conseguiria sobreviver sozinha. E não queria que achasse que era demasiado frágil para trabalhar ali.

Quando entraram, a primeira coisa que viu foi Jackson Witt a atacar a pilha de documentos da sua mesa. Sentiu falta de ar. Tal como estava vestido, pareceu-lhe forte e tremendamente viril. Ao

contrário de Marc, que andava sempre de fato. Recordou que não gostava de ter de ir inspecionar uma obra quando estava mau tempo.

No entanto, não teve dificuldade alguma em imaginar aquele homem a trabalhar independentemente do tempo, a desfrutar dos desafios da Natureza, a desafiar qualquer situação para acabar um projeto a tempo. Embora fosse apenas um pouco mais alto do que Marc, Jackson emanava uma força que qualquer homem invejaria.

– Posso ajudar? – perguntou ela, com toda a calma possível.

Jackson virou-se para ela e Mandy tentou conter um calafrio de apreensão. Parecia muito zangado. Embora talvez

tivesse sempre o sobrolho franzido.

– Porque continua aqui? Pagar-lhe-emos pelos incómodos que lhe causámos. Suponho que queira sair antes de anoitecer.

– Não me causaram nenhum incómodo. Vim para trabalhar e é o que vou fazer – declarou ela, dirigindo-se para a sua cadeira atrás da mesa, quase sustendo a respiração. Viu que Jeff ficara à porta.

– Está grávida? – perguntou Jackson, sem poder acreditar.

– De quase seis meses. Não se preocupe, não é contagioso. E não interfere com as minhas capacidades.

Jackson virou-se para Jeff.

– Contrataste uma mulher grávida? Não posso acreditar! Perdeste o pouco juízo que te restava?

– Tem experiência no setor da construção. Grandes aptidões. Poderá fazer tudo e poupar-nos-á ter de lhe explicar como são as coisas. Vai tratar das tarefas administrativas, não da construção. Além disso, também não tínhamos muitas opções. As pessoas não dão saltos de alegria perante a perspectiva de virem trabalhar para um lugar no meio das montanhas, a cinquenta quilómetros da povoação mais próxima, embora seja apenas durante alguns meses. Pensei que qualquer tipo de ajuda seria melhor do que nada.

Mandy olhou para Jeff, consternada. Ela pensava que o impressionara com a sua experiência no setor e que ele achava realmente que ela era a pessoa adequada para o trabalho. O orgulho por ter conseguido o trabalho desapareceu.

Levantou-se, com atitude beligerante.

– Uma semana à experiência. Se não estiver satisfeito com o meu trabalho, ir-me-ei embora e nem sequer terá de me pagar a semana de trabalho – afirmou, sem pensar.

Jackson olhou para ela, com o sobrolho franzido.

– Não.

A recusa foi imediata. Não queria comprometer-se.

Mandy sentiu um calafrio ao ver os seus olhos escuros. Desejava poder demonstrar-lhe que conseguia fazê-lo. Desejava fazê-lo arrepender-se.

– Isso não seria justo para ti, Mandy!
– protestou Jeff.

– Eu acho que é justo. Especialmente, se ficarem satisfeitos com o meu trabalho. Então, ficarei e dar-me-ão um bónus – era um risco, mas estava desesperada. Durante um bom bocado, ficou a olhar para Jackson.

– Hoje é terça-feira. Tem até sexta-feira. Depois, ir-se-á embora – declarou Jackson, quebrando finalmente o contacto visual, depois do qual lançou um olhar furioso a Jeff. – E eu

encarregar-me-ei de fazer a entrevista da próxima vez.

– Não haverá uma próxima vez – resmungou Mandy, mexendo na selva de plantas enroladas.

Jackson dirigiu-se para o lago, como gostava de fazer todos os dias depois do trabalho. Havia luz numa das caravanas. Ainda não estava escuro, mas o sol já se escondera atrás das montanhas a oeste. Anoitecia cedo nas montanhas em setembro.

Sempre gostara daquele momento do dia. E Sara também, a sua falecida esposa.

A caminho do lago, chegou-lhe o

barulho da televisão procedente de algumas caravanas, viu um grupo de homens sentados fora de uma das tendas a contar histórias e no lago encontrou alguns que tentavam pescar.

A Windhaven Corporation encarregara-os da construção de um paraíso de férias no meio das montanhas do Colorado. O lago era um dos maiores atributos da zona. A proximidade das estâncias de esqui e de locais de caça e de pesca era outros dos aspetos que a empresa planeava potencializar. Assim como um spa de luxo que atrairia especialmente mulheres.

Era um lugar de descanso sem igual. E tinha a certeza de que seria muito caro, mas os clientes pagariam com

gosto pela possibilidade de desfrutar do luxo num lugar tão maravilhoso.

Então, ele já não estaria lá. Estaria a encarregar-se de outra obra, noutro lugar remoto. Seguindo em frente com a sua vida.

Avançou pela margem, até chegar a uma árvore que caíra parcialmente na água. Pousou um pé no tronco e apoiou o cotovelo no joelho enquanto bebia um gole do refrigerante. Estava sozinho e gostava que fosse assim.

Sara teria gostado daquele lugar, pensou pela enésima vez. E a dor familiar apoderou-se dele. Sentia muitas saudades, especialmente ao anoitecer. Gostavam de beber algo juntos ao

anoitecer, antes do jantar. Mesmo depois do nascimento de Sammy, constituía para eles o momento especial do dia.

Apertou a lata com força. A dor aumentava à medida que a noite avançava. Já tinham passado três anos, mas, para ele, era como se tivessem passado três minutos. Com a morte da sua esposa, tinha morrido uma parte de si, a melhor parte de si.

Fechava os olhos e via-a, alta e magra, com aqueles olhos escuros e o rosto emoldurado pelo cabelo liso escuro. Conheciam-se desde a escola. Sempre tinham tido os mesmos gostos, os seus ideais eram semelhantes e partilhavam os mesmos sonhos.

A dor era impossível. Nalguns dias, pensava que nunca conseguiria superar a morte da sua mulher e do seu filho.

Se fechasse os olhos, conseguia vê-la, a aproximar-se dele e a falar-lhe com o seu tom de voz doce.

– Senhor Witt, tenho problemas com a água. Não encontro Jeff. Pode ajudar-me?

Jackson abriu os olhos e virou-se. Em vez de encontrar o belo cabelo escuro de Sara, tinha à sua frente a loira que Jeff contratara. A mulher bela e grávida que mal lhe chegava ao ombro.

Capítulo 2

– O que quer agora?

– Que alguém arranje a água da minha caravana. Fui chamar Jeff. Disse-me que a caravana dele era contígua à minha, mas não está lá. E não sei a quem mais me dirigir. O que não queria era que pensasse que estava a tentar seduzir os seus homens se lhes pedisse ajuda.

Jackson bebeu outro gole. O seu adorado momento de tranquilidade estava estragado. Olhou para ela de cima a baixo, novamente irritado. Notou,

no entanto, a aspereza do tom dela. Tinha razão: se houvesse um problema, Jeff ou ele tinham de o resolver. Não tinha sentido pedir a um dos homens e correr o risco de ele o aceitar como um convite.

– O que se passa com a água?

– Não sai quente. Só sai fria. Há um termoacumulador, mas não sei como trabalha.

– Provavelmente, precisa de uma botija de gás nova.

Ela olhou para ele. Tinha os olhos mais escuros ao entardecer. Não eram castanho-escuros como os de Sara, mas azul-escuros. Disse para si que seria devido à falta de luz. O que raios se passava? Eram apenas uns olhos azuis.

Suspirando, virou-se e dirigiu-se para o acampamento. Embora não gostasse da sua presença ali, arranjar-lhe-ia o termoacumulador. Uma mulher grávida precisava de água quente.

A lembrança de como Sara desfrutava de um banho quente quando estava grávida causou-lhe uma pontada de dor. Às vezes, ele acompanhava-a.

Acelerou o passo numa tentativa de se distanciar daquelas lembranças. Demorou um pouco a perceber que Mandy Parkerson tinha de correr para acompanhar o seu passo. Parou abruptamente. Ela imitou-o, o peito subia-lhe e descia-lhe com a respiração acelerada. Teria de se habituar à

altitude. Não era conveniente fazer exercício até estar habituada à altitude.

– Não tem de correr.

– Quero ver como o arranja. Se tiver algum problema no futuro, arranjá-lo-ei sozinha.

– Não haverá mais problemas até sexta-feira.

Ela levantou o queixo e olhou-o nos olhos.

– Quero dizer depois de sexta-feira, porque continuarei aqui e terá de me considerar um membro útil da equipa!

Jackson olhou para ela, divertido. Tinha de admitir que era uma mulher tenaz, mas devia mostrar que era boa para o trabalho.

Continuou até à caravana dela, mais

devagar, consciente da mulher que ia ao seu lado. Nunca tivera de abrandar com Sara.

À medida que avançavam, Jackson sentiu o cheiro floral que Mandy Parkerson emanava. Era um cheiro leve e delicado, como ela. Fê-lo perceber como sentira a falta da presença de uma mulher ao seu lado nos últimos três anos e como a vida que tinha pela frente parecia longa.

Incapaz de suportar a morte de Sara e de Sammy, dedicara-se ao seu trabalho. Não tinha tempo para amizades fora do trabalho e não tinha intenção de voltar a estar com uma mulher. Não suportaria que lhe partissem o coração pela

segunda vez.

Mesmo assim, pela primeira vez em três anos, estava a olhar para uma mulher, cheirando o seu perfume, especulando sobre a cor dos seus olhos e desejando que estivesse a muitos quilómetros dali.

Caminhando inocentemente ao seu lado, Mandy não sabia nada do seu redemoinho emocional. Quanto mais depressa tratasse da água, mais depressa desapareceria da sua frente, levando aquele cheiro com ela. Não precisava que ninguém lhe recordasse ainda mais o que perdera.

Demorou cinco minutos a pôr a botija nova e a ligar o gás. Quando ouviu o som que indicava que o

termoacumulador trabalhava, virou-se e quase chocou com ela. Mandy recuou rapidamente, com olhar preocupado.

– Demorará um pouco a aquecer – explicou ele, querendo afastar-se, um luxo impossível entre aquelas quatro paredes estreitas.

– Eu sei. Jantarei primeiro e tomarei um duche rápido depois – suspirou suavemente. – Passei o dia todo à espera de poder tomar um banho quente, mas só há um duche – sorriu educadamente, enquanto se dirigia para a zona da sala de estar.

Jackson seguiu-a, decidido a ir-se embora dali antes que fizesse algo realmente estúpido. Ele tinha uma

banheira na sua caravana, era o único, se bem se lembrava. E, por um instante, esteve prestes a oferecer-lha, mas recuperou rapidamente a prudência. Não a queria lá e não tinha a intenção de a encorajar a ficar. Na sexta-feira, teria de admitir a derrota e ir-se embora.

– Começamos às oito – afirmou, com tom frio, sentindo-se um pouco culpado por lhe ter negado o conforto da banheira.

– Lá estarei. Obrigada por arranjar o termoacumulador.

Despediu-se dele e praticamente fechou-lhe a porta na cara.

«E o que esperavas?», desceu o degrau e dirigiu-se para a sua caravana. Não fizera nada para merecer a

amabilidade dela. Mesmo assim, tinha de admitir que esperara que ela tentasse fazê-lo mudar de opinião com um sorriso ou até mesmo que lhe oferecesse uma bebida. E o facto de não o ter feito surpreendeu-o.

Na manhã seguinte, Mandy estava a falar ao telefone com o Departamento de Obras e Urbanismo da Câmara Municipal quando Jackson entrou no escritório. Olhou para ela ao entrar, surpreendido.

— Só passa um pouco das oito. Se pudesse estar aqui por volta da uma, daria tempo — estava a dizer à mulher do outro lado da linha.

Mandy tentou concentrar-se na conversa e não fazer caso da presença de Jackson a examinar as suas capacidades, mas havia algo nele que não conseguia ignorar. Era como se houvesse eletricidade estática no ar.

Mandy sorriu, triunfante, mas conseguiu esconder a satisfação ao ouvir que a mulher concordava com as suas condições.

– Obrigada. Dir-lhes-ei que estará aqui à uma – e desligou.

– Quem era? – perguntou ele, apoiando-se contra a mesa, embora estivesse concentrado nela.

Tinha os olhos escuros semicerrados, insondáveis, embora a intensidade fosse perturbadora. Mandy quase sentiu que

lhe tocava. Tremendo ligeiramente, tentou não fazer caso das suas reações e sorriu com prazer.

– O Departamento de Obras e Urbanismo da Câmara Municipal. Cinspetor chegará à uma – anunciou ela, desejando começar a dançar de alegria, ainda que conseguisse conter-se.

Jeff contara-lhe como eram frustrantes os atrasos da inspeção. Jackson descobriria que bastava um dia para alguém com experiência conseguir fazê-lo. Mais alguns resultados e teria de admitir não só que era mais do que adequada, como também indispensável.

– E como o conseguiste? – perguntou ele, sem deixar de olhar para ela.

– Sabendo a quem telefonar e onde exercer pressão.

Jackson olhou para ela durante um bom bocado. Mandy susteve a respiração, sentindo que o seu coração acelerava. Não conseguia desviar o olhar, não conseguia quebrar o contacto visual. Perguntava-se em que estaria a pensar, se sentiria a tensão que parecia eletrificar o ar da caravana.

Bruscamente, ele fez um gesto de assentimento e sentou-se à sua mesa. O telefone tocou naquele momento e atendeu-o.

Ela desviou o olhar e foi recuperando o ritmo normal da respiração. Não conseguia parar de se perguntar o que

acontecera.

Tentou concentrar-se no que lhe faltava fazer, em vez de pensar no seu chefe. Se conseguisse não fazer caso das reações estranhas que lhe despertava, poderia continuar com o seu trabalho.

Apesar da tensão que pareceu envolver o escritório durante todo o dia, Mandy fez imensas coisas. Mas, mesmo trabalhando com diligência, pondo a papelada atrasada em dia, era demasiado consciente da presença de Jackson Witt.

Certamente, não tinha nada a ver com o trabalho, mas não deixara de observar como passava a mão pelo cabelo forte preto. Quando passava os dedos, despenteava-o, dando-lhe um aspeto

muito sexy.

Tentou convencer-se de que o motivo de sentir um calafrio pelas costas não se devia ao som grave da voz dele quando falava ao telefone, mas à corrente de ar que entrava pela porta, mas a verdade era que o som das palavras parecia abafar-se na sua mente enquanto imaginava que a abraçava, sussurrando-lhe palavras suaves ao ouvido.

Quando via que franzia o sobrolho por alguma razão, alegrava-se por não ser por causa dela, mas o seu coração acelerava ao pensar em como seria o rosto dele quando sorria ou se ria.

Jeff chegou às dez. A presença dele diminuiu um pouco a tensão. Talvez

assim conseguisse controlar a imaginação e acabar algumas coisas. Mas não relaxou por completo. Era demasiado consciente da sensualidade que aquele homem emanava. Perguntava-se se costumaria passar o dia no escritório ou se só o teria feito para a vigiar, esperando encontrar alguma falha que justificasse a sua demissão.

Ficaria louca se tivesse de passar oito horas diárias tão perto dele.

– Já passa do meio-dia. Quando tencionas ir almoçar? – perguntou-lhe Jackson, inesperadamente.

Mandy levantou o olhar das faturas que estava a tentar organizar.

– É a hora habitual de almoço?

Ele assentiu. O silêncio do exterior indicava que os homens tinham parado para almoçar. Levantou-se e, alisando o vestido azul-escuro, pegou na mala.

– Volto à uma.

– Se não estiver aqui, podes encarregar-te destas chamadas? – perguntou ele, deixando-lhe imensas mensagens de chamadas na mesa.

– É claro.

Jeff sorriu, mas manteve a cabeça baixa.

– O que te parece engraçado?

– Pensava que não querias Mandy. Agora, delegas nela? – perguntou o outro homem, levantando a cabeça.

– Caso ficasse, teria de saber

encarregar-se do escritório quando não estamos aqui. Enquanto estamos, podemos ver como se desenrasca.

Mandy dirigiu-se para a sua caravana, muito contente. Queria aquilo dizer que Jackson estava a mudar de ideias, como Jeff dissera? Não seria mau ouvir-lhe uma palavra amável. Perguntou-se se seria tão arisco com todos. Talvez não estivesse habituado à presença de uma mulher.

Embora ela não quisesse nenhuma atenção especial.

Jackson levantou o olhar ao ver Mandy a regressar ao escritório à uma em ponto. Cumprimentou-a com a cabeça e continuou com o seu trabalho: a distribuição das tarefas para a semana

seguinte. Enquanto isso, tentou não fazer caso da presença dela. O que não era fácil.

Jackson sentia-se cada vez mais intrigado com a nova secretária. Esperara que se fosse embora zangada, que fizesse imensas perguntas e que começasse a tentar seduzir todos os homens que entrassem no escritório.

Mas, até àquele momento, a loira delicada conseguira fazer com que um inspetor fosse à obra, organizara o caos da sua mesa e não seduzira ninguém. Ou melhor, ignorara todos os homens que tinham aparecido por ali com alguma desculpa. Perguntou-se se estaria a fingir ou se seria realmente assim.

Enquanto olhava para ela, ela começou a ocupar-se das chamadas de que ele a encarregara antes de ir almoçar. Afastou o cabelo da cara e esboçou um sorriso. Jackson não compreendia a razão do sorriso. E perguntava-se se os seus caracóis seriam naturais.

Loiros. O seu cabelo era uma mistura de dourado, cor de trigo maduro e mel, que lhe caía em cascata sobre os ombros. Talvez devesse cortá-lo curto como Sara, mas os caracóis persistiriam? Seriam tão suaves e sedosos como pareciam?

Desviou o olhar. Não compreendia porque estava a especular sobre o

cabelo daquela mulher. Levantou-se e saiu do escritório, aborrecido e frustrado. Dissera a Jeff que era má ideia ter uma secretária.

Mas, antes de decidir se devia ir à sua caravana comer alguma coisa ou ir procurar Jeff para ver o que estava a fazer, viu um carro a descer a colina em direção à obra. Respirou fundo e obrigou-se a concentrar-se na inspeção. Recusava-se a continuar a pensar em Mandy Parkerson e nos seus caracóis dourados. E nos seus olhos azuis. E no seu sorriso luminoso. Na sexta-feira, ir-se-ia embora dali.

Jackson não regressou ao escritório durante toda a tarde e Mandy aproveitou para fazer algumas perguntas a Jeff

sobre o funcionamento de algumas coisas. A atmosfera estava muito mais relaxada.

Tinha de atender as chamadas, procurar pastas e fazer outras tarefas rotineiras, para além de organizar o trabalho atrasado. E Mandy não parou de fazer perguntas. Pretendia saber quanto trabalho queriam fazer antes do inverno.

Às cinco horas, acabou o dia de trabalho. Fora um dia muito ocupado, mas estava contente. E estava a fazer progressos. Pensou que poderia vestir roupa confortável e ir dar um passeio antes do jantar. Depois de se despedir de Jeff, saiu para ir para a sua caravana.

Dois homens estavam sentados nos degraus da caravana que servia de escritório.

– Boa tarde, senhora!

Ela limitou-se a sorrir, mas não parou. No entanto, eles alcançaram-na.

– Bem-vinda ao futuro hotel de luxo Windhaven! Sou Bill Frates. E este é Tim Harris.

– Como estão? Sou Mandy Parkersor – replicou, sem parar. Gostava que tivessem tido a deferência de se apresentarem, mas não tencionava fazer vida social.

– É muito aborrecido jantar sozinho. Quer juntar-se a nós? – perguntou Bill.

– Agradeço pela oferta, mas tenho planos – replicou ela, acelerando o

passo. Resistiu a procurar Jackson com o olhar para ver se estava a observá-la. Certamente, consideraria que aquilo era distrair os seus homens.

– Amanhã, talvez?

– Veremos – respondeu ela, tirando a chave da mala. – Prazer em conhecer-vos – acrescentou, educadamente.

Entrou, fechou a porta e apoiou-se nela por um instante. Na verdade, aquilo não podia considerar-se exatamente uma distração. Era um azar que não soubessem que uma relação amorosa não constava dos seus planos, nem mesmo uma passageira.

A traição cruel de Marc acabara com o seu romantismo. Havia pessoas

destinadas a serem felizes e ela não era uma delas.

Finalmente, aprendera a lição. Sabia que não tinha nada para oferecer a um homem. O seu próprio pai abandonara a sua mãe antes de ela nascer. Marc não quisera saber nada dela assim que soubera do bebé. Nunca desejara comprometer-se com ela.

– Aconteça o que acontecer, querido, amar-te-ei sempre – sussurrou, dando palmadinhas na barriga, sentindo uma onda de amor intensa no seu interior. Ela amaria aquele bebé, sem lhe importar os obstáculos que encontrasse pelo caminho. Ela nunca o abandonaria.

À medida que crescia dentro dela, Mandy amava mais o seu bebé. Não

deixava de se perguntar como é que a sua mãe podia tê-la abandonado e se alguma vez teria lamentado tê-lo feito. Tinha apenas cinco anos quando a deixara aos cuidados dos Serviços Sociais, alegando que não podia continuar a cuidar dela.

Mas isso não aconteceria ao seu bebé. Aquele bebé teria todo o amor e devoção da mãe. E Mandy sabia que tinha uma grande capacidade de amar, por ela e por Marc. Não deixaria que a história se repetisse!

Dez minutos depois, Mandy espreitou pela porta. Vestira uns calções largos, uma t-shirt de algodão e uma camisola fina. Com o pôr do sol, estava a

começar a arrefecer, embora pensasse que sentiria calor quando comesse a andar.

Não parecia que alguém estivesse a prestar-lhe atenção. Fechou a porta e olhou à sua volta. Perto do lago, viu um grupo de homens a conversar entre gargalhadas. Mais perto da sua caravana, entre as tendas, viu outro grupo de homens sentados em cadeiras de acampamento.

No lago, pequenas ondas rebentavam calmamente na praia estreita. Na primavera, a água devia chegar até às árvores, mas, na estação em que estavam, o nível descera muito, por isso, havia bastante espaço para passear.

Mandy caminhava com um sorriso de

felicidade no rosto. Um final perfeito depois de um dia de trabalho. Pensou que o tornaria um hábito. Se caminhasse devagar, não teria frio, mas vestiu a camisola. Talvez umas calças de ganga tivessem sido mais apropriadas.

Não avançara muito e já lhe custava a respirar. Não podia acreditar que estivesse em tão má forma. Perguntou-se se seria por causa da altitude. Quando decidiu voltar, sentia-se enjoada. Começou a ver luzinhas brancas e custava-lhe muito a respirar. Sentiu uma pontada aguda na cabeça. Abrandou, embora estivesse ansiosa por chegar à sua caravana.

Ao dar a curva, viu novamente os

homens reunidos junto da margem. Alguns pescavam, outros bebiam e riam-se animadamente.

Então, tropeçou. Esticou o braço para se agarrar a algo antes de cair. Depois, ficou tudo escuro.

Capítulo 3

– Eh, chefe, venha depressa! Temos um problema! – Bill parou de correr ao ver Jackson.

Ele franziu o sobrolho e levantou-se do seu lugar favorito junto do lago. Era melhor que houvesse uma razão. Os homens conheciam as regras: não incomodar o chefe durante o entardecer.

– O que se passa? – perguntou, percorrendo rapidamente a distância que o afastava de Bill.

– É a nova secretária. Caiu e está

inconsciente.

– Como caiu? – perguntou, acelerando o passo.

Um medo súbito apoderou-se dele. Perguntou-se se teria acontecido algo ao bebê. Estavam a mais de meia hora de Julian. Perguntou-se inclusive se o hospital contaria com um helicóptero para emergências.

– Estava a passear. Nos estávamos ao pé do lago. Sabe como Sony e Tim gostam de pescar. E, então, vimo-la. Caiu.

– Bolas! – exclamou, começando a correr para os homens.

Eles afastaram-se para que Jackson se aproximasse. Tim estava ajoelhado junto dela, abanando-lhe os ombros

suavemente enquanto a chamava.

Deitada no chão, o cabelo loiro espalhava-se à sua volta como um halo dourado que iluminava a terra avermelhada. Tinha as pernas dobradas e os braços estendidos. Com os olhos fechados, o seu peito subia e descia agitadamente.

Jackson engoliu em seco e ajoelhou-se.

– Mandy? – abanou-a suavemente. – Tropeçou? Quem a viu a cair?

– Muitos de nós, chefe – respondeu Tim Harmon. – Estávamos todos a olhar para ela, para ver se nos diria alguma coisa ao passar ao nosso lado, quando a vimos a cair. Não deve ter tropeçado.

Não há pedras à volta – explicou.

– Mandy, acorda! – chamou-a Jackson, dando-lhe palmadinhas na face.

Tinha a respiração agitada e estava pálida. Não sabia o que se passava, porém, fosse o que fosse, era pior porque estava grávida.

Deslizou os braços sob os seus ombros e joelhos e pegou-lhe ao colo.

– Alguém tem de ir procurar Jeff e dizer-lhe que chame uma ambulância! – ordenou Jackson, dirigindo-se para as caravanas. Não pesava nada. Sentia-lhe a pele macia atrás dos joelhos. Tinha a cabeça aninhada contra o seu ombro.

Mandy mexeu-se e abriu os olhos, pestanejando algumas vezes enquanto tentava orientar-se.

– O que aconteceu? – perguntou, olhando para ele.

– Caíste e acho que perdeste os sentidos – respondeu ele.

– Põe-me no chão. Consigo andar – declarou ela, esfregando a testa.

– Esperaremos até que os paramédicos o decidam.

– Não preciso de nenhum paramédico. Põe-me no chão! – insistiu.

– Jeff está a chamar uma ambulância. Chegarás a Julian num instante.

– Não vou a Julian. Estou bem! – exclamou ela, empurrando-o pelo ombro. – Por favor, Jackson, isto é muito embaraçoso. Por favor, põe-me no chão.

Jackson parou e o grupo de homens que o seguia fez o mesmo. Lentamente, pousou-a no chão, mas não retirou o braço dos seus ombros, à espera do mínimo sinal de fraqueza.

Mandy respirou fundo e agarrou-lhe o braço.

– Sinto-me um pouco fraca, mas é só isso. Ficarei melhor quando me sentar. A sério, não preciso da ambulância!

Jackson olhou para um dos homens e apontou com a cabeça para o escritório.

– Vai dizer a Jeff que não chame a ambulância por enquanto.

– Não vou precisar dela – resmungou Mandy, olhando à sua volta. De repente, corou. – Meu Deus, estão todos aqui?

– Não sei quem está e quem não está. Não importa. Vamos para a tua caravana. Depois, terás de responder a algumas perguntas.

Foram até à caravana. Mandy agarrava-se ao seu braço. Atrás deles, os homens começaram a dispersar. Ao chegarem, Mandy abriu a porta e Jackson seguiu-a sem lhe dar tempo para protestar.

Era a segunda vez que interrompia o seu hábito de estar a sós ao entardecer. Jackson franziu o sobrolho. Já sabia que lhe traria problemas.

– Estou bem. Obrigada por me salvars – agradeceu ela, deixando-se cair no sofá. Recostou-se e fechou os

olhos enquanto pousava as mãos na barriga em atitude protetora. Teve de fechar os olhos para manter o controlo da situação.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

– Não sei. Estava a dar um passeio. Quando acordei, estava nos teus braços – respondeu, abrindo os olhos e olhando para ele.

– Não tropeçaste?

– Não. Só senti uma dor aguda na cabeça. Mesmo antes de desmaiar. Não acho que tenha batido com a cabeça.

– Terá sido por causa da altitude?

– Não deveria. Em Denver, costumo sair e andar.

– Mas Denver está a uma altitude inferior. Demora um pouco a

habituar-mo-nos às alturas.

– Já percebi.

– És um problema, Mandy Parkerson. Não só para o trabalho, mas também para ti própria. E se te tivesses magoado? Quanto tempo achas que poderia demorar uma ambulância? Estás a arriscar a tua segurança e a do teu bebé. Tens de te ir embora. Pagar-te-emos a semana.

Mandy levantou-se e olhou para ele, furiosa, com os punhos cerrados.

– Espera aí, Jackson Witt! Não podes despedir-me por ter caído no meu tempo livre. Agradeço-te pela preocupação, mas fui contratada para trabalhar na tua empresa. Se me despedires por uma

queda ridícula, processar-te-ei.

– Arriscar-me-ei. Pelo menos, saberei que tu e o teu bebé estão bem. É demasiado perigoso trabalhar aqui para alguém no teu estado. Não quero que te magoes. Se não pensares em ti própria, pensa, pelo menos, no teu filho – furioso, olhou para ela, virou-se e saiu.

– O que aconteceu, Jackson? Está bem? – perguntou Jeff, com a testa franzida pela preocupação.

– Caiu – respondeu Jackson. – Acho que desmaiou. Não é estranho, pois está grávida. E, além disso, estamos a mais altitude do que em Denver. Acho que foi demasiado esforço para ela. Diz que

está bem, mas terá de se ir embora. Tem de se ir embora, Jeff. Tu contrataste-a e tu tens de a despedir. É um perigo para si própria e para o seu bebé – afastou-se a passos largos, zangado pela forma como aquela mulher se arriscava. Zangado por se preocupar com ela. Sara nunca correria nenhum risco. Durante toda a sua vida, tivera muito cuidado, especialmente ao ficar grávida. E tudo para nada. Mas correr deliberadamente qualquer risco em que um bebé pudesse estar envolvido era inaceitável.

Jeff bateu à porta da caravana e Mandy abriu imediatamente.

— Olá, Jeff, entra — replicou ela, afastando-se para o deixar entrar. — Suponho que já tenhas descoberto.

– Vim ver se estavas bem.

– Sinceramente, não sei o que aconteceu. Estava a passear e de repente...

Acordara nos braços mais fortes que alguma vez vira. Jackson pegara-lhe ao colo como se não pesasse nada. Ainda sentia a sua força e os músculos do peito. Não recordava ter conhecido alguém tão forte, mas que lhe pegasse ao colo com tanta doçura.

O cheiro viril que emanava parecia continuar a flutuar à sua volta, causando-lhe todo o tipo de reações, tal como acontecera no escritório. O calor que sentira ao ver-se no colo dele fizera-a comportar-se de uma forma estúpida.

Uma vez a sós na caravana, repreendera-se por ser tão idiota, repetindo a si mesma que ele só se importava com a sua segurança, que não havia nenhum sentimento. Provavelmente, faria o mesmo por qualquer um dos trabalhadores.

– Suponho que me tenha esforçado demasiado. Jackson disse que podia ser por causa da altitude. Posso usar o telefone do escritório para telefonar à minha médica? Só quero certificar-me.

– Posso levar-te ao hospital de Julian – ofereceu-se Jeff.

– De qualquer modo, eu gostaria de falar primeiro com a minha obstetra. Ouvi dizer que as grávidas podem sofrer

desmaios, embora seja a primeira vez que me acontece. Talvez Jackson tenha razão e seja só uma reação à altitude. O que significa que terei de levar as coisas com mais calma até me habituar. Mas tenho de fazer exercício. Não posso estar sentada o dia todo.

– Tens a certeza de que não queres que te leve ao hospital?

– Deixa-me falar primeiro com a minha médica.

Jeff acompanhou-a ao escritório. A sua médica não atendia no consultório e deixou-lhe uma mensagem e o seu número de telefone.

– Vou esperar um pouco para ver se me telefona. Por favor, volta para o que estavas a fazer. Estou bem, a sério. Não

vou cair. Já não me dói a cabeça.

– Ficarei contigo. Talvez Jackson tenha razão. Talvez tenha sido demasiado arriscado trazer-te no teu estado – redarguiu Jeff, pensativo.

– Não comeces tu também! A médica dirá o que se passou. Preciso deste emprego, Jeff. Por favor, não me despeças – não gostava de ter de suplicar, mas, naquele momento, compreendeu que ambos tinham dúvidas de que conseguisse resistir.

– Não sei se isto vai funcionar, Mandy – Jeff parecia incomodado.

– Funcionará – respondeu ela, desejando sentir-se tão segura de si própria como no dia anterior.

Jeff sentou-se à secretária, recostou-se na cadeira e pôs os pés em cima da mesa, à espera da chamada da médica.

— Voltarás para Denver quando o bebé nascer ou és de outro sítio?

— Não tenho família, nem laços que me liguem a Denver. Talvez dê uma olhadela a Julian para ver se gosto. Posso instalar-me onde quiser. Além disso, não precisarão de uma secretária na primavera?

Só mantinha contacto com um dos pais adotivos que tivera, mas não eram muito unidos. Tinha algumas amigas na empresa onde trabalhara em Denver e uma amiga do liceu, mas todas tinham vidas muito ocupadas e nenhuma sentiria

muitas saudades dela. Podia começar do zero em Julian.

– Estás a pensar em voltar quando retomarmos a obra?

– Talvez.

– E o bebé?

– Acho que poderia instalar um parque aqui, junto da minha mesa. Quanto tempo demorarão a acabar o projeto?

– O plano é acabar no fim do próximo verão. Lamento, Mandy, mas Jackson não permitiria a presença de um bebé na obra. É demasiado perigoso.

– Mas não há nenhum perigo no escritório.

– Não será possível, Mandy. Concorde com ele. Na verdade, se a tua

médica não nos confirmar que estás bem, terei de mudar de ideias a respeito de ficares.

– Estou bem – insistiu ela, sentindo-se tremendamente frustrada.

O telefone tocou. Dez minutos depois, Mandy desligava, com uma expressão de alívio no rosto.

– A médica disse que parece ter sido causado pela altitude. Disse-me para levar as coisas com calma e beber muitos líquidos. E consultar o médico mais próximo caso aconteça outra vez. Já tinha pensado em marcar uma consulta. Fá-lo-ei amanhã, bem cedo.

– Tens a certeza? Não quero que te aconteça nada de mal.

Mandy fez um gesto de assentimento com a cabeça, comovida com a preocupação do homem.

Não conseguiu evitar pensar se Jackson também se preocuparia.

– Estava tão contente por ter encontrado alguém competente, que suponho que não tenha pensado nos pormenores – declarou Jeff.

– Não penses nisso. Sou competente e muito capaz. Não estou doente. O que aconteceu hoje foi uma situação pontual. Posso fazê-lo, Jeff. Cortei todos os laços para vir para aqui. Se me despedires, não sei o que farei – optou por se mostrar um pouco necessitada para suavizar Jeff, embora soubesse que

não resultaria com o duro Jackson Witt.
– De qualquer forma, acho que a reação de Jackson foi exagerada.

– É compreensível.

– Porquê?

– A sua mulher e o seu filho morreram há alguns anos. Não consegue suportar a ideia de não ter estado lá para os salvar. Suponho que seja por isso que pensa que, pelo menos, poderá certificar-se de que não acontece nada ao teu filho. E admite-o, Mandy, uma obra não é o lugar mais seguro do mundo. Devia ter pensado melhor antes de te contratar. Mas nós precisamos tanto de ajuda como tu precisas do emprego.

Ficou muda ao saber a tragédia que Jackson sofrera. Tentou imaginar o

sentimento de perda e, de forma inconsciente, levou as mãos à barriga.

– Como aconteceu?

– Um tiroteio na escola. Sara era professora lá e Sammy começara a frequentá-la – explicou Jeff, tremendamente abatido.

– Meu Deus! – exclamou Mandy, engolindo em seco, sem conseguir evitar sentir pena do homem. Agora, compreendia porque era um homem tão duro. Tinha de o ser para conseguir recuperar de semelhante perda.

Jeff olhou pela janela para a estrutura do edifício.

– Desde então, não voltou a ser o mesmo. Sara e ele foram criados juntos.

Não acho que tenha saído com outra mulher. Ambos adoravam o seu filhinho – Jeff abanou a cabeça, com tristeza. – Uma tragédia... – virou-se e olhou para ela. – É por isso que se comporta assim agora, para esquecer, suponho... Trabalhando muito, não lhe resta tempo para as lembranças.

– Quando aconteceu? – perguntou ela, com um nó na garganta devido às lágrimas não derramadas. A atitude dele tinha uma explicação. Sentia verdadeira preocupação por ela e pela sua gravidez.

– Foi há três anos. Aconteceu em Fort Collins. Tinha lá a minha empresa. Jackson era o meu capataz na altura. Depois, decidimos passar para este tipo

de obras grandes em lugares remotos, projetos de pouco tempo. Tornámo-nos sócios. Ele tem ideias fantásticas e trabalha muito bem, mas sinto a falta da cidade. Não acho que Jackson queira regressar. Não vê a sua família desde o funeral. Nem os pais de Sara. Vivíamos todos em Fort Collins.

– Lamento. E o assassino?

– Suicidou-se sem que os agentes de polícia conseguissem evitá-lo. O que piora as coisas. Ninguém recebeu castigo. Vamos, acompanho-te à tua caravana. Sentes-te bem?

– Sim – no entanto, havia algo que precisava de deixar claro. – Mas este desmaio não comprometerá o meu lugar.

Não ando a passear pela obra, por isso, não corro perigo. Por favor, di-lo a Jackson. Prometo que farei o que me pedirem.

– Veremos o que diz na sexta-feira. Somos sócios, Mandy. E tenho em conta as suas opiniões. Se não conseguires fazê-lo mudar de opinião, acho que terei de acatar a sua decisão.

– Entendo – replicou ela, perdendo o entusiasmo. Ela pensara que Jeff a apoiaria.

– Se amanhã quiseses ir dar um passeio, diz-me. Acompanhar-te-ei – declarou Jeff, da porta do escritório.

– Agradeço-te.

– Mas só um passeio. Não estás a preparar-te para as Olimpíadas.

– Não era o que estava a fazer!

Ele assentiu e deu-lhe uma palmadinha carinhosa no ombro. Mandy saiu do escritório. Sentia-se tremendamente aliviada por a sua médica não parecer estar preocupada. Embora não desejasse voltar a desmaiar, perguntou-se se Jackson não teria razão e se deveria ir-se embora.

Depois de um duche quente e de um jantar rápido, Mandy sentou-se no sofá, pensando ainda no que Jeff lhe revelara sobre Jackson. Aquilo alterara a sua opinião sobre ele, só que agora tinha de lhe demonstrar duas coisas: que conseguia fazer o trabalho e que não corria perigo.

O vestido amarelo que vestiu na manhã seguinte era doce e muito feminino. Viu-se ao espelho e, de repente, horrorizou-se ao pensar que ela era o seu próprio inimigo. Não era de estranhar que Jackson duvidasse das suas capacidades e da sua segurança no ambiente rude de uma obra. Parecia que ia beber um chá no jardim, não que ia trabalhar.

Rapidamente, vestiu um vestido verde-escuro que lhe pareceu mais sério e apanhou o cabelo. Mesmo assim, continuava a parecer demasiado doce para uma obra. Era urgente ir à cidade para comprar umas calças de ganga e

algumas camisolas. Até poderia comprar umas botas. Se se vestisse como os outros, talvez Jackson não notasse que ela era diferente. Decidiu que iria no sábado.

Não havia ninguém no escritório quando chegou. Suspirou, aliviada. Tinha muito que fazer. Gostava de trabalhar sozinha. Fazia-o melhor do que se tivesse Jackson ao lado, distraíndo-a com a sua presença.

Acabou de fazer os telefonemas que Jackson lhe pedira no dia anterior e começou a verificar as faturas. Encontrou discrepâncias num fornecedor, a Andrews Tool and Die. Abriu a ficha de trabalho da empresa com curiosidade. Colaboravam há anos.

À medida que revia as contas, foi encontrando mais dados que não coincidiam. O custo era excessivo e, além disso, encontrou imensas faturas extraordinárias dos últimos meses que perfaziam um total bastante elevado.

Perguntou-se se Jeff e Jackson saberiam. Viu as rubricas nas pontas das faturas. Era evidente que Pete as pagara com a permissão de alguém. De quem?

Quando Jackson entrou no escritório pouco depois, Mandy esqueceu as faturas. Só conseguia ver o homem que perdera a família da forma mais trágica. Desejou expressar as suas condolências, mas bastou-lhe uma olhadela ao rosto sério para pensar melhor.

O telefone tocou e Mandy atendeu. Era a sua médica. Depois de uma breve conversa, desligou.

— Era a minha médica. Falei com ela ontem à noite e queria saber como me sentia hoje. Estou bem. Disse-me para levar as coisas com calma até me habituar à altitude.

Ele limitou-se a assentir com a cabeça, com os olhos insondáveis, e, pouco depois, voltou para o que estava a fazer. Quando o telefone tocou novamente, Mandy atendeu, agradecida pela interrupção.

— O senhor Norris quer falar com o senhor Witt — disse alguém do outro lado da linha.

– O senhor Norris para ti – informou Mandy, passando-lhe o telefone.

Mandy ouviu-o enquanto falava ao telefone. Quando desligou, olhou para ela.

– Norris é o intermediário entre a sua empresa e a Windhaven. Virá na próxima semana ver como está a obra.

Ela assentiu, novamente esperançada. Perguntou-se se estaria a dizer-lhe aquilo porque decidira deixá-la ficar.

Viu que anotava algumas coisas no bloco que trazia na mão, mas não conseguiu deixar de se perguntar como teria aceitado a notícia da morte do seu filho e da sua mulher, que amara desde que eram crianças. Depois, perguntou-se

como seria ter alguém que a amasse assim. Conhecer alguém desde crianças e ter construído uma relação.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou ele, levantando o olhar para ela.

– Queres que trate de alguma coisa em particular durante a visita do senhor Norris?

Jackson recostou-se na cadeira e balançou-se, aparentemente perdido nos seus pensamentos. Pouco depois, olhou para ela e ficou quieto.

– És adulta. Jeff convenceu-me ontem à noite de que, se pensas que estás a salvo aqui, tenho de reconhecer que sabes como viver a tua vida. O teu trabalho foi exemplar. Mas ainda é cedo. E quero ter-te mais uma semana à

experiência.

Mandy assentiu, escondendo a alegria.

– Achas que consegues arrumar isto antes de segunda-feira à tarde? Norris e a sua equipa virão fazer a inspeção e ficaremos bem vistos se isto estiver organizado.

Mandy garantiu-lhe que deixaria tudo em ordem antes de segunda-feira à tarde. Decidira que queria tornar-se indispensável e demonstrá-lo-ia a Jackson.

Mais uma semana! Perguntou-se o que poderia fazer numa semana. E até pensou que talvez visse um sorriso no rosto de Jackson.

Depois, continuou a analisar as contas da Tool and Die. Foi tomando notas numa folha à parte e percebeu que cada fatura era um pouco superior ao que deveria. Mas, quando somou todas as quantias extraordinárias que lhes tinham faturado nos últimos dois anos, o total era espantoso.

Jeff entrou naquele momento e, depois de deixar o chapéu na mesa, dirigiu-se para a cafeteira.

— O vento é frio esta manhã. Espero que não seja um aviso de tempestade.

— A previsão meteorológica para esta semana não dizia nada. Norris telefonou. Virá na segunda-feira — declarou Jackson, olhando para o outro homem e

apontando depois para Mandy. – Ela disse que conseguirá ter tudo organizado nessa altura. Norris virá com um publicitário e um contabilista.

– Suponho que isso signifique que ela fica – replicou Jeff, piscando um olho a Mandy.

– Mais uma semana à experiência.

Nem sequer a atitude dele podia ensombrecer o seu entusiasmo. Tornar-se-ia indispensável numa semana.

A manhã passou a voar. Antes do almoço, Mandy pousou o lápis na mesa e olhou para os dois homens. Verificou os dados, mas não sabia como iam reagir.

– Acho que encontrei um problema – os dois homens olharam para ela. –

Aparentemente, um dos vossos fornecedores andou a abusar nas contas. As quantias não coincidem com os vossos pedidos.

– Que fornecedor?

– A Andrews Tool and Die.

– Bolas! – exclamou Jackson, levantando-se, furioso. – Deixa-me ver!

– Meu Deus! – exclamou Jeff, segurando uma chávena de café enquanto a observava, consternado.

Mandy não sabia o que fizera, mas, a julgar pelo sobrolho franzido de Jackson, devia ser algo terrível.

Capítulo 4

– Deixa-me ver – repetiu Jackson, estendendo a mão.

– Verifiquei as contas e comparei os pedidos com o registo de contas que enviou para o vosso contabilista. Este lote é de há três meses e não consegui evitar ver as discrepâncias.

– Eu trato disso – declarou Jackson, com tom de voz brusco, obrigando-a a dar-lhe a pasta com as contas, embora ela se mostrasse renitente a fazê-lo. – Não digas nada – replicou, olhando para

Jeff.

O homem encolheu os ombros e voltou para o seu trabalho. Mandy não entendia nada.

– Sabias?

Jackson deixou cair a pasta na sua mesa e sentou-se, com o eterno sobrolho franzido.

– Eu trato deste assunto. Porque não vais almoçar? É quase meio-dia.

Consciente de que estava a expulsá-la dali, Mandy assentiu e levantou-se. Saiu e virou-se brevemente antes de fechar a porta atrás dela. Jackson olhava fixamente para a pasta fechada.

Nenhum deles mostrara a reação que ela esperara, mas não tinha a certeza de como definir a sua reação.

O vento soprava com mais força do que antes, frio e áspero, anunciando a chegada do outono. Dirigiu-se a passo rápido para a sua caravana.

Apoiou os pés numa cadeira enquanto almoçava, desfrutando do breve momento de descanso naquele dia agitado. Estava a pensar se devia aumentar a dose de vitaminas quando uma pancada na porta a assustou. Foi abri-la e viu Jackson nos degraus.

– Quero falar contigo.

Estaria a despedi-la? Por fazer o seu trabalho ou seria simplesmente uma desculpa?

– Entra – convidou ela, afastando-se para o deixar entrar.

Ele olhou à sua volta e reparou na cadeira à frente do sofá e da sandes a meio que havia num prato ao lado.

– Estavas a descansar?

– Estava a descansar as pernas. Vai ser uma visita curta ou queres sentar-te?

Jackson virou-se e olhou para ela. Um brilho divertido apareceu nos seus olhos. Era tão inesperado como intrigante. Mandy olhou-o fixamente e pensou que o fazia parecer acessível, quase humano.

– Fascinas-me, Mandy Parkerson – confessou. – Muitas pessoas na tua posição não parariam de me elogiar para conseguirem ficar. O teu convite carece de hospitalidade.

– Se as minhas capacidades para o trabalho não te convencem, elogiar-te não servirá de nada – limitou-se a dizer, corada devido à intensidade do seu olhar. Os seus olhos pareciam quase pretos. Poderia passar o dia a olhar para eles.

– Não demorarei muito, mas senta-te. Não quero interromper o teu descanso – replicou Jackson, puxando uma cadeira da mesa, na qual se sentou com os braços apoiados nas costas. – Jeff e eu tivemos uma discussão acalorada depois de saíres.

– Sobre? – perguntou ela, consciente de que um dos assuntos teria sido a sua estadia ali.

– Sobre as discrepâncias que encontraste nas contas da Andrews Tool and Die e o que é necessário saberes.

– O que é necessário saber?

– Tu sabes, o que é necessário saberes para fazeres o teu trabalho e o que não passa de... mexericos vulgares.

– Não tenho ideia do que estás a falar. Pensei que tinhas vindo despedir-me.

– Ainda não acabou o teu período à experiência. Não gosto de despedir ninguém por fazer bem o seu trabalho. Jeff convenceu-me de que há algumas coisas que tens de saber para poderes fazer o teu trabalho em vez de cansares a cabeça com um assunto sem importância.

Mandy assentiu, desejando que não se notasse a confusão que sentia.

– Não queres levantar os pés? Só tens mais alguns minutos de descanso.

Timidamente, colocou os pés sobre a cadeira, contente por a saia lhe tapar grande parte das pernas. Ele observava todos os seus movimentos.

– E o que tenho de saber? – perguntou ela.

– Despedimos Pete mesmo antes de ser preso por desvio de verbas. Usando o mesmo método que descobriste hoje, aprovava contas grandes e, depois, dividia os lucros com os contabilistas ambiciosos de alguns fornecedores. Ele é que se encarregava das contas, por

isso, demorámos algum tempo a descobrir. Mas não fizemos alarde da sua prisão. Duvido muito de que algum dos homens saiba. Jeff e eu queremos que as coisas continuem assim.

– Foi preso?

– Mantivemo-lo em segredo para não assustar os investidores e para deixar que a polícia fizesse o seu trabalho e descobrisse quantos fornecedores tinham participado.

– E a Andrews Tool and Die é outro desses fornecedores, mas só o descobriram agora – adivinhou ela.

– Exatamente. Nunca suspeitámos deles – observou-a por um instante, antes de continuar: – Marshal Andrews é meu cunhado.

– Oh!

– Sim, mas receio que «Oh!» não sirva para o descrever. Quero tratá-lo de forma diferente. Jeff não está de acordo, mas disse-me que só o contará às autoridades na segunda-feira.

– Não direi nada a ninguém – declarou ela.

– Discreta e competente – murmurou ele. Hesitou por um instante, antes de acrescentar: – Podias usar isto para negociar.

– Negociar o quê?

– O teu emprego. O teu silêncio em troca de um emprego.

Mandy sentiu que a raiva surgia no seu interior. Tirou os pés da cadeira e

levantou-se de um salto.

– És desprezível! Nunca me ocorreria fazer algo do género! Como podes sequer sugeri-lo?

De pé, ficava mais alta do que Jackson. Ele levantou o olhar para ela, quase hipnotizado. Tinha as faces rosadas e, em contraste, os seus olhos pareciam de um azul mais escuro e olhavam para ele com raiva. Apesar de ter o cabelo apanhado, resplandecia como um halo trémulo de indignação.

Tinha os lábios franzidos em sinal de desaprovação, mas Jackson já sabia como eram quando sorria. Por um instante, perguntou-se como seria tocar neles, se seriam quentes, doces e femininos.

Franzindo o sobrolho, levantou-se com a intenção de criar distância entre ambos. Imaginar como se sentiria se beijasse Mandy Parkerson não era para ele. Renunciara a pensar noutra mulher depois da morte de Sara. Imaginar um beijo parecia-lhe uma traição tremenda.

Mas tinham passado três anos e o seu corpo estava a traí-lo com a sua reação àquela mulher bela e apaixonada.

— Só disse que podias usá-lo, não disse que ias fazê-lo. Não quero que isto se saiba. Jeff e eu trataremos disto e avisaremos as autoridades, se for necessário. Mas quero falar primeiro com Marshal.

O facto era que Jackson não queria

acreditar em que o seu cunhado cometera tal crime. Esperava uma explicação e, em memória de Sara, tentaria descobrir se fora mesmo ele antes de o denunciar.

– Está bem – redarguiu ela, olhando para ele com ferocidade.

– É melhor que volte para o escritório – ela não disse nada. – Fica mais um pouco, se quiseses – acrescentou ele, retrocedendo para a porta, incapaz de desviar o olhar dela. Não sabia se devia dizer alguma coisa para reduzir a tensão ou simplesmente retirar-se.

– Estarei lá à uma.

– Está bem – concordou ele, abrindo a porta e saindo o mais depressa que conseguiu.

Decididamente, era melhor retirar-se. Além disso, ele também precisava de ficar a sós, longe daqueles olhos brilhantes e daqueles caracóis hipnotizantes. Se ela quisesse, conseguiria fazê-lo esquecer o seu nome.

No sábado, Mandy levantou-se às nove. Deleitou-se ao pensar que tinha dois dias inteiros só para ela. Embora isso não significasse que fosse relaxar por completo durante o fim de semana todo. Havia trabalho para fazer no escritório, se quisesse que estivesse perfeito para a reunião de segunda-feira, mas avançara muito graças ao facto de

Jackson não ter passado pelo escritório desde quinta-feira ao meio-dia.

Naquele dia, quando regressara ao escritório depois da sua conversa, estava furiosa. Jackson, aparentemente, tinha trabalho na obra. Mas também não aparecera na sexta-feira e Mandy começara a perguntar-se se estaria a evitá-la de propósito.

Depois de tomar o pequeno-almoço, foi a Julian. Queria comprar umas calças de ganga e algumas blusas e também tinha de ir ao supermercado.

A rua principal estava cheia de carrinhas e de carros estacionados junto da calçada. Quase todos os edifícios eram de madeira, embora de vez em quando visse um ou outro de tijolo. As

casas com alpendre eram muito populares nas cidades do Colorado e gostava de olhar para elas.

Continuou pela rua, vendo as montras. Finalmente, chegou ao café. Estava quase cheio e a maioria eram homens. Havia cinco ao balcão e quase todas as mesas estavam ocupadas. Reconheceu alguns trabalhadores da obra. Não conhecia mais ninguém. Havia duas mulheres a comer numa mesa, mas não parecia haver nenhuma que estivesse sozinha.

– Vais ou vens? – perguntou uma voz familiar.

Mandy virou-se e encontrou Jackson Witt. Sozinho.

Tentando não fazer caso do formigueiro que sentiu, sorriu animadamente.

– Ia entrar para almoçar, mas está cheio – não queria que soubesse que se sentia intimidada.

– Há algumas mesas livres – indicou ele, olhando por cima da cabeça dela.

– Vieste comprar alguma coisa? – perguntou ela.

– Vim buscar algumas coisas e pedir outras. Mas, neste momento, o que quero é almoçar.

– Oh!

Jackson olhou para ela por um instante e suspirou.

– Queres acompanhar-me?

Almoçar com Jackson Witt? Sentar-se à frente dele e falar durante mais de uma hora? O seu coração acelerou como se acabasse de correr. Sentiu um nó no estômago. Conseguiria comer alguma coisa com ele à sua frente? Do que falaria?

Ele inclinou ligeiramente a cabeça. Consciente de que os segundos passavam, Mandy assentiu. Respirou fundo.

— Parece-me bem — respondeu, educadamente. Tinha muita fome.

Ao entrar, as pessoas que estavam sentadas perto da porta levantaram o olhar, mas ninguém pareceu prestar muita atenção. Mandy procurou com

avidez uma mesa vazia e viu uma ao fundo. Sentou-se e olhou à sua volta, cheia de curiosidade.

O café tinha o chão de linóleo e as mesas eram cromadas. A decoração parecia dos anos mil novecentos e cinquenta. Sentiu água na boca ao inspirar o cheiro delicioso que enchia o ar. Uma empregada deixou-lhes os menus e copos de água.

Enquanto olhava para o menu, procurou desesperadamente um tema de conversa. Não tinham nada em comum. À exceção do seu antagonismo. Ele queria que ela se fosse embora.

— Já sabes o que queres?

Mandy desviou o olhar do menu e encontrou os olhos escuros dele fixos

nela. Engoliu seco. Só esperava que não percebesse como ela se sentia. Assentiu rapidamente e olhou à volta, à procura da empregada. Jackson fez-lhe sinal e a mulher aproximou-se.

Mandy pensou que Marc teria inveja do ar de comando que Jackson exibia. Nunca lhe faziam caso com tanta prontidão e desfrutou perversamente da ideia. Por muito que tentasse convencer-se de que o superara, a dor persistia.

— Onde está o pai do teu filho? — perguntou-lhe ele, diretamente, depois de fazerem o pedido.

Mandy pestanejou várias vezes, surpreendida. Não esperava algo do género.

– Vive em Denver.

– E?

– E o quê?

– Porque é que ele está lá e tu aqui?

Discutiram?

– Poderia dizer-se assim. Não quer ser pai.

Jackson olhou para o outro lado, mas uma expressão breve de dor atravessou o seu rosto antes de conseguir escondê-la com impassibilidade.

– Suponho que nem todos os homens queiram ter filhos – acrescentou ela.

– É um estúpido. Ser pai é a experiência mais incrível do mundo.

– Lamento muito que tenhas perdido o teu filho e a tua mulher.

Jackson semicerrou os olhos.

– Jeff contou-te?

– Não posso imaginar como deva ter sido horrível para ti – declarou ela.

– Continua a ser. Mas não costumo falar disso. E Jeff não tinha o direito de andar por aí a falar nas minhas costas.

– Não o fez com má intenção. Acho que tentava fazer-me compreender porque reagiste daquela forma quando desmaiei no outro dia – mexeu o copo e o gelo veio à superfície. – Perder um filho deve ser a pior coisa que pode acontecer a alguém. Não imagino o que seria perder este bebé. Ou abandoná-lo – redarguiu, com tanta suavidade que pensou que Jackson não a teria ouvido.

– Queria que o abandonasses? –
perguntou-lhe, surpreendido.

– Não, na verdade, queria que abortasse. Recusei-me. Um bebé não encaixava na sua ideia de vida perfeita. Eu também não.

– Estás a pensar em dar o bebé para adoção?

– Não! Nunca faria algo do género. Amo o meu filho. Faria tudo para não o perder – olhou-o nos olhos.

– Algumas pessoas, sobretudo mães solteiras, dão os seus filhos para adoção.

– Bom, eu não sou «algumas pessoas». Posso cuidar do meu filho e fá-lo-ei, não me importa que seja difícil.

Todas as empresas precisam de boas secretárias e eu sou boa.

– E modesta.

– Se sou boa, devo gabar-me – declarou, sorrindo abertamente.

– Planeias voltar para Denver?

– Provavelmente, não. Não há nada que me prenda lá. Posso viver onde quiser. Talvez procure um pequeno apartamento ou uma casinha aqui, em Julian. Assim, estarei perto quando a obra recomeçar na primavera.

Jackson olhou para ela, surpreendido.

– Ainda não passou a semana à experiência e já estás a pensar que trabalharás connosco na próxima primavera? Isso não acontecerá.

– Veremos – replicou ela. Desejava

que parasse de olhar para ela. Se continuasse assim, não conseguiria comer. O seu olhar firme fazia-a ser demasiado consciente dele e da sua masculinidade tremenda. Pela primeira vez em mais de quatro meses, olhava com interesse para um homem.

Teve de recordar o seu juramento: não voltar a relacionar-se com ninguém, exceto a um nível superficial. Era muito doloroso sentir-se ligada a alguém e, depois, ser abandonada.

— Talvez encontre um emprego na cidade. Julian parece um lugar agradável para criar um filho. Se fizer um bom trabalho para ti, achas que poderias escrever-me uma carta de

recomendação?

Jackson assentiu, percebendo, de repente, que não gostava da ideia de ela se ir embora. Mas isso não significava que quisesse que trabalhasse com eles na primavera. O que faria com o bebê durante o dia?

O que estava a acontecer-lhe? Em poucos dias, habituara-se ao seu sorriso brilhante e ao seu otimismo e energia inesgotáveis. Era uma mudança refrescante em relação à atitude displicente de Jeff.

Mantivera-se longe dela nos últimos dois dias, mas não conseguira tirá-la da cabeça. Até a sua rotina de relaxamento junto do lago falhara porque, inconscientemente, esperava que ela

aparecesse com algum problema.

Não gostava nada do rumo dos seus pensamentos.

– Não é de estranhar que quisesses vir para uma obra. Há imensos homens entre os quais podes escolher um para cuidar de ti e do teu bebé.

Previra a sua reação. Viu que corava violentamente e nos seus olhos azuis brilhava a chama da raiva. Até juraria que o cabelo dela se eriçara. No entanto, o seu autocontrolo era digno de louvor. Não fez nenhuma cena, não lhe atirou o copo de água à cara, nem saiu do café, furiosa. Limitou-se a inclinar-se para a frente, com os dentes cerrados.

– Essa é a insinuação mais estúpida

que alguma vez ouvi. És um néscio machista se pensas que as mulheres precisam de um homem para cuidar delas. Estamos no século vinte e um e sei cuidar de mim mesma.

– Então, não queres um homem?

– Não!

Jackson inclinou ligeiramente a cabeça. Decidiu que parecia estar a dizer a verdade.

– Ainda sentes alguma coisa pelo pai do bebé?

– Isso não te diz respeito, mas não. Quando me mostrou o tipo de homem que era, soube que não era o homem certo. Nunca foi, de qualquer forma, mas o seu interesse aparente e as suas demonstrações de afeto cegaram-me.

Costuma acontecer quando nunca se teve algo assim.

– O que é que nunca tiveste?

Ela desviou o olhar, olhou para o copo e, por fim, olhou para ele de soslaio.

– Amor.

– Foi o teu primeiro namorado? – perguntou ele. Era difícil de acreditar. Com aqueles caracóis loiros, aqueles olhos azuis brilhantes e o seu sorriso, partiria corações onde quer que estivesse.

– Isto é muito embaraçoso! Não quero discutir este assunto.

– Não estamos a discutir. Só tens de responder à minha pergunta.

– Marc não foi o meu primeiro namorado, mas foi o primeiro que pensei que ficaria ao meu lado.

– Portanto, a tua mãe não te avisou sobre os homens que queriam explorar o terreno?

– A minha mãe abandonou-me quando eu tinha cinco anos. Não voltei a vê-la. O meu pai abandonou-nos antes.

Jackson olhou para ela, perplexo. Mandy perdera a cor e não queria olhar para ele.

«Foi abandonada quando era criança? Como é que alguém consegue fazer algo do género?»

– O que aconteceu à tua mãe? – perguntou, incapaz de imaginar que

alguém pudesse abandonar um filho.

– Não tenho ideia. Disse-te que não voltei a vê-la. Um dia, levou-me aos Serviços Sociais e disse-lhes que não conseguia sustentar-me. Foi-se embora sem que ninguém pudesse detê-la.

– E nunca entrou em contacto contigo?

– Mandaram-me para um lar de acolhimento. Vivi com algumas famílias muito agradáveis, mas não é o mesmo que ter filhos próprios.

– Não é necessário um laço de sangue para se ser da família.

– Eu achava que sim quando era pequena.

Jackson ficou em silêncio enquanto tentava assimilar o que acabara de lhe contar. Perguntava-se se ele conseguiria

ter aquela disposição resplandecente se os seus pais o tivessem abandonado. Os seus pais sempre o tinham adorado e a sua disposição distava muito de ser resplandecente.

A empregada chegou com os seus pratos e deixou-os na mesa, mas Jackson nem reparou. Ainda procurava uma forma de responder à revelação de Mandy.

— Vens aqui todos os sábados? — perguntou ela, com a sua efervescência habitual. Estava claro que queria mudar de assunto.

Ele não queria. Queria saber mais. Mas fez o que ela queria. Não seria o fim da sua conversa. Embora ela não o

soubesse.

Acabaram de almoçar e saíram. Estava uma tarde ensolarada. Jackson sentiu uma vontade enorme de a beijar e de verificar se a pele banhada pelo sol era tão doce e quente como parecia.

— Oh! — exclamou Mandy, abrindo muito os olhos enquanto levava as mãos à barriga. — Meu Deus, que pontapé! O bebé está a dar cambalhotas dentro de mim — olhou para Jackson, com timidez. — Queres senti-lo? — hesitou.

Ele não queria. As lembranças tornavam-se demasiado dolorosas. No entanto, Mandy não esperou pela sua resposta e, agarrando-lhe a mão, pô-la sobre a sua barriga.

Definitivamente, era um belo pontapé.

Uma cotovelada, talvez. Sentiu novamente uma pontada de dor, mas, antes que pudesse afastar-se, Mandy sorriu, cheia de felicidade.

— Nunca pude partilhá-lo com ninguém. Não é maravilhoso?

Jackson manteve a mão sobre a barriga dela, partilhando o milagre da vida enquanto foi capaz. O tempo e o lugar tornaram-se imprecisos. Olhou para Mandy e viu Sara, embora não fosse a imagem nítida que costumava ser. A imagem aparecia um pouco distorcida, enquanto Mandy aparecia totalmente definida.

Então, afastou-lhe o cabelo da cara, deleitando-se com o toque acetinado

daqueles caracóis nos quais tanto desejava tocar.

— Cuida do teu bebé, Mandy. Aproveita cada minuto que passares com ele.

E, sem dizer mais nada, virou-se e afastou-se a passos largos, receando não conseguir suportar a angústia da perda.

Capítulo 5

Mandy ficou a olhar para ele, atónita devido à carícia. Levou a mão à face, sentindo ainda o calor dos seus dedos ao afastarem-lhe o cabelo. Ainda conseguia sentir a sua mão na barriga.

Não estava habituada a ser acariciada. Sentia a pele extremamente sensível e recetiva. Sentia um formigueiro e um desejo que nunca sentira.

Jackson Witt era um homem estranho. Duro e brusco, teimoso e decidido,

embora obviamente capaz de se mostrar carinhoso e perspicaz.

«Cuida do teu bebé, Mandy. Aproveita cada minuto que passares com ele.» As palavras ecoavam na sua mente. Lamentava tremendamente a dor que ele devia sentir devido à perda. Deveria ser menos dura com ele. Perguntou-se como teria mudado depois daquilo.

Parecia o tipo de homem que se preocupava com os outros, ao contrário de Marc, que só queria viver o momento e que tudo girasse em torno dele. Era incrível que não o tivesse percebido antes.

Mas, agora, estava à defesa. Não confiava no seu bom senso, nem sequer

acreditava que o tivesse tido alguma vez, e fora por isso que jurara não se envolver em mais relações, por muito que gostasse de pensar num homem que a adorasse e se preocupasse com ela, um homem com quem partilhar a sua vida.

Ela e o seu bebé teriam de se conformar com o facto de estarem sozinhos. Com essa ideia em mente, virou-se, decidida a explorar a cidade.

A meio da tarde, já estava cansada. Queria comprar comida e voltar antes de anoitecer. Poderia dar um passeio até ao lago, se tivesse vontade e tempo, mas achava que já tinha andado o suficiente.

Pouco depois, Mandy parou o carro junto da sua moradia temporária.

Jeff espreitou pela janela da caravana dele quando ela estava a sair do carro.

– Saio já para te ajudar.

– Posso fazê-lo sozinha – afirmou ela, abanando a mão.

Mas não devia tê-la ouvido porque, pouco depois, empurrava a porta da caravana dela com um saco de comida em cada braço.

– Não devias carregar estes sacos tão pesados. Da próxima vez, diz ao rapaz do supermercado para pôr menos coisas em cada um. São mais sacos, mas, se não estiver por aqui, pelo menos, conseguirás carregá-los.

Mandy disfarçou um sorriso e assentiu com ar grave. Os sacos não

eram assim tão pesados.

– Queres ir dar um passeio a seguir?

– Acho que já andei o suficiente por hoje. Percorri Julian de uma ponta à outra.

– Amanhã, então.

– Talvez à tarde. Quero acabar de preparar algumas coisas no escritório antes da reunião de segunda-feira. O que achas de um piquenique? Podíamos ir até ao lago e procurar um lugar para comer.

Adorava a tranquilidade que sentia naquele canto da montanha quando a equipa não estava a trabalhar. A beleza cristalina do lago relaxava-a.

– Parece-me bem, Mandy. Virei buscar-te por volta do meio-dia.

– A que horas chegarão as pessoas da Windhaven na segunda-feira?

– Espero que não antes do almoço. Costumam ir de avião até Grand Junction e depois vêm de carro até Julian. Aposto que almoçarão por lá. Foi assim que fizeram da última vez.

– Isso dá-me mais tempo, embora não ache que precise. Pensava que chegassem de manhã – declarou Mandy, enquanto acabava de arrumar as últimas latas.

– Nem pensar! Paul Norris gosta de comodidade. Quando tivermos alguns quartos acabados, ficará aqui, mas, até então, virá o mínimo possível. Julian não está ao seu nível, mas pior ainda é

dormir numa caravana. O que queres que leve para o piquenique? – acrescentou.

– Nada. Eu prepararei sandes e bebidas. Há uma manta grande no armário que parece perfeita. Deixar-te-ei transportar tudo até lá.

– Combinado! Até amanhã – despediu-se Jeff, dando-lhe uma palmadinha no ombro.

No domingo, bem cedo, Mandy dirigiu-se para o escritório para acabar de o arrumar. Limpou as mesas, as cadeiras e as estantes, e arrumou os papéis das mesas dos dois sócios. Depois, olhou à sua volta, cheia de orgulho. Tinha muito melhor aspeto do

que quando chegara há alguns dias.

Estava na hora de se arranjar para o piquenique. Vestiu uns calções de ganga e calçou umas botas grossas. Usava uma t-shirt larga cor-de-rosa que lhe ficava muito bem. Ainda não tinha uma barriga muito grande. Em breve, precisaria de t-shirts de pré-mamã, mas, até então, bastava-lhe vestir alguns tamanhos acima.

Pôs uma camisola dos Denver Broncos sobre os ombros. Sabia que voltariam antes de arrefecer ao fim da tarde, mas queria estar preparada. Depois de verificar se pusera tudo na cesta, esperou por Jeff, impaciente. Estava desejosa de ir passear com ele e de o conhecer um pouco melhor.

Passava dez minutos do meio-dia e Mandy começava a perguntar-se se a teria entendido mal ou se se teria esquecido. Na verdade, podia ir até à caravana. Ia fazê-lo quando bateram à porta. Só se atrasara.

Foi abrir a porta, sorrindo amplamente.

– Já pensava que...

Mandy parou e o seu sorriso apagou-se. Era Jackson.

– Jeff disse-me que precisavas que te levasse não sei o quê – explicou ele, olhando para ela com o sobrolho franzido.

– Onde está Jeff?

– Teve de ir a Grand Junction. Parece

que Norris e a sua comitiva decidiram chegar hoje. Pensam ficar a dormir em Julian e vir bem cedo amanhã.

– Pensava que viriam depois do almoço.

– Nós também. Algum problema?

– Não. O escritório está pronto. Obrigada por vires avisar-me sobre Jeff

– agradeceu. Sentia-se muito dececionada. Passara a manhã inteira à espera do piquenique.

– Do que precisavas?

– O quê? Oh... – encolheu os ombros, tentando esconder a desilusão. – Jeff e eu tínhamos decidido ir fazer um piquenique. Eu disse que prepararia a comida se ele carregasse a cesta até lá. Acha que não devo carregar nada mais

pesado do que um lápis.

– Um piquenique? – Jackson repetiu-o com estranheza.

– Tencionávamos ir até ao lago e procurar um lugar ensolarado para comer. Tu sabes, um piquenique. Comer ao ar livre.

– Sei o que é um piquenique, só que ninguém o faz por aqui.

– Bom, eu tenho intenção de o fazer – afirmou ela, levantando o queixo. Só porque Jeff não podia acompanhá-la, não queria dizer que não pudesse fazê-lo sozinha. A comida e a manta também não pesavam assim tanto.

– Eu irei contigo – anunciou ele.

– O quê? – perguntou ela. Era a

última coisa que ela esperava.

– Para levar as coisas. A menos que não queiras.

Jackson num piquenique com ela? Sozinhos? Custava-lhe bastante não pensar no que acontecera fora do café no dia anterior. Já para não falar das reações estranhas que lhe despertava!

– Isso seria ótimo! – exclamou ela, tentando mostrar entusiasmo. – Achas que poderás parar o trabalho durante algumas horas?

– Não trabalho vinte e quatro horas por dia, nem sete dias por semana. Ninguém trabalha ao domingo, a menos que a obra esteja tão atrasada que não possa ter-se um dia livre. E, por enquanto, estamos a seguir o planeado.

Onde está a cesta?

Mandy afastou-se para o deixar entrar e apontou para a cesta que havia sobre a mesa da cozinha.

– Pesa – comentou ele, colocando-a sem esforço debaixo do braço, enquanto pendurava a manta ao ombro.

– Não sabia do que Jeff gostava, nem quanto comia, portanto, fiz três tipos de sandes, tenho dois tipos de batatas fritas, f r u t a , *brownies*, refrigerantes e guardanapos. E uma garrafa de cidra e copos. Pensei que podíamos brindar a uma reunião proveitosa com as pessoas da Windhaven – confessou, embora um pouco hesitante. Pensou que, provavelmente, Jackson pensaria que

estava louca, mas queria fazer parte da equipa e sabia que Jeff teria apreciado o gesto. – Mas podemos deixá-la, se quiseses.

– Eu gosto de cidra.

– Oh...

– Disseste *brownies*? Caseiros?

– É claro! Gostas?

– Adoro. Não os como desde... – franziu o sobrolho e dirigiu-se para a porta. – Há muito tempo.

– Qual é o melhor caminho para o lago? – perguntou Mandy.

As mãos tremiam-lhe um pouco enquanto fechava a porta. Não podia acreditar que ia almoçar outra vez com Jackson. Dois dias seguidos!

Perguntou-se se a acariciaria

novamente, se lhe afastaria o cabelo da cara e a apertaria contra ele para a beijar. Beijá-la! Se os seus pensamentos estavam a seguir aquele rumo, tinha um problema e grave!

– Iremos pela direita – afirmou ele, abrاندando o passo para que ela o acompanhasse.

Exatamente o sentido oposto ao que ele seguia todos os dias depois do trabalho. Perguntava-se para onde iria e se haveria algo lá que não quisesse que ela visse.

Mas estava decidida a divertir-se, apesar do desconforto que sentia. O lago resplandecia com o sol. De um azul profundo, parecia perder-se de vista. As

árvores que o rodeavam eram de um tom verde-escuro e de tronco alto. Não se ouviam pássaros, embora ouvisse os barulhos dos esquilos nos ramos das árvores e até o som de algum animal a esconder-se entre a folhagem um pouco mais longe.

Caminharam em silêncio e Mandy decidiu que não o quebraria. Não lhe pedia que a acompanhasse. Ele oferecera-se, portanto, deixaria que ele iniciasse a conversa. Além disso, não sabia do que falar.

Depois de mais alguns minutos, incapaz de continuar a suportar o silêncio, disse que o lago estava bonito. Olhou para ele de soslaio. Viu que tinha um ar tenso, os olhos semicerrados para

os proteger do sol e que olhava em frente. A julgar pela atenção que prestava ao que havia à volta, era como se atravessassem um túnel.

Mandy parou de repente e levantou uma mão.

– Eu levarei a minha comida e a manta. Podes voltar para trás.

– O quê? – perguntou ele, parando alguns passos mais adiante. – Do que estás a falar? Pensei que tínhamos vindo fazer um piquenique.

– Qualquer um diria que vão executar-te. Supostamente, um piquenique é divertido. Posso ir sozinha. Não preciso que te incomodes em acompanhar-me!

– Não é um incómodo. Não almocei. Comeremos o que fizeste.

– Sei que não és capaz de sorrir, mas, pelo menos, não franzas o sobrolho ou pensarei que estás tremendamente aborrecido.

Pareceu relaxar um pouco.

– E importa se estou a divertir-me ou não? – perguntou.

– Está um dia maravilhoso, estamos num lugar singular. Mesmo que não seja verdade, finge que estás a divertir-te – replicou ela, encolhendo os ombros.

– Estou a divertir-me – declarou, com alguma surpresa, olhando à sua volta.

– Ainda bem. Fico contente – redarguiu ela e, sorrindo, recomeçou a

andar, quase tão surpreendida como ele parecia estar. Um instante depois, virou-se e viu que continuava parado no mesmo lugar, e estava a olhar para as pernas dela!

Ao perceber que ela parara, levantou o olhar e dirigiu-se para ela. Mandy sentiu uma onda de orgulho feminino. Sentia-se desajeitada à medida que ganhava peso.

– Quanto tempo queres andar antes de pararmos para comer este banquete? – perguntou, alguns minutos depois.

– Não tinha pensado em nada. Simplesmente, pensei que podíamos parar quando encontrássemos um bom lugar.

– Assim fala uma mulher que não tem

fome ou que é demasiado melindrosa com as palavras.

– Tens fome, hã? – perguntou ela, rindo-se.

– Sim. E não paro de pensar nos *brownies*.

– Que tal ali, então? – perguntou ela, apontando para um lugar espaçoso junto da margem.

A camada de caruma formava uma superfície fofa que seria muito confortável para se sentarem e o sol que penetrava entre as árvores era agradável.

Jackson estendeu a manta sem esforço e sentou-se numa ponta, depois de pôr a cesta no meio. Mandy ajoelhou-se à

frente dele e começou a tirar a comida. Foi espalhando as coisas pela manta e deixou que escolhesse as sandes e as batatas fritas. Sem dizer uma palavra, abriu a garrafa de cidra e encheu dois copos.

– Brindo a acabar na data prevista e a não ultrapassar o orçamento! – brindou ela, oferecendo-lhe um copo ao mesmo tempo que levantava o dela.

Brindaram e Jackson bebeu o copo todo. Comeram num silêncio agradável. Jackson olhava para o lago, mas, pela sua expressão, Mandy tinha a sensação de que não estava a apreciar a vista.

Ela, no entanto, estava a divertir-se muito. Adorava ouvir o rumor suave da água a acariciar a margem. Continuava a

ouvir-se ruídos entre as árvores. No céu, um falcão voava em círculos. Até o homem calado que tinha ao seu lado contribuía para a sua alegria. Apesar da falta de entusiasmo dele, o dia era perfeito.

– Foi uma refeição perfeita, Mandy. Obrigado – elogiou, ao ver que estava a olhar para ele.

– Obrigada por teres vindo. Disseste que Jeff foi a Grand Junction. Quando é que o senhor Norris telefonou?

– Ontem. Havia uma mensagem no atendedor de chamadas quando ele foi ao escritório depois de voltar de Julian. Jeff ofereceu-se para ir buscá-los.

– Oh...

Mandy pensou que Jeff podia tê-la avisado na noite anterior ou até mesmo de manhã antes de sair e que não o fizera. Perguntava-se porquê.

Olhou para Jackson. Talvez Jeff pensasse que, se almoçassem juntos, conseguiriam limar as arestas e assim trabalhariam em harmonia. Devia ter dito a Jeff que já tinham almoçado juntos no dia anterior. Que a sua relação estava bem, um pouco delicada, mas que Jackson ainda não a despedira.

– Costumas fazer isto? – perguntou Jackson.

– Não, há anos que não o fazia. Mas isto é tão bonito... Há tanta calma. Pergunto-me se será muito diferente

quando o hotel estiver em pleno funcionamento.

– Suponho que sim, mas é o progresso. Vem vê-lo quando estiver acabado e compara.

– Com os preços que terão, será uma estadia muito curta!

– Hum... – disse, saboreando um *brownie*.

Mandy observou-o e Jackson comeu um segundo *brownie*. Depois, ficou a olhar para o lago. Parecia estar a pensar.

– Passa-se alguma coisa? – perguntou ela, finalmente.

– Não – respondeu ele, olhando-a de soslaio.

– Não pareces estar a divertir-te.

– Estou bem.

– Algum problema na obra? – perguntou ela, depois de esperar alguns minutos.

– Não.

– Estás preocupado com a inspeção da Windhaven?

– Não. Esquece, Mandy.

Mandy respirou fundo, procurando mais alguma coisa para dizer.

– A Andrews Tool and Die! – exclamou. – Falaste com ele? – ele assentiu bruscamente. – E?

– E o que queres saber? Estava a desviar fundos. Sabíamos. Alguma razão legítima? Não.

– E vais denunciá-lo às autoridades?

– Já o fiz, ontem de manhã.

– Lamento.

Ele encolheu os ombros. Depois de alguns minutos, continuou a falar.

– Pensava que não o faria.

– Devido aos laços familiares?

– Sim. Pensou que não o faria porque fui casado com a irmã dele. Pensou que fecharia os olhos às suas atividades ilegais.

– Não te conhece muito bem, pois não?

Jackson olhou para ela.

– O quê?

– A desonestidade não condiz contigo.

Jackson ficou a olhar para ela durante

um bom bocado.

– Lealdade à família, culpa, o que quer que seja, mas pensou que o encobriria.

– Onde está a sua lealdade à família?
– perguntou ela, suavemente. – Eu não tenho família, mas até eu sei que não enganarias a tua família e amigos.

Jackson olhou para ela durante um instante.

– É verdade. Ameaçou dizer que eu estava envolvido desde o início.

– Como se alguém fosse acreditar! Apesar de estar aqui há poucos dias, depois de falar com alguns fornecedores e com o departamento de obras, sei que a tua reputação é impecável. Um homem desesperado pode espalhar todos os

boatos que quiser, mas isso não quer dizer que os outros acreditem.

Jackson desatou a rir-se. Mandy ficou atordoada e susteve a respiração. Quando se ria, era o homem mais bonito que alguma vez vira.

Os homens não se importariam, mas qualquer mulher pararia ao vê-lo para admirar semelhante espécime de beleza masculina.

– És única, Mandy Parkerson! Doce e bonita como um dia de verão, e a usar essa linguagem. Não condiz contigo.

«Doce e bonita?» Mandy engoliu em seco, sentindo-se repentinamente tímida. Começou a arrumar as coisas, sem saber se devia sentir-se lisonjeada ou furiosa

por ele estar a rir-se dela.

– Quando é preciso dizer claramente as coisas, consigo fazê-lo.

Os olhos dele dançavam com uma expressão divertida, mas conteve-se de lhe responder.

Depois de arrumar tudo, Jackson deitou-se na manta e fechou os olhos, enquanto ela observava o lago com atitude sonhadora, pensando se alguma vez voltaria àquele lugar quando o hotel estivesse acabado. Talvez. Mas recordaria sempre aquele piquenique e o elogio que lhe fizera, sobretudo, porque sabia que não costumava fazer elogios.

Então, olhou para ele. Parecia estar a dormir. Debateu-se com a ideia de se deitar também, embora a comida lhe

tivesse dado energia. Já não estavam à sombra. Agora, sentia calor. O lago chamava-a.

Levantou-se e aproximou-se da margem. Molhou a mão para experimentar a temperatura da água. Estava morna. Cedendo ao impulso, tirou as botas e as meias e entrou a pouco e pouco na água. Começou a andar, vendo onde punha os pés, caso houvesse alguma rocha.

Avançou mais um pouco. A água estava mais fresca à medida que avançava. A água já lhe chegava aos joelhos. Ao caminhar, ia levantando a lama do fundo, o que fazia com que a água ficasse turva. A uma certa

distância, a água era cristalina e viu algumas carpas a saltar.

De repente, pisou uma pedra coberta de lodo e escorregou. Numa tentativa de manter o equilíbrio, apoiou as mãos no fundo e molhou a roupa.

– O que raios estás a fazer? – gritou Jackson, atrás dela.

Ela tentava levantar-se e o barulho de um chapinho atrás dela avisou-a da chegada de Jackson. Segurando-a pelos braços, endireitou-a sem esforço e virou-a, apertando-a contra o peito.

– Tens menos juízo do que uma galinha. O que estavas a fazer? – perguntou ele, quase aos gritos.

– Estava a refrescar-me um pouco. Está calor. Não imaginei que o fundo

estivesse tão escorregadio – explicou ela, agarrando-se a ele. Estava a molhar-lhe a camisa com as mãos, mas ele não se afastou. O seu coração estava acelerado, embora não soubesse dizer se se devia ao susto ou à proximidade de Jackson. – Acho que consigo chegar sozinha à margem – declarou, recuperando o equilíbrio. Um passo e encontrou outra pedra escorregadia. Instintivamente, agarrou-se a ele.

Praguejando, pegou-lhe ao colo e tirou-a da água em três passadas. Tinha as botas e as calças encharcadas.

– Precisas de uma ama. Afasta-te da água! Não admira que o teu namorado se tenha ido embora. Na verdade, só dás

problemas. Pões-te em perigo e pões o teu filho em perigo sem necessidade. Vens trabalhar para este lugar remoto, totalmente inapropriado para uma mulher e ainda mais estando grávida. E, ainda por cima, não tens cuidado! E se tivesses caído ou batido com a cabeça numa rocha? Podias ter-te afogado!

Jackson estava com as mãos apoiadas nas ancas, olhando para ela com fúria enquanto gritava. Mas Mandy ficou a olhar para ele sem ceder. Tinha razão, embora lhe parecesse que era uma reação exagerada. E o comentário sobre Marc magoara-a. Ele não se fora embora por algo que ela tivesse feito, exceto ficar grávida.

– Isto não vai funcionar! Não posso

tratar da obra, de uma investigação de um desfalque e vigiar-te ao mesmo tempo!

– Ninguém te pediu para me vigiares. Não te preocupes comigo. Há muito tempo que vivo sozinha e assim continuarei.

– Tens de ir, Mandy, antes que te aconteça alguma coisa grave.

– Não comeces outra vez com isso, Jackson Witt! Não vou a lado nenhum. Estou muito bem. Não tens de fazer de minha ama. Não preciso de ti, nem de ninguém. Não sou tua responsabilidade.

– Pela minha experiência, talvez seja melhor – declarou ele, cerrando os punhos.

E começou a andar para o acampamento. Mandy deixou-o ir. Então, recordou que Jeff lhe dissera que Jackson se sentia culpado por não ter podido proteger a sua mulher e o seu filho.

Pegou nas botas e nas meias, e aproximou-se da manta. Secou os pés e calçou-se. Depois, dobrou a manta, pegou na cesta e levantou-se, desejando que o passeio não tivesse acabado tão mal.

Talvez tivesse sido um pouco insensata ao entrar tanto na água. Podia ter molhado apenas os pés. Não havia rochas escorregadias na margem.

Ao contornar a curva, viu que Jackson

caminhava para ela. Sem dizer uma palavra, tirou-lhe a cesta e a manta.

— Lamento ter-te zangado — desculpou-se ela, depois de respirar fundo. — De futuro, não entrarei na água. Pelo menos, até o bebé nascer. Vou ser mais cuidadosa. Não farei nada que possa magoá-lo — ele assentiu e começou a andar. — Então, fico? — perguntou ela, correndo um pouco para o alcançar.

— Pelo menos, até acabar a visita de Norris.

— Pelo menos, até pararem para o inverno — corrigiu ela.

Caminharam no meio de um silêncio incómodo. Naquela tarde, não haveria nada de carícias, nem de momentos

doces. Quando chegaram à sua caravana, sentia-se profundamente dececionada e desanimada.

– De futuro, mantém-te afastada do perigo. Confiarei em que vais cuidar de ti. Mas estarás sozinha. Estar ao teu lado é uma ameaça tremenda para a minha prudência.

Capítulo 6

Jackson entrou no escritório e fechou a porta atrás dele. Ficou ali um instante, habituando a vista à luz ténue. Praguejou, pensando que devia ter pedido mais pormenores a Jeff quando ele lhe dissera para ir ajudar Mandy.

Aquilo fora uma armadilha. Jeff estava a fazer o possível para o convencer de que Mandy Parkerson devia ficar. Mas Jackson não sabia quanto mais tempo conseguiria suportar o redemoinho emocional que lhe

causava.

Estivera bem nos últimos anos, trabalhando e encontrado uma distração todos os dias ao entardecer. A dor horrível da perda parecia acalmar. E assim conseguira avançar dia após dia. Até àquele momento, nenhum sorriso sedutor ou caracóis dourados pelos quais desejava passar os dedos o tinham perturbado.

Aproximou-se da sua mesa e observou o escritório. Tinha de admitir que Mandy era boa no trabalho. Teria preferido que fosse como ele pensara de início. Mas, em vez de tentar seduzir os homens da obra, esforçara-se para organizar o escritório num tempo recorde. Ignorara todos os homens e

despertara o interesse dele.

Só desejava que se limitasse a fazer o seu trabalho e que não o metesse ao barulho. Mas tinham tido de se encontrar em Julian, tinham almoçado juntos, ela falara daquela cidade perdida num tom entusiasmado e partilhara com ele a sua história de uma infância solitária e triste, tão diferente da dele.

E, no entanto, tinham ido parar ao mesmo lugar, fugindo dos golpes da vida. Isso poderia servir para os unir. Mas ele não queria nenhum tipo de ligação com ela! Queria continuar a viver a mesma vida, sem complicações, nem responsabilidades.

Falhara uma vez, à sua mulher e ao

seu filho por não os proteger, e a si próprio por não evitar que lhe partisse o coração. Não tinha forças para tentar novamente.

O trabalho servira-lhe para suportar a vida sem Sara e sem Sammy, e agora ajudá-lo-ia a suportar aquela nova crise. Só faltavam dois meses para interromperem o trabalho no inverno. Tinha a certeza de que conseguiria aguentá-lo, de que conseguiria ignorar a presença feminina e aquelas pernas fantásticas que vira há pouco, e de que conseguiria esquecer o fascínio que sentia pelo cabelo dela. Ignorar, rejeitar, negar o despertar dos seus impulsos sexuais cada vez que estava perto dele.

Na segunda-feira de manhã, Mandy vestiu as suas calças de ganga e calçou as suas botas novas. Tentou domar o cabelo e prendeu-o com um elástico. Esperava parecer uma secretária competente. Não conseguia enfrentar a possibilidade de o senhor Norris também pensar que ela devia ir-se embora. Por um instante, considerou a possibilidade de não aparecer, mas isso não seria muito profissional. Não dececionaria Jeff. Ela também fazia parte da equipa e, agora, tinha o mesmo aspeto que eles.

Chegou ao escritório às oito horas. Jackson só apareceu quando a delegação da Windhaven chegou, depois de se

certificar de que estava tudo bem na obra. Jeff entrou primeiro, fazendo sinal aos outros para que entrassem.

Primeiro, entrou um homem alto e magro com o cabelo grisalho. Mandy pensou que o seu fato escuro estava totalmente deslocado ali entre tantas calças de ganga e chapéus. Completava o traje com uma camisa branca e uma gravata verde-escura.

Depois, entrou um homem mais jovem, com uma pasta numa mão e o portátil na outra. Ele também vestia um fato escuro e tinha uma gravata de tom sério.

O terceiro membro da delegação era uma mulher. Alta e magra, com o cabelo escuro e curto, usava um fato cinzento e

a saia chegava-lhe a meio da coxa, deixando à vista umas pernas espetaculares, realçadas pelos sapatos de salto alto. Não usava blusa, só se via um toque insinuante de renda no decote profundo em «V» do casaco. Era o estilo perfeito para uma mulher que tinha um cargo alto numa empresa.

Mandy pensou que Jackson devia vigiá-la para que não distraísse os seus homens.

A mulher estava maquilhada de forma impecável e parecia muito segura de si mesma. Deu uma olhadela rápida à sua volta. Então, viu Mandy e arqueou uma sobrancelha perfeitamente depilada.

Jackson encerrava a comitiva.

As apresentações fizeram-se rapidamente. Deirdre Evans representava o departamento de Relações Públicas da Windhaven. Esboçou um sorriso rápido e falso a Mandy.

Paul Norris não se mostrou surpreendido. Jeff devia tê-lo informado.

George Peters, o contabilista, mal lhe prestou atenção. Estava demasiado ocupado a ligar o portátil.

– Não sabia que tinhas uma secretária – disse Deirdre a Jackson, quando se sentaram à mesa que Mandy lhes preparara no meio do escritório. A mulher aproximou a cadeira da de

Jackson. – Não vos causa complicações? – acrescentou.

Mandy ficou na sua mesa. Não precisavam dela na reunião, mas também não podia desaparecer. Tinha coisas para fazer. E queria estar presente, caso precisassem de mais café.

– Está cá há pouco tempo – respondeu Jackson.

Mandy susteve a respiração, mas Jackson não acrescentou que se iria embora em breve.

– Deve ser muito interessante trabalhar numa área tradicionalmente masculina – disse Deirdre a Mandy.

– Na verdade, sou apenas a secretária, uma área tradicionalmente feminina. Não trabalho na obra, só no

escritório.

Deirdre sorriu novamente e esqueceu-a. Mandy pensou que, evidentemente, não a considerava uma rival. E não podia culpá-la. Talvez não fosse muito apropriado vestir calças de ganga, mas os seus vestidos também não transmitiam sofisticação. Nisso, Deirdre ganhava-lhe.

Mandy passou a manhã a tentar concentrar-se no seu trabalho, mas parecia incapaz de não prestar atenção à reunião. Ouvia sobretudo quando Jackson falava. E, pelos vistos, não era a única. Deirdre, literalmente, ignorava os outros e só se concentrava nele.

À medida que se aproximava a hora

de almoço, Paul Norris disse que queria voltar a Julian para almoçar. Mandy reparou que nem Jeff nem Jackson se opunham, mas não sabia se era porque a reunião já acabara ou porque se alegravam com o intervalo.

– Eu irei com Jackson – anunciou Deirdre, sorrindo provocantemente. – Assim, poderá falar-me mais de tudo. Preciso de toda a informação que possa aproveitar para a nossa estratégia de marketing.

Mandy tinha a sua própria opinião sobre o que ela queria realmente aproveitar. A julgar pela expressão de Jackson, suspeitou que não lhe apetecia muito estar com aquela mulher e muito menos durante o trajeto até Julian.

– Com licença. Jackson, esqueceste-te da chamada de que estás à espera? Jasper disse que era urgente – interrompeu Mandy.

Jackson podia aceitar a tábua de salvação ou não, mas ela fizera o que podia.

Ele olhou para ela e assentiu, respirando fundo.

– Tinha-me esquecido de que era hoje. Terei de ficar – olhou para Paul. – Quando voltarem, iremos ver a obra. Assim, verás os progressos e responderei a todas as tuas perguntas – levantou-se e olhou para Deirdre. – Mandy mostrar-te-á tudo. Não acho que devas ir à obra com esses sapatos.

– Voltaremos por volta das três. Uma volta curta pela obra bastará. Verificámos os progressos enquanto vínhamos para aqui. Deirdre, falar com Mandy talvez te faça bem para veres este lugar do ponto de vista de uma mulher.

Deirdre não parecia muito contente, mas manteve a compostura e limitou-se a assentir afavelmente, embora a raiva se notasse nos seus olhos.

– Sou uma mulher, Paul, caso te tenhas esquecido. Mas outro ponto de vista não seria mau.

Mandy sabia que ela não entrava nos planos de Deirdre. Qualquer comentário que pudesse fazer seria ignorado.

Quando os quatro se foram embora, Jackson apoiou-se contra a sua mesa, cruzou os braços e olhou para Mandy.

– Devo-te uma bem grande.

– Não te apetecia muito almoçar com Deirdre?

– Nem ir até Julian com ela. Que tubarão! Elegante e mortífera. Quem raio é Jasper?

Mandy sorriu e encolheu os ombros.

– Não tenho ideia. Foi o primeiro nome que me ocorreu. Mas uma boa secretária sabe quando atirar uma tábua de salvação ao seu chefe.

– Não o esquecerei. Apetece-te mostrar tudo a Deirdre depois? Provavelmente, devia ter-to perguntado

antes de dizer que o farias.

– Mas não tinhas opção. Não faz mal. Podemos ir ao lago. Ainda que tenha aqueles sapatos – redarguiu ela, evitando o resto da sua opinião sobre a roupa inapropriada para inspecionar uma obra. – No entanto, algo me diz que quererá dar uma volta pela zona onde ficará o átrio principal, para que possa escrever sobre a vista maravilhosa. E onde ficará a piscina, para que possa dizer que este lugar é uma pérola e...

– Estou a ver... Se se puser com muitas exigências, Jeff encarregar-se-á dela. Jasper vai pedir-me algo muito urgente que não posso deixar de fazer – lançou um olhar divertido a Mandy. – Pete nunca foi tão rápido.

– Suspeito que tivesses outras prioridades – comentou ela.

– A quem o dizes... Hoje, estás diferente.

– Apanhei o cabelo e estou de calças de ganga.

– Porquê?

Ela pestanejou, surpreendida. Pensava que ele agradeceria que o seu aspeto se adequasse mais ao lugar.

– Para me adaptar melhor ao ambiente e para não se notar a minha presença – explicou ela, perguntando-se se não estaria a revelar demasiado.

– Isso não acontecerá – declarou ele, abanando a cabeça, e, endireitando-se, dirigiu-se para a porta. – Vai almoçar.

Voltairão mais cedo do que a minha paz de espírito desejaria. Vou certificar-me de que esteja tudo pronto para a inspeção.

Mandy assentiu e viu-o a afastar-se. O coração dela parara. Fizera o correto e ele sabia-o.

Mandy encontrou-se com Jackson à porta do escritório, vinte minutos depois de Jeff ter ido acompanhar a delegação da Windhaven a Julian. Dormiria lá para os levar a Grand Junction no dia seguinte.

– Correu bem? – perguntou ela.

– Tão bem como seria de esperar, suponho – respondeu Jackson. – Pelo

menos, só tencionam voltar na primavera, a menos que aconteça alguma coisa.

– Como uma nova vista do átrio – brincou Mandy, suavemente.

– Meu Deus, estou exausto... Estar com eles é pior do que trabalhar à chuva. Vou para casa.

Mandy viu-o a afastar-se e virou-se para fechar o escritório.

Bill e Moose cumprimentaram-na com a mão. Tommy cumprimentou-a quando se aproximava da sua caravana. A pouco e pouco, ia conhecendo os homens. Mas, sempre dependente do que Jackson pudesse pensar, não tentava travar amizade com nenhum.

Passou pela caravana de Jackson a

caminho da sua. Perguntou-se se iria dar o passeio diário. Já quase anoitecera. Quando estava a entrar na sua caravana, teve uma ideia. Levar-lhe-ia mais alguns *brownies* dos que fizera no sábado. Se não, acabaria por os comer todos e não precisava de engordar mais.

Preparou um prato e tapou-o com celofane, mas hesitou. Talvez considerasse que estava a tentar dar-lhe graxa. Mas, sem se deixar convencer, saiu. Se não estivesse lá, deixaria o prato nos degraus. No entanto, Jackson abriu a porta.

– Pensei que talvez gostasses de uma coisa especial depois da reunião. Não há nada como o chocolate para nos

animar.

Jackson olhou para o prato e, depois, para Mandy. Depois de um instante, abriu mais a porta.

– Entra.

Assim que entrou, Mandy verificou que a sua caravana era mais recente, maior e mais bem acondicionada do que a dela. O que tinha sentido. Era a casa dele. Perguntou-se se a teria comprado depois da morte da esposa.

Mandy dirigiu-se para a cozinha para deixar o prato e ia voltar para a sala quando viu a fotografia de uma mulher e um menino. Evidentemente, a família de Jackson.

Olhando para ele de soslaio, aproximou-se e pegou na fotografia.

Sara tinha o cabelo preto curto e uns olhos escuros que pareciam sorrir. Sammy era um menino lindo, com o cabelo escuro espetado e o nariz coberto de sardas.

– Foi uma fotografia da escola. Tiraram-na juntos porque ela trabalhava na escola e ele começara a frequentá-la. Duas semanas antes do tiroteio – explicou ele, com tom de voz tenso. – Chegou pelo correio no dia do funeral.

– Lamento – replicou ela, pondo a fotografia no seu lugar.

– Sim, todos o lamentam, mas isso não nos trará de volta.

Mandy desejou poder dizer alguma coisa, mas não tinha palavras para

suavizar a sua dor. Nada lhe devolveria a sua mulher e o seu filho.

– É melhor ir andando – replicou ela, dirigindo-se para a porta.

– Queres jantar aqui? – perguntou ele, quando ela já tinha a mão na maçaneta.

Mandy olhou para ele, surpreendida. Jackson estava a convidá-la para ficar?

– Não é grande coisa, só esparguete, mas há muito. E pão de alho – disse.

Parecia inseguro e sozinho. Mandy sentiu-se comovida. E, além disso, também gostaria da companhia.

– Parece-me delicioso.

Assim que o disse, Jackson perguntou-se porque o fizera. A julgar pelo sorriso dela, estava contente. Ele era um estúpido.

– Queres ajuda? – perguntou ela.

– Consigo fazê-lo sozinho, a menos que queiras salada. Não sei fazer.

– Eu sei. O que achas de eu fazer uma salada e voltar daqui a vinte minutos?

– Está bem.

Viu-a a ir-se embora e dirigiu-se para a cozinha. Estava farto de jantar sozinho. Com frequência, convidava Jeff. Tentou pensar que Mandy era apenas mais uma colega de trabalho.

Enquanto fazia o jantar, tentou manter a mente em branco ou concentrar-se na reunião. Os donos do complexo hoteleiro estavam satisfeitos com a J&J. Mandy era uma boa funcionária, o que ela já sabia. Tinha vontade de sorrir

cada vez que se lembrava da artimanha dela para que evitasse o almoço. Devia-lhe uma por isso e pelos *brownies*.

O jantar era simplesmente uma maneira de retribuir o favor. Não era um encontro, nem nada parecido. Jantava com Jeff muitas vezes. Mas claro que Jeff não ameaçava o seu equilíbrio, não despertava o interesse e a atração há muito tempo adormecidos, nem lhe fazia ferver o sangue quando se ria ou quando olhava para ele com aqueles olhos azuis.

Os olhos de Sara eram escuros. Tal como os de Sammy.

Mandy não era como Sara.

Por um instante, não conseguiu recordar Sara. Olhou para a fotografia. Estava ali, tão bonita como sempre.

Como sempre seria. Não podia esquecê-la. Tinham estado juntos durante a vida quase toda. Parecia-lhe uma traição pensar noutra mulher.

«Tenho de continuar com a minha vida.» As palavras ecoavam com tanta clareza na sua mente que quase deixou cair a faca. Seguiria em frente com a sua vida. Fora por isso que vendera a sua casa e montara um negócio com Jeff, aceitando projetos que outras construtoras rejeitavam porque ficavam em lugares remotos. A sua casa era agora a sua caravana.

A pancada na porta chegou demasiado cedo. Mandy sorria, hesitante, como se não soubesse se era bem-vinda. Ele

assentiu, tentando recordar as regras da boa educação.

– Trouxe dois temperos diferentes, porque não sabia de qual gostarias. Usei muitos vegetais frescos. Eu gosto muito, mas é difícil consegui-los nesta época.

– Não costumo fazer salada, mas essa tem muito bom aspeto. Obrigado.

Mandy entrou na cozinha, sentindo-se menos coibida.

– Pensei que podíamos comer na bancada – acrescentou ele, pensando que assim pareceria menos um encontro.

– Onde estão os talheres?

– Naquela gaveta – indicou ele, apontando para as gavetas da cozinha.

– Sei que como por dois, mas isto é comida para uma semana! – protestou ao

ver o seu prato.

– Come o que quiseses. Estou habituado ao apetite de Jeff – explicou Jackson, cujo prato estava ainda mais cheio.

Comeram em silêncio, sem falar. Depois de Deirdre ter tentado seduzi-lo ao longo de todo o dia, era uma mudança agradável.

Mas, embora Mandy não dissesse nada, tinha consciência da sua presença. O seu cheiro, leve e doce, parecia infiltrar-se subtilmente no ar. Tinha a pele clara, levemente rosada. Continuava com as calças de ganga e a blusa, mas nela tinham um aspeto sexy em vez de prático.

Desviou o olhar, repreendendo-se por pensar que ela estava sexy.

O seu cabelo parecia dançar quando olhava à volta, observando a casa. Perguntou-se o que acharia. Era mais luxuosa do que a dela, mas não deixava de ser temporária. Nenhuma fotografia, exceto a de Sara e Sammy. Nada dos enfeites de que as mulheres tanto pareciam gostar.

– Está delicioso! Jeff e tu comem juntos com frequência?

– A maioria dos dias. Livra-nos de cozinhar todos os dias. Eu gosto especialmente dos dias em que ele cozinha.

– Porque dás um passeio até ao lago

todos os dias?

– Gosto da tranquilidade ao fim do dia – respondeu ele. Pareceu hesitar por um instante, mas continuou: – Eu e Sara costumávamos passar algum tempo juntos antes do jantar.

– É um hábito bonito. Suponho que hoje não tenhas podido fazê-lo – o seu tom de voz era amável, mas não era de compaixão.

Ele assentiu. Quando estava no lago, conseguia imaginar que Sara estava ao seu lado.

– Como era?

– Sara?

– Sim. Era muito bonita. Vi-a na fotografia. Recorda-me alguém, mas não sei quem. Era alta ou baixa?

– Era alta, um metro e setenta e sete. Quando calçava saltos, ficava quase tão alta como eu.

Mandy suspirou. Ela sempre desejara ser alta e esbelta. E sofisticada, como Sara e Deirdre.

– Recorda-me Deirdre. São parecidas, não achas? E Deirdre é alta – indicou ela, endireitando-se na cadeira.

– Não, não acho! Deirdre não se parece nada com Sara.

Ainda que, depois da sua reação abrupta, se pensasse nisso, pudesse haver alguma semelhança a nível físico, embora não na personalidade.

– Eu acho que se parecem.

– Bom, talvez fisicamente, mas mais

nada.

Tal como também não se parecia com Mandy Parkerson. Ela era única, forjando a sua própria vida apesar dos golpes. E sempre com aquela atitude positiva.

Desejou saber mais coisas sobre ela sem ter de perguntar. Não queria dar a impressão de ter mais interesse do que o normal numa relação entre o chefe e um funcionário. Pensou que Jeff saberia muito mais sobre ela. Talvez se tivesse esquecido de como relacionar-se. E suspeitava que, se fizesse as perguntas certas, ela se abriria e lhe contaria as coisas sem reservas.

Mandy estendeu a mão para pegar noutra fatia de pão de alho ao mesmo

tempo que ele. Os seus dedos tocaram-se e ela afastou-se como se se tivesse queimado.

Ele levantou o prato e ofereceu-lho, sentindo ainda o toque dos seus dedos. Tinha umas mãos magras, as unhas curtas, pintadas de uma cor suave. Por um instante, pensou em ser acariciado por aquelas mãos.

Com ar cauteloso, Mandy tirou uma fatia e pô-la no seu prato. Ele fez o mesmo, tentando pensar em algo para dizer para quebrar a tensão. Não devia pensar nela daquela forma. Não devia tê-la convidado para jantar.

—...todos os invernos?

Jackson desviou o olhar, perguntando-

se do que estava a falar. Perdera por completo o fio à meada.

– O quê?

– O que vais fazer quando deixares a obra no inverno? Encarregam-se de projetos mais pequenos em climas mais temperados? Ou tiram férias?

– Jeff e eu fazemos tenção de ficar em Julian este inverno. Quando chegarem os nevões, a estrada ficará intransitável. Teremos de tirar as caravanas daqui antes. Usaremos Julian como base de operações durante o inverno. Eu ficarei em Boulder e Jeff procurará qualquer coisa noutra lugar. O inverno passará depressa e quanto mais depressa voltarmos na primavera, melhor.

– Eu ainda não decidi onde me

instalarei. Vivi em Denver quase toda a minha vida, mas não quero voltar. Sempre quis viver no campo. Uma cidade pequena é sempre melhor para criar um bebé. Além disso, no que diz respeito a Marc, este bebé não é problema dele.

– Mas é dele?

– Oh, sim! Não tenho dúvida.

– Sabes que podes fazer um teste de paternidade...

Ela assentiu.

– Pensei nisso, mas decidi não pressionar mais. Se não quer saber nada do bebé, que seja. Não vou obrigá-lo a nada. E poupar-me-ei problemas. Além disso, posso fazê-lo sozinha.

– E se te acontecer alguma coisa?

– Esse é o meu pior pesadelo. Que me aconteça alguma coisa e o meu filho fique sozinho no mundo. É horrível perceber que não se tem família, ninguém com quem contar em caso de emergência – declarou ela.

– Tens hipóteses de viver até aos noventa anos ou mais.

– Oxalá!

– Não tens avós, tios, nem nenhum parente?

– Ninguém. Como já te disse no outro dia, estarei sozinha quando o meu filho vier ao mundo. Então, seremos uma família.

Jackson pensou na dele. Não via os

seus pais desde que vendera a casa. Mas falava com eles de vez em quando. Mantinha-se em contacto. O seu irmão estava no Alasca, mas Jackson enviava-lhe um postal de vez em quando. E tinha tios e primos por todo o Colorado. Se alguma vez precisasse de alguma coisa, teria a quem acudir. Como acontecera quando Sara e Sammy tinham morrido.

Mas Mandy não tinha ninguém. Por um instante, sentiu-se invadido por um forte sentimento protetor. Queria garantir-lhe que não lhe aconteceria nada e que, se acontecesse, podia contar com ele.

Ficou a olhar fixamente para o prato, atónito com a ideia. Há uma semana, dissera-lhe que devia ir-se embora, mas

agora queria oferecer-lhe a sua ajuda em caso de necessidade.

Decidiu que não podia continuar assim. O jantar tinha de acabar. Agradecer-lhe-ia pela salada e pelos *brownies*, e mandá-la-ia embora.

Levantou-se e começou a levantar os pratos. Ela também se levantou e aproximou-se dele. Embora tivesse o cabelo apanhado, algumas madeixas soltas emolduravam o seu rosto. Ele preferia que usasse o cabelo solto.

Mandy estendeu a mão para lhe tirar o prato.

– O mínimo que posso fazer depois de um jantar fantástico é lavar os pratos, embora tenhas de ser tu a guardá-los.

Jackson fechou a torneira. Mandy estava demasiado perto. A sua fragrância enchia o ar. Conseguia sentir o calor do seu corpo e ver o brilho dos seus olhos azuis.

Queria beijá-la. Queria sentir aquele corpo tão feminino muito perto dele. Desejava beijar Mandy Parkerson até esquecer onde estavam. Esquecer o passado e o futuro, e desfrutar do presente.

O pensamento era aterrador.

Jackson agarrou-a pelos ombros e fê-la sair da cozinha. Apesar da blusa de flanela, conseguiu sentir a suavidade da sua pele. Era uma loucura.

– Eu arrumo tudo. Tu tens de ir para

casa.

– Tenho de ir?

– Tens de descansar. Pareces cansada. Foi um dia muito longo. Amanhã, temos de recuperar o que não conseguimos fazer hoje.

A dor que viu nos seus olhos quase o fez mudar de ideias, mas não podia fazê-lo se quisesse manter a prudência.

– Boa noite. Obrigada pelo jantar.

Jackson reparou no tom magoado da sua voz.

– Obrigado pelos *brownies* – agradeceu ele, abrindo a porta com ar impaciente. Desejava que se fosse embora antes que a abraçasse, apagasse as luzes e se deixasse levar pelo desejo.

Capítulo 7

Mandy regressou à sua caravana, totalmente confusa. Não conseguia parar de se perguntar o que acontecera. Ela pensava que tinha sido um jantar agradável, mas, assim que tinha acabado, expulsara-a. Não sabia se teria sido devido à conversa ou porque talvez pensasse que queria mais do que uma relação entre um chefe e uma secretária.

Pensou que talvez devesse voltar e esclarecê-lo. Mas, depois de pensar por um instante, decidiu deixar as coisas

assim. Fez tudo o que podia para esquecer Jackson Witt. Era impossível saber o que aquele homem pensava.

Embora tivesse razão numa coisa: estava cansada. Deitar-se cedo serviria para recarregar as baterias para o dia seguinte.

Mas tirá-lo da cabeça não era tarefa fácil. Recordava cada uma das suas palavras, recordava como a tirara do lago e como a abraçara quando caíra.

Via-o a percorrer a obra, dirigindo os seus homens com as máquinas, soberano do seu reino.

Não sucumbiria às fantasias com Jackson Witt. Ele deixara a sua opinião muito clara. «Continua a amar a esposa.»

Perguntava-se quanto tempo continuaria a chorar a sua perda, se se sentiria sozinho todas as noites na caravana e quais seriam os seus planos para o futuro, que, de qualquer forma, não a incluíam a ela.

A manhã seguinte passou a voar. Mandy tinha muito que fazer e, depois de uma noite inquieta, não estava no seu melhor.

À hora de almoço, correu para a sua caravana, fez uma sandes e deixou-se cair no sofá. Fecharia um pouco os olhos para descansar e comeria depois.

Passara muito mal a noite, apesar de ter ido cedo para a cama. Custara-lhe a dormir, em parte por causa do bebé, mas

sobretudo porque não parava de pensar em Jackson. Nunca sentira algo do género e não sabia como enfrentá-lo.

À uma e um quarto, Jackson olhou pela terceira vez para o relógio. Jeff estava ao telefone. Mandy não estava na sua mesa. Desde que chegara, fora pontual todos os dias. Perguntava-se porque se teria atrasado.

Pôs o chapéu e dirigiu-se para a porta. Jeff levantou o olhar, mas continuou a falar ao telefone. Estava um dia bom, embora tivessem dito que haveria tempestade no fim de semana. Esperava que chovesse no sábado e o céu estivesse limpo na segunda-feira.

Jackson ficou à porta do escritório. Os homens estavam a trabalhar. Ninguém vagueava pela obra. Mas Mandy não aparecia em lado nenhum.

Então, respirou fundo e dirigiu-se para a caravana dela. Talvez não tivesse visto as horas ou lhe tivesse acontecido alguma coisa. Bateu à porta e esperou. Nada. Bateu novamente e até gritou o seu nome. Nada.

Rodou a maçaneta e verificou que a porta não estava trancada. Abriu-a e entrou. Encontrou-a a dormir profundamente no sofá, com as pernas em cima de uma cadeira. Ao seu lado, sobre uma almofada, havia uma sandes num prato. Nem sequer dera uma

dentada.

— Mandy? — chamou-a suavemente.
Não respondeu.

Recordava que, quando Sara estava grávida, estava sempre cansada. Costumava dizer que esperava ansiosamente pelo fim do dia para ir para casa e fazer uma sesta.

Tirou-lhe o prato e levou-o para a cozinha. Aproximou-se do quarto, embora parasse à porta, e observou-o. Estava arrumado. Não havia nada feminino, nem pacóvio, até usava a manta da empresa. Mas a sua fragrância flutuava no ar e o pequeno armário estava cheio dos vestidos doces que ela usara na semana anterior.

Tirou a manta da cama e levou-a para

a sala. Ajudou-a a deitar-se no sofá. Mandy murmurou algo, mas não acordou. Tirou-lhe os sapatos e tapou-a com a manta.

Viu que tinha as faces ligeiramente rosadas. Parecia mais jovem sem aquela determinação feroz que mostrava diante dele.

Lentamente, estendeu uma mão e acariciou-lhe os caracóis dourados e resplandecentes, fascinado com a sua suavidade.

Retirou a mão e virou-se. O que estava a fazer? Mandy era uma empregada. Uma que lhe causara mais problemas do que qualquer outro empregado. Saiu, fechando a porta com

suavidade.

Quando chegou ao escritório, não havia ninguém. Escreveu um bilhete e deixou-o na mesa de Mandy. Tinha trabalho para fazer.

Mandy acordou lentamente. Desejava poder virar-se e continuar a dormir, mas não era sábado. Era terça-feira.

– Oh, não... – queixou-se, afastando a manta que a cobria.

Então, parou, perguntando-se se fora ela que se tapara. Também não recordava ter tirado os sapatos.

Olhou para o relógio. Quase três horas! Num ataque de pânico, saiu da caravana e começou a correr para o

escritório. Se Jackson precisasse de uma desculpa para a despedir, acabara de lhe dar. Como podia ter adormecido?

Perguntava-se se alguém teria entrado enquanto ela dormia e a tapara com a manta. Quando chegou ao escritório, encontrou-o vazio.

Aproximou-se da janela e olhou para a obra. Não via Jackson, nem Jeff em lado nenhum. Só estavam os homens. Ao virar-se, viu o bilhete na sua mesa.

Mandy, há trabalho esta tarde. Demora mais tempo a almoçar, se quiseres. Ficaremos até depois das seis.

Estava assinado por Jackson. Mandy

sentou-se devagar. Dizia para demorar mais tempo a almoçar. Então, percebeu que sabia. Fora ele quem a tapara! Em vez de a acordar e de lhe dizer que estava despedida.

Bom, o importante era que continuava a ter emprego. Teria de se certificar de que não voltava a acontecer. Se dormisse bem à noite, não aconteceria. Estava cansada, mas a sua médica dissera-lhe que era normal.

A meio da tarde, decidiu telefonar ao médico de Julian para marcar uma consulta. A sua médica dissera-lhe para fazer exames quinzenais quando entrasse no terceiro trimestre. Conseguiu consulta para sexta-feira à tarde. Pensou que podia compensar no escritório no

sábado de manhã.

Quando os homens começaram a aparecer no escritório, sinal de que tinham acabado o dia de trabalho, Mandy começou a ficar nervosa. Jackson apareceria a qualquer momento. Mas foi Jeff quem chegou primeiro, atirando algumas plantas enroladas para cima da mesa.

– Ao meio-dia, o sol parece fogo, mas depois a temperatura desce muito – resmungou.

– É surpreendente que o tempo esteja tão bom – comentou Mandy, perguntando-se se devia puxar o assunto do almoço.

– Sim, bom, mas ouvi dizer que vai

haver tempestade no fim de semana.

– Não será na sexta-feira?

– Não, acho que é no sábado. Jackson espera que faça vento suficiente para secar tudo até segunda-feira. Eu também. Estás bem?

– Sim, porquê? – perguntou ela, oferecendo-lhe um dos seus sorrisos reluzentes.

– Pensava que já te tivesses ido embora. Já passa das cinco.

– Jackson deixou-me um bilhete a dizer que precisava que ficasse.

– Porquê?

– Não sei, mas não importa. Fiquei mais tempo fora à hora de almoço – susteve a respiração, mas Jeff não disse nada. – Eu gostaria de ter a tarde de

sexta-feira livre, se for possível. Tenho uma consulta.

– Passa-se alguma coisa?

– Não. As grávidas têm de fazer exames. A minha obstetra de Denver recomendou-me um médico de Julian e tenho consulta na sexta-feira. É de rotina. Nada grave. Mas terei de sair às três para chegar a tempo.

– Está bem. Avisa Jackson.

Ela assentiu, desejando que ele lho dissesse.

– Como se dão agora? Bem?

Mandy assentiu novamente. Ela pensava que se davam bem.

– Sabia que se acalmaria. Aquele rapaz não é parvo – declarou Jeff, com

um sorriso.

Mandy escondeu um sorriso. Jackson não era nenhum rapaz. Alegrava-se por Jeff lhe ter dado permissão para sexta-feira. Era mais fácil falar com ele do que com o seu sócio.

– Sonny pescou imenso peixe ontem e, esta noite, vamos comê-lo frito. Queres vir?

– Não, obrigada – respondeu ela. Não tinha vontade de se relacionar com ninguém. Apesar da sesta, queria ir cedo para a cama.

– Fica para outra ocasião – replicou Jeff, dirigindo-se para a porta.

Respondia sempre com evasivas. Falava de vez em quando com Bill e com Tommy, mas eram eles que a

procuravam, não ao contrário. À exceção disso, limitava-se a ser amável com todos. Mas ficava por aí a sua relação com eles. Exceto com o seu chefe, num almoço. E num jantar. E num piquenique.

Quando Jackson entrou no escritório pouco depois, sentia-se tão cansada como parecia.

– Não era minha intenção adormecer – declarou, sem pensar.

– As mulheres grávidas costumam estar sempre cansadas – respondeu ele, tirando o chapéu.

– Agradeço-te por me deixares recuperar o trabalho que não fiz.

– Há muito trabalho, mas não tens de

o fazer todo entre as oito e as cinco – explicou, sentando-se na sua cadeira, que apoiou contra a parede.

Mandy não sabia se devia perguntar pelo projeto que ele queria rever com ela ou esperar que ele puxasse o assunto.

Jackson começou a ver as mensagens telefônicas que tinha na mesa. Finalmente, um pouco depois das seis, levantou-se e aproximou-se da mesa dela.

– Trata destas chamadas amanhã, bem cedo. Estarei fora o dia todo – e dirigiu-se para a porta.

– Espera! – exclamou ela, olhando para as mensagens, um pouco confusa. – Porque querias que ficasse esta tarde?

Ele desviou rapidamente o olhar. Não queria olhá-la nos olhos.

– Pensei que podias adaptar o teu horário. Talvez queiras ter mais tempo para almoçar e fazer uma sesta – e, sem esperar por resposta, abriu a porta e saiu.

Mandy estava confusa. Durante dias, andara a dizer que aquele lugar não era para ela e, agora que tinha uma boa razão para a despedir, deixava-a ficar.

Não entendia nada, mas agradecia a mudança de atitude. Embora talvez não fosse só uma mudança de atitude. Perguntou-se se não haveria mais alguma coisa. Era verdade que ela se sentia sozinha, mas também era

demasiado cautelosa para confiar facilmente em alguém.

Jackson tinha de enfrentar a sua própria bagagem emocional. Como é que duas almas tão desconfiadas podiam encontrar um elo de ligação?

Os dois dias seguintes passaram sem incidentes. Tirou duas horas de almoço para fazer a sesta. Quis agradecer a Jackson pela consideração que tivera com ela, mas ele recebeu-o com aspereza. Enfim, não sabia que outra coisa esperara dele. Certamente, não ia ganhar o prémio de *Mister Simpatia*.

Na sexta-feira, Mandy decidiu trabalhar durante a hora de almoço para

avançar no trabalho. Era meio-dia e meia quando Jackson entrou no escritório.

– O que estás a fazer aqui? Não é hora de almoço?

Mandy assentiu, mas não interrompeu o que estava a fazer.

– Vou ficar. Tenho uma consulta esta tarde. Jeff disse-me que podia fazê-lo.

– Estás doente?

– Não, é uma consulta de rotina.

Ele assentiu e aproximou-se da sua mesa. Trabalharam em silêncio, embora Mandy fosse muito consciente da presença dele. Cada vez que se mexia, ela levantava o olhar. Tinha o cabelo despenteado por estar sempre a tocá-lo com os dedos.

– Eu posso levar-te – ofereceu ele, de repente.

– O quê? – perguntou ela, levantando o olhar.

– Posso levar-te a Julian esta tarde. Tenho de ir buscar um pedido ao armazém. Podia ir à mesma hora, se não te importares de ir na carrinha.

– Não me importo de ir na carrinha, mas posso conduzir. Não precisas de te incomodar – replicou ela, sustendo a respiração.

Oferecera-se para a levar. Recordou como se sentira desajeitada durante o almoço e o piquenique. Ficaria louca se estivesse fechada com ele num espaço tão reduzido como a cabina da carrinha.

No entanto, a ideia seduzia-a. Talvez pudessem recuperar o ambiente de amizade que tinham partilhado por um instante na noite em que tinham jantado juntos. Mas claro que também era muito possível que acabassem a discutir, como sempre.

— Estarás cansada e será de noite quando voltares. Sentir-me-ei melhor se for eu a conduzir. Além disso, não há razão para levarmos dois carros. É um gasto desnecessário de combustível.

Dito assim, tinha razão. Além disso, sentir-se-ia melhor se não tivesse de conduzir à noite por aquela estrada solitária.

— Está bem. Obrigada.

– A que horas é a consulta?

– Às quatro e meia.

Jackson levantou-se e dirigiu-se para a porta.

– Saímos às quatro menos um quarto. Vou comer qualquer coisa. Faz o mesmo. As consultas médicas estão previstas – parou antes de sair e olhou para ela. – Porque não vestes aquele vestido cor-de-rosa? Podíamos aproveitar para jantar na cidade antes de voltarmos – sugeriu e saiu.

Mandy ficou a olhar para a porta fechada, sem acreditar. Acabara de a convidar para jantar?

Capítulo 8

Mandy saiu da sua caravana em direção ao escritório. Hesitara toda a tarde quanto a mudar de roupa, como Jackson sugerira. Finalmente, cedera. Só esperava não estar a ser ridícula.

Não estava no escritório quando chegou. Jeff levantou o olhar.

— Jackson disse para esperares aqui um minuto. Teve de ir verificar qualquer coisa. Parece que a tempestade está a aproximar-se mais depressa do que pensávamos. Aposto que começará a

chover antes de voltarem.

– Fico contente por ser ele a conduzir. Eu não gostaria nada de ter de voltar de noite e à chuva por aquela estrada.

– A carrinha dele aguenta tudo.

Ouviu o barulho do motor lá fora e despediu-se de Jeff. Enquanto descia as escadas, sentiu um nó no estômago. Jackson parou o veículo e saiu.

Ela cumprimentou-o com a cabeça, desejosa de que Jackson não tivesse reparado em como estava nervosa. Trocara de calças de ganga e de camisa. Tinha uns ombros largos e sólidos. Penteara-se, embora soubesse muito bem que não duraria, porque, quando se sentia frustrado, passava os dedos pelo cabelo.

Estava de óculos de sol. Mandy engoliu em seco e entrou no veículo. Quando se sentou, Jackson fechou a porta e dirigiu-se para o lugar do condutor.

– Tens de ir buscar muita coisa? – perguntou ela, tentando acalmar os nervos com um pouco de conversa. Demorariam quarenta minutos a chegar.

– Se já tiver chegado tudo, encherá a parte de trás – respondeu, olhando para ela.

Ela esperou, mas não disse mais nada. Nenhum comentário sobre o seu vestido ou sobre o que ia buscar. Nada.

Os minutos passavam.

– Não esperas que te acompanhe na

consulta, pois não?

– Pelo amor de Deus, não! Podes deixar-me à porta. Quando acabar, irei procurar-te ao armazém.

Por um instante, no entanto, desejou que houvesse alguém com ela. Que houvesse alguém com quem partilhar a experiência maravilhosa da chegada do seu bebé.

Mais uma vez, lamentava não ter família. A chegada de um filho devia ser motivo de alegria e de celebração.

– Posso esperar por ti na carrinha.

– Não, não sei quanto tempo demorarei. Julian não é assim tão grande. Encontrarei o armazém e far-me-á bem o passeio.

– Está bem.

Avançaram os trinta quilómetros seguintes em silêncio. Mandy fazia o possível para apreciar a paisagem, mas começou a sentir sono. Não fizera a sesta e o movimento suave do carro estava a ter um efeito sedativo nela. Pensou que podia fechar os olhos por um instante...

– Mandy?

Abriu os olhos devagar. Inclinado sobre ela, Jackson abanava-lhe o ombro suavemente.

– Acorda, já chegámos.

Ela pestanejou, despertando de repente.

– Desculpa. Não queria adormecer.

– Não faz mal. Também não pode

dizer-se que a minha conversa fascinante acorde os mortos – replicou ele, franzindo o nariz.

– Que conversa? Tu és pouco falador.

– Achas mesmo? – perguntou ele, com expressão divertida nos olhos.

Mandy olhou para fora e viu o edifício de tijolo onde o consultório médico estava situado. Não era necessário que continuasse inclinado sobre ela. Já estava acordada. Podia endireitar-se e dar-lhe um pouco de espaço para respirar.

Enquanto tentava abrir a porta, olhou para ele. O seu rosto estava a apenas alguns centímetros do dela. Conseguia sentir a sua respiração nas faces.

Mandy teve uma sensação estranha,

como se flutuasse. Não conseguia desviar o olhar. Perguntava-se o que aconteceria se percorresse a pequena distância que os afastava e lhe tocasse nos lábios. O que sentiria se ele a abraçasse e a beijasse como se o mundo fosse acabar naquele dia.

«Estou a alucinar. Como se não tivesse mais nada em que pensar!»

Tirou o cinto com nervosismo e, finalmente, Jackson voltou a endireitar-se no seu banco.

— Encontramo-nos no armazém — disse, enquanto abria a porta e saía do veículo. — Não sei quanto tempo demorarei. Estarás lá, não é? — segurou a porta como um escudo protetor.

Ele assentiu, com ar um pouco confuso.

Fechando a porta de repente, Mandy virou-se e caminhou pela calçada até ao consultório médico.

Disse a si mesma que estava a portar-se como uma idiota, que Jackson pensaria que estava louca. Só a acordara e ela começara a fantasiar com ele, como acontecia de noite. Tinha de pôr fim àquilo. Jackson levaria-a à cidade, mais nada.

Mandy saiu do consultório pouco depois, contente com o que o médico lhe dissera. Ganhara mais um pouco de peso do que deveria, mas nada preocupante. À medida que caminhava pela calçada,

não conseguia parar de sorrir. O médico propusera o planeamento do nascimento do bebé. Teria de decidir em breve se queria ficar em Julian ou se voltaria para Denver.

Passou por um casal que caminhava à frente dela e, de repente, parou, atenta ao que se passava à sua volta. As calçadas estavam cheias de gente. Não tinha ideia de que Julian tinha tantos habitantes.

– Desculpe, podia indicar-me onde fica o armazém de ferramentas? – perguntou a uma mulher que passava por ela.

– O de Jesse? Duas ruas mais adiante, vira para Summer Street. É lá.

– Obrigada. O que se passa esta tarde

na cidade?

A mulher olhou para ela, surpreendida.

– Futebol, que outra coisa poderia ser? Jogamos contra Henley. A banda do liceu e a equipa desfilarão pela rua principal por volta das seis. Fazem-no sempre quando jogam em casa contra um grande rival. Depois, vão todos para o liceu para ver a nossa equipa a derrotar a outra equipa.

Mandy agradeceu-lhe e continuou pela calçada, observando o bulício. Via bandeiras azuis e douradas por todo o lado, as cores da equipa, sem dúvida. Os habitantes da cidade cumprimentavam-se, entusiasmados,

enquanto procuravam espaço na calçada para abrirem as suas cadeiras desdobráveis.

Não havia carros estacionados na rua. O carro do xerife fazia a sua ronda, enquanto o ajudante cumprimentava os habitantes pela janela aberta.

As crianças corriam por todo o lado, enquanto os pais conversavam em pequenos grupos.

Se se mudasse para Julian, ela e o seu filho fariam parte daquilo. Talvez tivesse um filho que jogasse futebol. Talvez, um dia, estivesse naquela calçada, a vê-lo a desfilar, cheia de orgulho.

Ao chegar a Summer Street, notou imediatamente a diferença. Estava

praticamente deserta. Viu o letreiro do armazém de ferramentas e a carrinha de Jackson. Já carregara tudo na parte traseira, que estava coberta com a lona. Mas não o via em lado nenhum.

Mandy fechou mais um pouco o casaco, sentindo a brisa fresca que soprava à medida que atravessava o estacionamento. Dirigiu-se para as portas de vidro da entrada e Jackson saiu nesse momento.

— Já acabaste? — perguntou ela, animadamente.

— Já tinha chegado tudo — respondeu ele, apontando para a carrinha. — Ainda é cedo para irmos jantar. Queres fazer alguma coisa antes?

– Podíamos ir ver o desfile – sugeriu ela. Sentia curiosidade pelos costumes da cidade.

– Que desfile? – quando ela lhe explicou, ele limitou-se a encolher os ombros. – Se quiseses. Deixamos a carrinha aqui e vimos buscá-la depois.

Encontraram um espaço na rua principal de onde se via tudo. Havia muita gente de ambos os lados da rua.

Às seis, começou a ouvir-se a banda. Mandy inclinou-se para a frente, para ver a rua, entusiasmada. Não conhecia ninguém, exceto Jackson, mas não se importava. Divertir-se-ia como os outros.

Uma rajada de ar frio fê-la tremer.

– Devias ter vindo mais agasalhada – indicou ele.

– Só estaremos aqui enquanto durar o desfile. Depois, iremos jantar.

Ele aproximou-se mais para a proteger do vento. Outra rajada provocou-lhe um novo calafrio e, daquela vez, Jackson abriu o casaco grosso que vestia e apertou-a contra o seu peito quente.

Mandy sentia-se maravilhosamente confortável e protegida com o corpo quente de Jackson atrás de si. Virou-se para lhe agradecer e quase chocou com o nariz dele.

– Obrigada.

– Não posso deixar que congeles.

Talvez isto não tenha sido boa ideia.

Naquele momento, apareceu a banda. Cerca de vinte jovens desfilavam com orgulho, apesar do vento frio. Vestiam uniformes azuis e dourados, e tinham o chapéu inclinado com graça. A multidão aplaudia e encorajava-os. Mandy também.

– Conheces algum destes miúdos? – perguntou Jackson.

– Não, mas é divertido. Talvez, um dia, tenha um filho na banda. Ou na equipa de futebol.

Jackson ficou em silêncio e, pouco depois, Mandy percebeu que estaria a pensar no seu filho.

– Podemos ir-nos embora, se quiseres – disse ela.

Jackson olhou para ela, surpreendido.

– Porque haveria de querer ir-me embora? O desfile ainda não acabou.

– Pensei que te fizesse recordar o teu filho.

– É verdade. Mas a vida continua, Mandy. Não posso recuperar Sammy. Nunca irá para o liceu, não jogará futebol, nem sairá com raparigas. É difícil aceitá-lo, mas acho que estou finalmente a fazê-lo. A sua vida foi curta. Foi incrível tê-lo, mas já não está cá. Não me importo de ver estes miúdos a divertirem-se. O mundo não para por o meu filho já não estar aqui.

– Mesmo assim, não tens de ver isto.

– Estou bem.

Jackson tinha-a entre os braços, apertando-a contra o peito, tentando protegê-la o melhor que podia. Devia ter trazido um casaco e umas botas mais quentes. Sentia-se responsável por lhe ter dito para vestir o vestido. Estaria mais confortável de blusa de flanela, calças de ganga e botas.

Mandy mexeu-se um pouco numa tentativa de ver melhor a rua. Quase saltava de alegria ao ver o desfile.

No entanto, aqueles movimentos estavam a causar-lhe problemas. Tinha uma mulher linda e feminina entre os braços. E o seu corpo privado de carícias durante tanto tempo sabia-o.

Pela primeira vez desde que Sara

morrera, desejava uma mulher. Mas não era uma mulher qualquer, era Mandy.

Quando assimilou a ideia, pensou nas imensas razões pelas quais não devia fazê-lo. Trabalhava para ele. Ele não queria estar com ninguém. Suspeitava que Mandy fosse o tipo de mulher que tinha de sentir algo especial para se envolver numa relação. Tinham-na magoado e nunca se mostraria aberta à sugestão de uma aventura sem importância.

Ela confiava nele. Que ironia! Ela confiava nele, mas ele não sabia se podia confiar em si próprio.

A equipa apareceu então, encabeçada pelas lindas *cheerleaders*. Os rapazes tinham os braços levantados e os rostos

cobertos pelos capacetes. Mas os habitantes da cidade conheciam os seus filhos e os aplausos elevavam-se. Um carro descapotável fechava a comitiva, onde iam os treinadores, cumprimentando as pessoas.

E acabou. As pessoas começaram a dispersar, quase todas se dirigiam para o liceu. Mandy e Jackson dirigiram-se para a carrinha.

– Foi divertido. Estavam todos muito entusiasmados – comentou ela, sentando-se e pondo o cinto. – Espero que ganhem.

– É o lado bom das cidades pequenas. Todos se conhecem. E é muito entusiasmante quando ganham em casa.

– Denver era demasiado impessoal. Acho que ficarei aqui. Talvez consiga emprego no complexo quando abrir.

– Espera até passares o inverno aqui. Talvez mudes de ideias – avisou-a Jackson. – Queres jantar em algum lugar em especial?

– Não. O café parece-me bem.

– Pensei que podíamos ir a um restaurante que há nos subúrbios. É uma casa antiga transformada em restaurante.

Ele nunca lá estivera, mas seria um lugar mais adequado para usar o vestido. E também significaria mais do que comer no café.

Respirou calmamente, perguntando-se se queria realmente que significasse

mais alguma coisa.

Capítulo 9

Mandy pensou que era um lugar encantador. O rés do chão da casa antiga albergava a zona das mesas e uma empregada amável conduzia os clientes até lá. A lareira original continuava a funcionar e um lume reconfortante aquecia a sala.

Atribuíram-lhes uma mesa suficientemente perto do lume para desfrutarem da temperatura sem ficarem com demasiado calor. Mandy tirou o casaco.

– É linda! – exclamou ela, olhando à sua volta. Mais elegante do que esperara encontrar em Julian. E, na verdade, era mais elegante do que teria esperado que Jackson gostasse. Olhou para ele e encontrou o seu olhar fixo nela. – Tenho alguma coisa na cara? – perguntou.

Ele abanou a cabeça e pegou no menu. Ela imitou-o, mas não conseguia parar de pensar no seu olhar.

Quando pediram, Mandy sorriu com timidez.

– Obrigada por me trazeres aqui. Foi uma surpresa.

– É só um jantar.

– Um jantar que não tive de ser eu a fazer.

– Pensei que gostavas de cozinhar.
– E gosto, mas não só para mim. Não te fargas de cozinhar só para um?
– Jeff janta muitas vezes comigo.
– Conta-me como é que tu e Jeff embarcaram neste projeto tão longe de casa.

– Longe de casa?
– Não são os dois de Fort Collins? Isso é do outro lado do estado.

– Somos de lá. Mas aquilo não é a minha casa. A minha casa vem comigo.

«Agora.»

– Está bem, então, a tua casa é aqui. Como se tornaram sócios?

Parecia que Jackson não tinha muita vontade de falar, mas Mandy não

tencionava passar o jantar em silêncio. E queria realmente saber mais coisas sobre ele.

Tinham pedido costeletas. Quando chegaram, a quantidade de comida era espantosa. Mandy sabia que nem sequer comeria metade.

Tentou manter a conversa a todo o custo. Tinha consciência da presença de Jackson como nunca. Era fascinante. E sabia como era perigoso sentir algo do género, porque isso a levaria a querer saber mais sobre ele e, por sua vez, começaria a achar que poderia haver mais alguma coisa entre eles. No entanto, sentia-se inevitavelmente atraída por ele.

Não compreendia porque a convidara

para jantar, mas não ia perguntar. Aproveitou a oportunidade para o observar quando ele não percebia, enfeitiçada pelas sombras que a luz do lume formava no seu rosto. Apreciou o seu tom de voz grave, deixando que a envolvesse lentamente. E aceitou cada informação que quis partilhar com ela.

Quando saíram do restaurante, não estava mais perto de compreender aquele homem do que quando tinham chegado. Protegera-a do vento durante o desfile, mas a sua conversa durante o jantar mantivera-se superficial. Mal falara dos seus sentimentos e esperanças. No entanto, mostrara-lhe um lado terno que duvidava muito que

tivesse mostrado a outras pessoas.

Chovia muito quando saíram para o alpendre.

– Oh, meu Deus! Que horror! – exclamou Mandy, quando uma rajada de vento gelado os atingiu, apesar de estarem no alpendre.

– Vou buscar a carrinha. Espera aqui, podes escorregar na calçada! – exclamou Jackson, começando a correr para o veículo sem esperar por resposta.

Por um instante, o sentido de independência de Mandy rebelou-se. Não gostava que lhe dessem ordens. Mas o bom senso ganhou. Ficaria ali porque não queria que acontecesse alguma coisa ao seu bebé.

O caminho de regresso foi horrível.

Os buracos do caminho de cascalho eram agora poças. A chuva caía com força e os limpa-para-brisas não eram capazes de a afastar. As árvores de ambos os lados da estrada balançavam e algumas dobravam-se sob os ataques violentos do vento, como se fossem partir-se. Sentiu um calafrio e lamentou que os rapazes estivessem a jogar com aquele tempo.

– Eu nunca teria conseguido conduzir aqui sozinha – murmurou, quando o veículo passou por cima de uma poça e o vento o abanou.

– Está mau, mas podia ser pior. Podia ser neve – redarguiu Jackson, conduzindo sem problemas por aquele

caminho em mau estado, apesar da tempestade. Teve de se esquivar de um ramo caído na estrada e olhou para Mandy de soslaio.

Mandy via-o com a luz escassa do tabliê. Tentou relaxar. Se Jackson não estava preocupado, ela também não devia estar. Confiava em Jackson Witt.

Pestanejando rapidamente, olhou pela janela para a noite escura. Confiava nele. Depois de ter jurado que não voltaria a confiar num homem. Mas confiar que um homem a levasse sã e salva a casa não era o mesmo que confiar-lhe o coração e o futuro. Isso não estava no seu destino, por muito que gostasse da ideia.

Mas, se corresse o risco de criar

novamente laços com alguém, confiaria na palavra de Jackson. Bastava ver a devoção que sentia pela sua família, desaparecida há três anos.

Perguntava-se se alguma vez consideraria encontrar um novo amor, constituir uma nova família ou se, tal como ela, a vida o magoara tanto que não queria voltar a tentar.

Era tarde quando chegaram. O caminho de entrada estava cheio de poças. Havia ramos que o vento partira espalhados pelo chão e lama por todo o lado.

Jackson levou a carrinha até à caravana dela.

— Espero que passe depressa. A

previsão meteorológica dizia que haveria vento forte no domingo. Espero que seja assim.

– Achas que não haverá problemas para trabalhar na segunda-feira?

– Esperemos que não. Espera aqui. Vou ajudar-te a entrar.

Enquanto ele saía do veículo, Mandy procurou a chave da caravana. Quando Jackson lhe abriu a porta, sentiu uma rajada de ar frio. Tremendo, saiu para a chuva. Correram até à porta da caravana e Mandy abriu-a.

– Queres entrar para beber um café? – perguntou Mandy, entrando primeiro. Ficou a segurar a porta. A temperatura dentro da caravana era confortavelmente quente em contraste com a chuva fria.

Jackson hesitou por um instante, antes de assentir com a cabeça e entrar.

Ela convidara-o para ser educada. Não esperara que ele aceitasse. O que devia fazer agora? Era mais consciente do que nunca dele e das necessidades do seu corpo, até àquele momento adormecidas. Cada vez lhe era mais difícil recordar o seu voto de não se relacionar com um homem. Um beijo doce. Um toque da mão. Fantasiava com mais do que isso. Talvez Jackson se limitasse a beber o café e se fosse embora rapidamente.

Ele sentara-se no sofá. Parecia confortável na pequena caravana. Conseguia vê-lo da cozinha. Naquele

momento, invejava-o. Ela estava muito nervosa devido à expectativa. O seu coração batia a toda a velocidade. A luz ténue conferia um tom romântico. Franziu o sobrolho. Esperava que Jackson não pensasse que tinha planeado aquilo para que fosse mais do que uma bebida de fim de noite.

Mandy encontrou um pacote de biscoitos e abriu-o. Gostaria que fossem *brownies*, porque sabia que Jackson gostava. Não se dizia que o caminho para o coração de um homem passava sempre pelo estômago?

Manteve o olhar fixo na chaleira, esperando que fervesse. Ela não estava a tentar conquistar Jackson. Simplesmente, como cozinheira,

agradava-lhe que gostasse da sua comida. Finalmente, levou as chávenas e os biscoitos para a sala.

— Que bom! — exclamou ele, levantando-se ao vê-la a entrar. Pegou nas chávenas que ela pousou na mesa. — Amanhã é o aniversário de Jeff, sabias?

— Não sabia. Podias ter-me dito antes. Ter-lhe-ia comprado alguma coisa em Julian.

— Não quer presentes. Mas os homens e eu vamos fazer-lhe uma espécie de festa.

— Que espécie de festa?

— Bom, é uma festa... sem álcool. Organizá-la-emos aqui. E parece que será o melhor, com esta chuva. Se a

chuva não entrar, fã-la-emos no edifício principal. Estás convidada... Se quiseres ir. Alguns homens trarão as suas namoradas. Também virão as esposas de outros, que lhes fazem visitas regularmente, portanto, não serás a única mulher.

Ia perguntar-lhe se aquilo podia considerar-se confraternizar com os homens da obra, mas decidiu que o mais sensato era calar-se. Convidara-a. Bastava-lhe isso.

– Eu gostaria de ir. A que horas?

– Às sete.

Jackson pegou num punhado de biscoitos e comeu-os devagar.

Mandy contentou-se em olhar para ele enquanto bebia o seu chá. Era agradável

estarem confortavelmente sentados ali enquanto a chuva caía lá fora. De vez em quando, ouvia-se o barulho do vento, mas não se preocupava. Estava cansada depois do longo dia. Até sentia os nervos mais relaxados.

Sempre desejara ter noites tranquilas como aquela quando se casasse.

— Já escolheste um nome para o bebé?

— Ainda não. Ando a pensar em vários. Alguns parecem bem para um adulto, mas demasiados formais para um bebé. Embora também não queira que tenha um nome demasiado infantil quando crescer. Sara e tu souberam desde o início que nome queriam para o vosso filho?

– Demos-lhe o nome em honra dos nossos pais. O meu chama-se Samuel Witt e o de Sara, George Samuel Andrews.

– E se tivesse sido uma menina?

– Sara gostava de Brittany e eu, de Heather.

– Ambos são lindos. Eu gosto de Melanie. E acho que terei de me decidir em breve – replicou, bebendo um gole. – Seria bonito dar o nome de um membro da família ao meu filho, uma tradição que se repetiria de geração em geração.

– Está a ficar tarde. Devia ir-me embora – disse Jackson, acabando o café.

– Obrigada mais uma vez pelo jantar

e por me levares ao médico. Teria tido de ficar em Julian por causa desta chuva – declarou Mandy, pegando no casaco de Jackson para lho dar. – Diverti-me muito esta noite – disse, suavemente.

Jackson ia dizer alguma coisa, mas, em vez disso, abraçou-a e beijou-a.

Mandy ficou surpreendida por um instante, mas, depois, concentrou-se nas sensações deliciosas que enchiam o seu corpo. Ele agarrava-a com firmeza, apertando-a, moldando o seu corpo aos músculos fortes. Mal conseguia respirar, mas para que precisava de ar quando o prazer era tão forte? Levantou os braços e rodeou-lhe o pescoço com eles, respondendo ao beijo com um desejo que crescera no seu interior ao longo de

vários dias.

Sentia-se aconchegada. O calor que o corpo de Jackson emanava aquecia-lhe o sangue. O beijo foi-se aprofundando. Ela respondia com a mesma intensidade. Não podia acreditar que estivesse realmente a acontecer.

Jackson parecia tão ávido de carícias, de sensações e de ligação como ela. Perguntou-se se sentiria a falta de contacto humano ou se seria um desejo relacionado apenas com ela.

De repente, Jackson pôs fim ao beijo e afastou-se.

Ela não queria, mas largou-lhe lentamente o pescoço. Então, olhou para ele.

– Não devia ter feito isto – disse, olhando para a cara dela, enquanto lhe tocava com o polegar nos lábios ligeiramente inchados e húmidos. Mandy teve vontade de chorar quando sentiu a suavidade da carícia. E o tom de desculpa da sua voz. Ela não queria um pedido de desculpas. Queria outro beijo abrasador.

– Por favor, não digas que o lamentas – sussurrou.

Porque não podia desfrutar tanto como ela? Porque não queria outro beijo? Eram jovens e não estavam com ninguém.

Ele olhou para ela com ferocidade.

– Não devia estar a beijar ninguém.

Mandy colocou-se em bicos dos pés e tocou com os lábios nos dele, desejando poder fazer mais. Se ele não a beijasse, fã-lo-ia ela.

Depois de uma breve despedida, Jackson virou-se e saiu da caravana, que abanou quando ele bateu com a porta.

Mandy abraçou-se, sentindo um frio atroz depois de ele se ter ido embora. Nenhum dos dois estava comprometido com ninguém, mas Jackson continuava preso a uma mulher morta. Teria sido por isso que se fora embora tão abruptamente?

Jackson estava de pé nos degraus da caravana, com a cabeça inclinada para trás. As gotas frias de chuva

encharcavam-lhe o cabelo e a cara. Tinha a esperança de que o frio o ajudasse a recuperar o bom senso. Respirou fundo.

Cedera à tentação sem pensar em mais nada senão em satisfazer o seu desejo de abraçar Mandy, de a sentir contra ele, de lhe saborear a boca e verificar se a atração sexual era mútua. E, se se guiasse pela resposta dela, era.

Era um estúpido. Desceu os degraus e dirigiu-se para a carrinha sem fazer caso da chuva, nem das poças.

Não devia andar aos beijos. E Sara?

«Sara partiu.»

Resmungou em voz baixa enquanto abria a carrinha e se sentava ao volante.

Sabia que partira. Não o esquecera.

«É hora de continuares com a tua vida.»

Cerrou os punhos e bateu no volante. Fora o que fizera. Criara uma vida, longe de tudo o que conhecia e amava. Conseguia esconder Sara e Sammy no fundo da sua mente durante o dia. Mas, à noite, ficavam ao alcance da sua mão.

Se fechasse os olhos, conseguia vê-los. Franziu o sobrolho e fechou os olhos. Nada. E, pouco depois, apareceu a imagem de Mandy com os seus caracóis saltitantes. O seu sorriso. A sua determinação quando discutia com ele. A sua gargalhada quando Jeff fazia uma brincadeira. Os seus olhos azuis reluzentes de expectativa e emoção.

Jackson abriu os olhos e ligou o carro. Tinha de voltar para casa, ver a fotografia de Sara e colocar novamente a sua imagem na cabeça. Não a imagem de outra pessoa.

Nunca poderia esquecer Sara e Sammy. Nunca esqueceria os dias intermináveis de dor e solidão quando tinham desaparecido. A vida que conhecera até àquele momento desaparecera com eles. Demorara meses a recuperar e a agir como uma pessoa normal. Não suportaria se lhe acontecesse algo parecido outra vez, por muito tentadora que Mandy fosse e por muito que lhe apetecesse estar com ela.

E, mesmo que estivesse disposto a

ceder, ela merecia mais. Depois de ter sido rejeitada pelo pai do filho, merecia um homem que a amasse e que amasse aquele bebê quando nascesse, um homem que ficasse ao seu lado para sempre. Não um tipo renegado que se iria embora dali quando acabasse o trabalho que estava a fazer.

Entrou na sua caravana e acendeu a luz. Estava fria. Vazia. Exceto pela fotografia de Sara e Sammy, não havia nenhum pormenor pessoal à vista.

Jackson comparou-a com a de Mandy e as boas-vindas calorosas que oferecia ao entrar-se. Não recordava ter visto pormenores pessoais, mas havia algo caseiro nela. Um refúgio da tempestade.

Pegou na fotografia e olhou para os

dois rostos que mais amara no mundo. Sara estava radiante de felicidade. Sempre fora uma pessoa feliz. Pelo menos, conseguia recordar isso. E Sammy... Estava tão orgulhoso de ir para a escola como um menino grande... Agora, teria oito anos.

Enquanto olhava para os seus rostos, Jackson sentiu que a tensão ia cedendo, que a dor suavizava. Tinham feito parte da sua vida e recordá-los-ia sempre. Mas já não estavam com ele.

«É hora de continuares com a tua vida.»

Tocou nas faces de Sara. Só vidro frio. Tocou no nariz de Sammy. Novamente, vidro frio. Com um suspiro,

Jackson levou a fotografia para o quarto e guardou-a numa gaveta. Era altura de continuar com a sua vida.

Mandy pensou em como gostava dos sábados, enquanto se virava na cama. Podia ficar a dormir todo o tempo que quisesse. Fazer algumas coisas e dormir uma sesta, se quisesse. Comer quando quisesse e vestir roupa confortável.

Então, porque acordara às seis e quarenta e cinco, com a cabeça cheia de imagens de Jackson Witt? Tinha de encontrar uma maneira de o esquecer. De esquecer o beijo.

Embora isso fosse como dizer que devia esquecer-se de comer. Duvidava

que conseguisse esquecer aquele beijo. Não se parecia com nenhum que tivesse experimentado na sua vida. Ele não se parecia com ninguém que tivesse conhecido na sua vida.

Mas estava fora do seu alcance. Tinha de se manter longe dele e tinha de tentar dormir.

No entanto, conforme começava a adormecer, via Jackson com toda a clareza a abrir caminho entre a multidão até ela e, depois, a levá-la para um canto escuro e a beijá-la como se o mundo fosse acabar. Ou a levá-la para uma colina ensolarada, onde estavam sozinhos no meio de uma cama de flores silvestres. E deixavam-se arrastar pela paixão.

A meio da manhã, Mandy acordou novamente. Não queria continuar a pensar nos sonhos eróticos que tivera e começou a limpar a caravana e a fazer biscoitos para a festa de Jeff.

Pouco antes das sete da tarde, Mandy estava pronta. Vestira o vestido amarelo, arranjava o cabelo e maquilhara-se. Pensou que tinha bom aspeto. Vendo-se ao espelho, disse a si mesma que o brilho dos seus olhos se devia à festa e o rubor das faces, ao pequeno passeio que dera depois do almoço.

A pancada na porta surpreendeu-a. Correu a abri-la e encontrou Bill Frates nos degraus.

– Olá, Mandy! Pensei que podia acompanhar-te à festa. Ainda há lama em alguns lugares.

– Oh, obrigada, Bill... Agradeço-te muito – agradeceu ela, vestindo um casaco grosso e pegando nos biscoitos para Jeff.

A zona que tinham reservado para a festa era enorme. Dois aquecedores de tamanho industrial aqueciam o local, mas, como parte das paredes eram lonas, era algo praticamente impossível. Mesmo assim, surpreendia-a que estivesse tanto calor. Podia tirar o casaco, que deixou junto da porta.

Estavam lá quase todos os trabalhadores da obra, para além de

imensas mulheres. Viu Jeff pouco depois e dirigiu-se para ele.

Também havia uma banda que aquecia o ambiente com a sua música. O chão de contraplacado era uma boa superfície para dançar. Mandy reconheceu um dos membros, Moose, o condutor da grua.

– Mandy, fico contente por teres vindo – cumprimentou-a Jeff, com um grande sorriso.

– Parabéns, Jeff! – exclamou ela, entregando-lhe o prato de biscoitos.

– O que é isto?

– Disseste que gostavas de biscoitos de aveia e fiz-te alguns.

– São os meus favoritos! Obrigado! – inclinou-se e deu-lhe um beijo na face. –

Há muita comida naquela mesa. E as bebidas estão no bar. Serve-te.

Naquele momento, aproximou-se um casal jovem para lhe desejar um feliz aniversário e Mandy afastou-se. Ficou a olhar para o esqueleto do que seria o edifício principal. As janelas estavam cobertas com lonas para proteger do frio. As tubagens do sistema de aquecimento ainda estavam a descoberto. Seria tudo acabado quando retomassem a obra na primavera. Perguntava-se no que se transformaria aquela sala quando o complexo estivesse acabado.

Passeou pela sala, sorrindo àqueles que reconhecia da obra e

cumprimentando com acenos amáveis de cabeça os que não conhecia. Alguns homens apresentaram-lhe as suas esposas.

A música que estava a tocar tinha muito ritmo. Os casais dançavam e os homens iam entrando na pista e mudavam de par. Todos pareciam estar a divertir-se muito. Mandy aproximou-se de um dos aquecedores, apreciando a música enquanto olhava para os casais. Os seus dias isentos de preocupações tinham acabado. Daí a alguns meses seria mãe. Teria de ficar em casa a cuidar do seu filho durante muito tempo.

– Queres dançar? – perguntou um jovem, ofegante devido ao exercício.

– Talvez mais tarde – respondeu

Mandy, com um sorriso.

– Claro – disse ele, com um sorriso, enquanto procurava outro par.

Mandy olhou à sua volta, à procura de Jackson. De repente, viu-o a falar com um grupo de homens do outro lado da sala. Naquele momento, levantou o olhar e viu-a.

Mandy sentiu que o calor subia pelo seu corpo e desviou o olhar. Não queria que achasse que estava à procura dele. Pensou que comeria algo e que depois se iria embora.

Com aquela ideia em mente, aproximou-se das mesas onde tinham posto o bufete e escolheu algumas coisas. Depois, aproximou-se do que

parecia ser o balcão do bar, atrás do qual um dos homens esperava para a atender. Ela olhou para ele e, rindo-se, pediu a especialidade da casa, o Windhaven Windy, uma mistura de refrigerante e um ingrediente especial. Um gole bastou-lhe para pensar que o ingrediente secreto era limonada. Certamente, não era a melhor coisa que já bebera.

Regressou ao seu lugar junto do aquecedor e bebera apenas um pouco quando Jackson apareceu ao seu lado.

– Danças?

Ela levantou o olhar e sentiu falta de ar.

– Acho que não. É demasiado rápido para mim.

Naquele momento, a música mudou. Notas lentas e nostálgicas começaram a tocar, muito diferentes dos ritmos mexidos que tinham tocado até àquele momento.

– Acho que conseguirás dançar isto – redarguiu ele, tirando-lhe o prato e deixando-o no chão. Estendeu a mão e esperou.

Mandy respirou fundo e estendeu a sua. Quando sentiu que a mão de Jackson se fechava sobre a dela, suspirou. A magia que sentia sempre que estava com ele apoderou-se dela.

Tentando não fazer caso do desejo clamoroso, caminhou para a pista de dança e deixou-se abraçar. Disse a si

mesma que não pensaria no beijo, que aquilo era apenas uma dança calma diante de todos os homens da obra. Uma dança entre colegas de trabalho.

– Estás a divertir-te? – perguntou Jackson.

Ela assentiu, com o olhar fixo no ombro esquerdo dele.

– Falaste com Jeff?

Ela assentiu novamente.

– E não falas?

Ao ouvi-lo a dizer aquilo, levantou o olhar e viu um brilho divertido nos seus olhos.

– Claro que sim. O que queres que diga?

– Convida-me para beber um café na tua casa quando a festa acabar e

veremos se temos alguma coisa para falar.

– Falar? Ou fazer outra coisa?

– Diga-me, menina Mandy Parkerson, que outra coisa podíamos fazer?

Ela mordeu o lábio inferior, tentando não sorrir de puro deleite.

– Podia fazer *brownies*. Sei que adoras.

– Também gostei da sobremesa de ontem à noite – redarguiu ele, apertando-a com mais força à medida que se mexiam ao ritmo da música.

Mandy teve de admitir a sua surpresa ao ver que Jackson dançava tão bem. Pensara que, estando sempre envolvido em construções, as aptidões sociais dele

seriam limitadas. Mas era o melhor dançarino que já conhecera. Pareciam ter uma sincronização perfeita, flutuando ao ritmo da melodia.

Era apenas uma dança. À medida que a festa avançava, teve de recordar a si mesma que não resultaria nada de uma relação com Jackson. Mas, por enquanto, desejava que algo maravilhoso acontecesse entre eles. Desejava que fossem duas pessoas diferentes que se conheciam, que se apaixonavam e que confiavam em que teriam um futuro perfeito juntos.

Contudo, em vez disso, ela era uma pessoa que receava voltar a confiar, que aceitava com muita cautela a ideia de um compromisso com alguém.

Perguntava-se como seria viver sem medo.

Jackson não se afastou dela quando a música acabou. Alguns homens olhavam para eles com curiosidade, mas ele parecia não se importar.

– Queres beber alguma coisa? – perguntou, pouco depois.

– Tudo menos um Windhaven Windy – respondeu ela. Jackson não pareceu entender. – O *barman* da festa está decidido a fazer com que bebamos as suas misturas estranhas em vez de refrigerantes. Essa é uma delas. É realmente mau.

– Evitá-lo-ei, então. Conseguirei que nos sirva um refrigerante, se quiseres.

– Ou também podíamos ir beber um café na minha caravana – sugeriu ela, num impulso de coragem.

Capítulo 10

Ao não receber resposta imediata, Mandy desejou que a terra a engolisse. Ele sugerira-o antes. O que queria dizer aquilo? Teria medo de que tentasse seduzi-lo?

Desviou o olhar, receosa de começar a rir-se à gargalhada. Era demasiado ridículo para dizer alguma coisa. Grávida quase de sete meses e de outro homem! Quem a consideraria em condições de seduzir um homem? E ainda mais um homem como Jackson

Witt?

– Devia ficar mais um pouco. É a noite de Jeff e não quero ir tão cedo – respondeu ele.

– Entendo – disse ela, tentando manter um tom despreocupado, embora sentisse o calor que devia estar a corar-lhe as faces. Perguntou-se quando poderia fugir da festa sem ser vista e esconder-se na sua caravana.

– Acho que me apetece qualquer coisa fresca. Vou buscar um refrigerante – anunciou ela, oferecendo-lhe um dos seus sorrisos resplandecentes enquanto começava a andar. Pensava que, assim que ninguém a visse, correria para a sua caravana.

– Eu vou. Espera aqui – ofereceu-se

ele, tocando-lhe levemente no ombro.

Mandy considerou a possibilidade de fugir, mas sabia que isso daria azo a especulações que não desejava.

Desejou não ter cedido ao impulso de o convidar a beber um café na sua caravana. Provavelmente, ele só o sugerira para dizer alguma coisa. De futuro, certificar-se-ia de manter as distâncias. Jackson era o seu chefe, mais nada.

Quando viu que regressava, entrou em pânico. Bill Frates chegou antes dele. Bill tinha-a convidado para jantar com ele várias vezes e ela rejeitara sempre o convite, mas tentava ser amável com ele. E era evidente que não albergava

esperanças. Acompanhara-a à festa para se certificar de que não tinha nenhum acidente.

– Queres dançar?

Mas, antes que pudesse recusar-se amavelmente, Jackson chegou e deu-lhe o seu refrigerante.

– Não vai dançar esta música – Bill pareceu confuso. – Está comigo – indicou Jackson, com firmeza.

– Claro, chefe. Talvez mais logo – disse Bill, olhando especulativamente para eles. Virou-se e foi-se embora.

Mandy bebeu um gole do seu refrigerante, contente por ter algo para esconder a sua surpresa. Jackson daria azo a todo o tipo de especulações se continuasse a agir daquele modo.

Qualquer um diria que parecera bastante possessivo.

– É uma festa muito agradável – disse ela, procurando um tema de conversa. – Fazem muitas festas? Parece uma boa maneira de relaxar.

– Haverá uma festa grande no fim da temporada. Nem todos os homens regressarão na próxima primavera. Alguns arranjarão outros trabalhos durante o inverno. Outros aceitam trabalhos sazonais, como conduzir limpa-neves ou trabalhar nas estâncias de esqui, e voltam para cá na primavera. Esta festa é uma exceção, por causa do aniversário de Jeff.

O homenageado juntou-se a eles

naquele momento e os três estiveram a conversar amigavelmente. Quando Mandy julgou que já estivera ali tempo suficiente, desculpou-se, dizendo que tinha de ir à casa de banho. Mas, em vez disso, pegou no seu casaco e, olhando para trás com olhar melancólico, saiu para a noite fria.

A temperatura era agradável na sua caravana, mas estava silenciosa. Demasiado. Ainda conseguia ouvir o eco da música da festa.

Tirou os sapatos e pôs água a ferver. Pensou que leria um pouco e iria dormir a seguir. No dia seguinte, ficaria até tarde na cama e, depois, daria um passeio até ao lago, se o chão já tivesse secado.

Sentou-se no sofá e começou a ler um livro de mistério. O bebé estava muito ativo naquela noite. Mandy perguntou-se se conseguiria ouvir a música e estaria a dançar.

De repente, uma pancada na porta assustou-a. Viu que era Jackson.

– Vim beber o café.

Ela afastou-se para o deixar entrar. Sentia um nó no estômago. Estaria ali só pelo café?

Mandy acendeu as luzes.

– Senta-te. Acabei de ferver água para um chá. Farei o café num instante. Pensava que querias ficar mais tempo na festa.

– É verdade. Mas apetecia-me mais

estar contigo. Porque te vieste embora?

– Oh... Achei que já estava na hora – respondeu ela, sem saber o que mais dizer.

Jackson tirou o casaco e deixou-o nas costas de uma cadeira.

– E o café? – perguntou ele, ao ver que Mandy parecia ter ficado paralisada.

Atordoadada, virou-se para a cozinha, mas Jackson parou-a, pondo-lhe a mão no ombro. Ela virou-se lentamente e olhou-o nos olhos.

– Mandy... – sussurrou, enquanto se inclinava para ela.

Jackson abraçou-a e beijou-a. Sentiu que tinha os lábios frescos do frio da rua e que sabiam a refrigerante.

Embora os braços dele a segurassem com força, Mandy sentiu uma emoção terna. Rodeando-lhe o pescoço com os braços, deixou-se levar. Não questionaria a sua sorte. O corpo de Jackson era sólido, forte e muito quente. Sentia-se viva e cheia de energia apaixonada. As suas línguas dançavam. Os seus corações batiam em uníssono. O tempo pareceu parar.

Jackson aproximou-se da porta e procurou o interruptor da luz às apalpadelas. Apagou a luz da sala. O candeeiro de mesa era a única iluminação.

Só estavam ali os dois. E, poucos segundos depois, todos os pensamentos

coerentes desapareceram. Mandy viu-se arrastada por uma paixão que a consumia. Jackson fora o único homem que lhe proporcionara semelhante resposta na vida. Seria assim tão especial?

Estavam a dançar, mexiam-se pela sala ao ritmo de uma melodia que só eles ouviam. Sentia que voava, flutuava e, finalmente, caía.

Abriu os olhos e viu que Jackson a levava até ao sofá. Sem a largar, sentou-se e apertou-a carinhosamente contra o peito.

Mandy deveria ter-se afastado e ter tentado recuperar a normalidade, ter recordado como sofrera no passado. Mas aqueles beijos só serviam para

despertar o desejo de ter mais. As suas carícias e a sua presença conjuravam as lembranças do passado.

Desejava mais. Desejava-o!

De início, não ouviram as pancadas insistentes na porta.

– Mas que raios...? – Jackson olhou com ódio para a porta.

Mandy afastou-se, consciente de que tinha o vestido subido e torto.

– Será que devia ir ver quem é? – sussurrou, levantando-se.

– Não, eu trato disto – respondeu ele, aproximando-se da porta enquanto passava os dedos pelo cabelo.

Jackson abriu a porta. Um dos homens estava ali, com o punho levantado para

bater outra vez.

– Chefe, há problemas. Jeff está a tentar resolvê-los, mas mandou-me vir chamá-lo. É Moose. Está a discutir com Bob e começaram a andar à luta.

Jackson assentiu e foi buscar o casaco.

– Vou já.

Mandy estava junto do sofá. Só esperava não parecer tão despenteada devido aos efeitos da paixão como se sentia. Não queria provocar mexericos.

– Tenho de ir – informou ele. Ela assentiu. – Volto mais tarde.

Mandy não disse nada, consciente de que não estavam sozinhos. Jackson olhou-a por um instante e, por fim, saiu, fechando a porta atrás de si.

Mandy aproximou-se da porta e trancou-a. Ainda tinha a respiração agitada devido aos beijos e o sangue quente pela paixão. Perguntava-se se Jackson teria parado se não tivessem batido à porta.

A pouco e pouco, os pensamentos racionais voltaram à sua cabeça. Sabia que não podia ter nada duradouro com ele. Estaria disposta a ter uma aventura enquanto durasse o trabalho? Conhecia-se. Sabia que já estava a sentir mais por Jackson do que era seguro. Perguntou-se com ironia onde estava a sua determinação de se manter longe de qualquer homem. E, de todos os homens do mundo, tinha de ter escolhido um que

continuava apaixonado pela falecida esposa!

Quando Jackson e Jeff acabaram de resolver a confusão, já era tarde. Os dois sócios dirigiram-se juntos para as caravanas. Sem pensar, Jackson olhou para a de Mandy. Não havia luz.

– Até à discussão, a festa correu bem
– replicou Jeff, quando já se aproximavam da caravana de Jackson.

– Para a maioria. Moose arrepender-se-á quando, na segunda-feira, lhe disser que vou descontar os estragos causados do salário dele.

– Não é para tanto.

– Devia despedi-lo por ter trazido

álcool para a festa. Conhece as regras.

– Se acontecesse com frequência, estaria de acordo contigo. Mas era uma festa e alguns homens não o consideram como tal se não houver álcool.

– Então, deveria ter ido procurar ação à cidade.

– E, falando de ação, vi-te a dançar com Mandy.

– E? – Jackson ficou tenso. Se Jef fizesse comentários vulgares sobre Mandy...

– Gostei. Ela está muito sozinha, creio. Sabes que não tem família.

– Ouvi dizer que não.

– Não acho que saiba o que vai fazer quando o bebé nascer. Comentou a possibilidade de ficar por aqui.

– Sim, também me disse isso.

– Sim. Bom... Boa noite – Jef continuou até à sua caravana e Jackson olhou para ele até entrar.

– A que propósito foi aquilo? – perguntou-se em voz alta. Jeff não podia estar a tentar armar-se em casamenteiro com eles.

Jackson entrou na sua caravana. Mais uma vez, surpreendeu-se ao notar como estava vazia e fria. Procurou a fotografia de Sara com o olhar, mas recordou que a guardara. Sara teria mantido aquele lugar acolhedor. Sara... Sentia a falta dela.

Beijar Mandy fora uma idiotice. A sua relação não iria a lado nenhum. Mas

ela tinha de o saber. Não podia albergar esperanças depois de alguns beijos.

Tinha um complexo turístico para construir. E também tinha de fiscalizar outros projetos. Talvez fizesse uma viagem a Pueblo para ver como estava o capataz que tinham lá. Talvez faltasse alguma coisa nos relatórios semanais que lhes enviava por fax.

Jackson sabia que era uma desculpa para partir dali, mas colocar várias centenas de quilómetros entre Mandy Parkerson e ele parecia-lhe o mais sensato naquele momento.

Depois, a sua relação limitar-se-ia ao aspeto profissional. Isso significava que não voltaria a beijá-la.

Apesar do sol, o domingo amanheceu frio. Mandy aventurou-se a dar um passeio até ao lago, mas foi muito curto. Em casa, retomou o livro, todavia, apercebeu-se de que não era capaz de se concentrar, pois não parava de se perguntar onde estaria Jackson.

Inquieta, começou a fazer *brownies* a seguir ao almoço. Disse a si mesma que os fazia porque gostava. Além disso, talvez Jeff quisesse alguns.

– Entra – disse, ao ouvir que batiam à porta. Teve de disfarçar a sua desilusão ao ver que era Jeff e não Jackson. – Chegaste mesmo a tempo. Fiz *brownies*. Estão quase a sair do forno.

– Cheiram muito bem. Vim ver como

estavas. Não te vi a dar o teu passeio diário.

– Hoje, fui mais cedo, mas voltei depressa. Tinha frio.

– Sim, choveu muito, mas poderia ter sido neve. Dizem que haverá outra tempestade no fim de semana. Acho que os nossos dias aqui estão contados.

– Divertiste-te na festa? – perguntou Mandy, fazendo bebidas quentes para os dois.

– Até Moose e os outros começarem a discutir. Mas não tive oportunidade de dançar com a rapariga mais bonita da festa. Jackson adiantou-se.

– A sério? – perguntou ela, tentando não se mostrar ciumenta.

– Refiro-me a ti – esclareceu Jeff,

com um sorriso.

– Não acho que fosse a mais bonita – contradisse-o Mandy, sentindo-se lisonjeada pelos esforços do homem para fazer com que se sentisse especial. Pigarreou e tentou parecer despreocupada. – E onde está Jackson? Espero que não esteja a trabalhar.

Jeff olhou para ela com verdadeiro interesse.

– Foi esta manhã para Pueblo. Volta no próximo fim de semana.

– Pueblo?

– Estamos a construir um pequeno centro comercial lá. Temos um capataz que nos informa semanalmente dos progressos, mas Jackson achou que

devia ir verificá-los pessoalmente. Se não pudermos confiar em Mick depois de todos estes anos, nem vale a pena continuar. E tu? Divertiste-te na festa?

Falaram da festa e da tempestade, e de que teriam de acelerar os planos devido às tempestades que estavam previstas para os próximos dias. Mas na sua mente ecoava a questão de Jackson se ter ido embora.

A semana passou muito devagar. Todos os dias, chegava ao escritório com a esperança de o ver a entrar, com o cabelo despenteado por estar sempre a mexer nele e atento a tudo sem expressar nada. Mas a sua mesa estava claramente

vazia.

Jeff encarregava-se de tudo. Também passava muito tempo com os homens. Parecia que todos estavam concentrados em trabalhar mais horas para fazerem o máximo possível antes do inverno.

Na quarta-feira, Jackson telefonou. Mandy atendeu.

– Jeff está? – perguntou, sem a cumprimentar.

– Está na obra. Queres que vá chamá-lo?

– Não, diz-lhe para me telefonar quando voltar. Tem o meu número de telemóvel.

– Está tudo bem?

– Sim.

Esperou, mas era evidente que

Jackson não tinha intenção de dizer mais nada.

– Aqui, também está tudo bem – declarou ela, sem conseguir pensar noutra coisa para dizer.

– Ainda bem. Diz a Jeff para me telefonar – e desligou.

Mandy pousou devagar o auscultador. O que esperara?

Escreveu a mensagem para Jeff, tentando não se sentir magoada.

Na sexta-feira, só se falava da tempestade iminente. A temperatura subira ao longo da semana, por isso, a neve não era uma ameaça, mas a previsão era de chuva abundante e vento forte.

O vento chegou antes da chuva. Mandy viu-se atingida por ele ao sair do escritório. As rajadas fortes levantavam espirais de folhas e de ramos do chão.

Enquanto fazia o jantar, começou a chover. As gotas ouviam-se como se fosse granizo no teto de metal da caravana, que o vento agitava levemente. Um calafrio percorreu-lhe o corpo. Alegrava-se por estar protegida.

Mais tarde, quando foi para a cama, percebeu que a tempestade não propiciava o sono. De vez em quando, assustava-se ao ouvir um ramo a partir-se e a cair. Olhando pelas janelas para a noite escura, esforçou-se para ver o que havia lá fora.

Não conseguia dormir e estava cada vez mais inquieta. Talvez devesse tentar ler. Já estava quase a acabar o livro e queria saber se acertara nas suas suspeitas sobre a identidade do criminoso. Levantou-se e foi à sala buscar o livro. Só precisava da luz do corredor.

Então, ouviu um rangido que parecia estar por cima dela. A caravana mexeu-se perigosamente e uma rajada de vento gelado envolveu-a.

Mandy correu para o quarto e parou à porta, horrorizada. Uma árvore caíra sobre a parte traseira da caravana e abrira uma fenda enorme no teto e num dos lados. A chuva começou a entrar. A

sua cama estava coberta de ramos e de agulhas de pinheiro.

Pegou no robe e nos chinelos, e correu para a sala, mas, então, pensou melhor e, entrando novamente no quarto, vestiu umas calças de ganga e uma blusa, e saiu. Vestiu o casaco grosso e, por pouco que lhe apetecesse sair para a noite fria, tinha de pedir ajuda.

Correndo entre a lama e a chuva, bateu com força à porta de Jeff. Ele abriu-a segundos depois. Ao ver que era ela, praticamente arrastou-a para o interior.

— O que se passa, Mandy? O que raios fazes aqui fora com esta chuva? Não entraste em trabalho de parto, pois não?

— Não — respondeu ela, abanando a

cabeça, agradecida pelo calor que estava na caravana. – Caiu uma árvore em cima do meu quarto. Fez um buraco no teto e na parede, e a chuva está a entrar. Não posso ficar lá. Está frio.

– Não te aconteceu nada, pois não? – perguntou ele, com evidente preocupação.

– Não, estava na sala quando caiu. Felizmente! Há dois ramos atravessados na cama, no sítio onde durmo – explicou ela, sentindo um calafrio. Estivera muito perto de ficar ferida.

– Fica aqui. Vou vestir-me e ver o que posso fazer.

– Não creio que possa fazer-se alguma coisa esta noite. Está tudo

molhado. Está a chover muito – ela própria ficara encharcada no percurso até à caravana de Jeff.

– Tira esse casaco. Vou buscar-te uma camisola. E uma toalha para o cabelo.

Jeff saiu do quarto minutos depois, vestido e com um impermeável amarelo. Deu-lhe a camisola e a toalha.

– Espera aqui. Volto já.

Quando Mandy acabou de secar o cabelo, Jeff regressou, acompanhado de Bob e Tommy.

– Conseguimos tapar a zona do teu quarto com lonas e fechámos a porta para que o resto não se molhe. Tentaremos secar tudo quando a chuva parar. Temos de cortar a árvore para

analisar os estragos. Mas só poderemos fazê-lo amanhã.

— Achas que poderia cair outra árvore? — perguntou, sentindo-se vulnerável.

Um novo rangido. Um instante depois, o chão mexeu-se ligeiramente. Tommy saiu, iluminando a rua com a lanterna. Voltou um minuto depois.

— Não se vê nada. Deve ter sido mais longe do que parecia. Alguns homens saíram das suas caravanas. Alguns ramos caíram sobre as tendas mais próximas do lago.

— Tens tudo o que precisas para a noite? — perguntou Jeff.

— Não devia voltar? — perguntou

Mandy, surpreendida.

– Sentir-me-ia melhor se ficasses aqui. Podes dormir na minha cama. Eu ficarei no sofá. Mas, primeiro, vou ver se há mais estragos. Além disso, a tua caravana está gelada. Não tem sentido gastar gás a tentar aquecê-la.

– Está bem, mas eu ficarei no sofá.

– Estarei fora durante algum tempo, querida. Descansa. Há lençóis lavados no armário da casa de banho.

Jeff e os outros foram-se embora, e Mandy fez a cama. Tirou as botas e as calças de ganga, mas deixou o resto. Ainda tinha um pouco de frio. Pouco depois, deitou-se e adormeceu.

Acordou ao amanhecer para ir à casa de banho. Ao passar, viu Jeff a dormir

profundamente no sofá. A chuva continuava a bater na caravana. E o vento continuava a soprar. Em silêncio, voltou para a cama. Um ruído acordou-a duas horas mais tarde. Olhou à sua volta, tentando orientar-se. Então, viu que era o telemóvel de Jeff, que estava sobre a cómoda, e levantou-se para ir buscá-lo.

— Sim? — atendeu-o, ensonada. Silêncio do outro lado. — Há alguém aí?

— Mandy? — perguntou Jackson, com tom incrédulo.

— Sim — confirmou ela, voltando para a cama. Estava frio ali fora.

— Onde está Jeff?

— Está a dormir. Queres que o acorde

ou preferes que te telefone mais tarde?

– Foi uma noite agitada?

– A quem o dizes! Como soubeste?

– Passa-me Jeff – replicou ele, com tom gélido.

– Está bem – concordou ela, franzindo o sobrolho. Levantou-se, vestiu as calças de ganga e saiu para a sala, perguntando-se o que seria tão urgente. Era sábado. Será que aquele homem nunca descansava? – Jeff? – abanou-o suavemente. – Jackson quer falar contigo – abanou-o com mais força. O homem resmungou e rodou até ficar deitados de costas, olhando para ela com os olhos quase fechados.

– Diz-lhe que estou a dormir.

– Tentei – respondeu ela, dando-lhe o

telefone e dirigindo-se para a cozinha. Era maior do que a dela e estava mais bem equipada. Encontrou o café e começou a prepará-lo, tentando não ouvir a conversa.

De repente, Jeff endireitou-se no sofá.

– Mas do que raios estás a falar? – perguntou, quase a gritar.

Fascinada, Mandy esqueceu a discrição. Teria acontecido alguma coisa na obra de Pueblo?

Jeff contou a Jackson os acontecimentos da noite anterior, que Mandy lhe pedira ajuda, e fez-lhe um relatório dos estragos que ela não vira. Depois, calou-se e, pouco depois, o seu tom suavizou-se.

– Não faz mal. Quando voltas? Precisamos da tua ajuda... Não sei, um dos homens tentará ir a Julian hoje. Precisamos de mais serras elétricas. É um desastre... – olhou para Mandy. – Eu digo-lhe. E quando voltares... Está bem. Até logo – Jeff desligou e deitou-se novamente. – É a café que cheira? – perguntou, do sofá.

– Estará pronto daqui a alguns minutos. Aconteceu alguma coisa em Pueblo?

– Não. A tempestade nem lhes tocou. E o vento já não parece tão forte.

Não queria perguntar porque é que Jackson se mostrara tão agitado. Jeff e ela não eram assim tão íntimos. Se o

homem quisesse que ela soubesse, dir-lho-ia.

– Ainda bem. Conseguirão tirar a árvore da minha caravana? – perguntou-lhe, minutos depois, enquanto lhe dava o café.

– Não sei. Vamos tentar.

– Eu não gostaria de ter de te incomodar esta noite outra vez. Posso dormir na minha sala, se for necessário.

Jeff olhou para ela com curiosidade.

– Na verdade, Jackson sugeriu que fiques na caravana dele.

Capítulo 11

– O quê? – perguntou Mandy, certa de não ter ouvido bem.

– Ele tem um quarto a mais. Talvez seja mais lógico, até arranjarmos a tua caravana. Pensa nisso, pelo menos.

Mandy abriu a boca para protestar, mas fechou-a. O que podia dizer sem levantar suspeitas? De repente, pensou que Jeff talvez ainda não se tivesse levantado porque ela estava ali. Não sabia se dormia de pijama, de cuecas ou nu.

Desculpou-se e foi para o quarto, pensando no que Jeff acabara de lhe dizer. Só saiu quando ouviu a porta da casa de banho.

Mudar-se para a caravana de Jackson, mesmo que fosse por pouco tempo, era muito má ideia. Se ficasse com ele, almoçariam juntos e viveriam sob o mesmo teto. E, todas as noites, ela saberia que apenas uma parede fina os separava. Ficaria louca!

Aproximou-se da janela e olhou para a sua caravana. Estava coberta de ramos e havia um tronco enorme atravessado sobre ela. O chão de toda a zona e mais longe, em direção ao lago, estava coberto de ramos. Era um milagre que

não tivesse caído mais nenhuma árvore.

Jeff apareceu pouco depois. Barbeara-se e vestira-se, mas parecia cansado.

– Acho que, se conseguíssemos selar o quarto para conservar o calor, podia dormir na sala. O sofá é confortável e será apenas por um mês. Não é necessário ficar com Jackson. E quando ele voltar? – perguntou Mandy, perguntando-se se decidiriam prescindir dela por não ter onde ficar.

– Primeiro, temos de analisar os estragos. Se alguma tubagem de gás tiver sido afetada, não poderás viver lá. E Jackson tem espaço de sobra.

– Queres dizer enquanto não está cá.

– Não – corrigiu Jeff, pigarreando. –

A caravana dele é maior e tem dois quartos.

– Vai voltar em breve? – perguntou Mandy, com desconfiança. Jeff assentiu. – E tenho de ficar com ele? – Mandy não sabia se devia gritar de frustração ou aceitá-lo o melhor possível.

– Acha que terás de ficar com ele até vermos o que pode fazer-se com a tua caravana.

– E haverá problemas por causa dos homens?

– Do que estás a falar?

– Jackson não queria que trabalhasse aqui, caso já não te lembres, porque a minha presença podia ser prejudicial para os homens. Não te parece que isto é

claramente prejudicial?

— Só para Jackson, suspeito — replicou ele, com olhos brilhantes. — Além disso, ele merece-o. É bom ver que aquele homem mostra interesse por algo além do trabalho. Espera um ou dois dias. Conseguiremos estimar os danos quando tirarmos a árvore.

Mandy pensou que Jackson merecia todo o prejuízo que ela pudesse causar-lhe. Claramente, ele prejudicara-a bastante. Por um instante, a ideia fê-la sorrir.

Seria uma convidada discreta. Nem sequer notaria a sua presença. E, se quisesse mais beijos, teria de ir procurá-los noutro lado, porque ela não ia ceder. Sairia da sua caravana assim

que a dela estivesse arranjada.

Pelo menos, essa era a sua intenção até ir buscar as suas coisas e se dirigir para a caravana de Jackson. Tinha quase toda a roupa molhada e foi à casa de banho para a estender. Ficou imóvel à porta. Tinha uma banheira! Talvez viver com Jackson não fosse assim tão mau.

Depois de jantar, Mandy encheu a banheira de água quente. Jackson ainda não chegara. Talvez só chegasse na manhã seguinte, quando fosse mais fácil transitar pelas estradas enlameadas. Fez a cama no quarto livre e já arrumara a roupa seca. Depois de trancar a porta da casa de banho, caso Jackson chegasse, entrou na água quente.

Ficou ali até a água começar a arrefecer. Depois, acrescentou mais água quente e ficou mais um pouco. Quando saiu da banheira, estava relaxada e quente. Vestiu a sua camisa de dormir de flanela e o robe, secou o cabelo e arrumou a casa de banho.

Quando abriu a porta, soube imediatamente que Jackson voltara. Não o ouvira, mas sentia a sua presença.

– Mandy?

«E eu que pensava que estaria aqui sozinha e tranquila até amanhã!»

– Já voltaste – replicou, com tom alegre, dirigindo-se para a sala.

Sentiu falta de ar ao vê-lo. Sentira tanto a falta dele! Estivera fora durante

uma semana e sentira a falta dele a toda a hora.

O que faria quando o trabalho acabasse e se separasse dele para sempre? Sentiria a falta dele durante toda a vida?

A ideia assustava-a. Não podia ter começado a significar assim tanto para ela! Mas receava que fosse assim.

Parecia cansado. Mandy desejou rodeá-lo com os braços e reconfortá-lo depois da viagem. Pestanejou rapidamente e afastou a ideia da cabeça.

– Como correram as coisas em Pueblo? – perguntou, decidida a ignorar a situação embaraçosa.

– Está tudo a correr conforme o previsto. Como estás?

– Bem – respondeu ela, sorrindo novamente, com a esperança de que não falassem mais naquela noite.

Jackson atravessou a sala até ficar tão perto dela que quase podia tocar-lhe, absorvendo o oxigénio de que precisava para respirar. Estendeu uma mão e afundou-a nos seus caracóis.

– Vi a tua caravana. Graças a Deus que não estavas na cama quando aconteceu!

Ela assentiu, incapaz de falar. Os seus sentidos estavam alerta. Tinha consciência de tudo dele.

– Achas que conseguirão arranjá-la?
– perguntou Mandy.

– Não sei. Quando cheguei, ainda

estavam a tentar cortar a árvore. Continuarão amanhã. Parece-te bem o teu quarto?

Ela assentiu e, apoiando-lhe a palma da mão no peito, empurrou-o com suavidade. Jackson largou-lhe lentamente o cabelo. Mandy conseguia sentir o calor que emanava através da camisa e o batimento do seu coração. Retirou a mão.

– Jeff disse-me que podia ficar aqui. E vou fazê-lo porque não tenho outro remédio, mas só partilharemos a caravana, mais nada.

Ele hesitou por um instante, mas assentiu e recuou um passo.

– É claro. Tens tudo o que precisas?

– Sim. Vou para a cama.

— Boa noite — despediu-se ele, virando-se para a cozinha.

Mandy esperava mais, mas só ouvia a chuva a bater no telhado de chapa e a água que saía da torneira. Dececionada ao ver que ele não questionara a sua vontade, virou-se. No quarto, deixou a roupa numa cadeira e tirou o robe.

E o que esperara? Que o desejo se apoderasse dele e que ignorasse as suas palavras, beijando-a apaixonadamente?

Deitou-se na cama, mas teve de admitir que, para sua desgraça, fora exatamente o que esperara.

O que esperara? Que se atirasse nos seus braços, suplicando-lhe que fizesse

amor com ela? Jackson deixou escapar uma gargalhada irônica. Ela nunca indicara que queria mais do que uma relação entre chefe e secretária. Fora ele quem a beijara.

«Mas ela correspondeu», disse uma voz no seu interior.

Fechou a torneira e, depois, foi fazer café. Mandy estava no quarto ao lado do dele e perguntou-se o que teria vestido, algo sexy cheio de renda ou uma camisa de dormir de flanela, comprida e virginal. Embora fosse evidente que não havia nada de virginal numa grávida de sete meses, tinha de admitir que Mandy possuía uma aura de inocência e timidez.

Enquanto o café se fazia, não conseguiu evitar sentir-se furioso com o

homem que a abandonara depois de a engravidar. Como é que alguém podia fazer algo do género a uma mulher tão doce como Mandy?

Embora a verdade fosse que não era assim tão doce quando punha uma coisa na cabeça e a defendia com unhas e dentes. No entanto, havia uma doçura que a envolvia que o atraía. E era muito provável que o resultado fosse o mesmo. Se não tivesse cuidado, todas as suas defesas cairiam e ficaria exposto ao sofrimento tal como quando Sara e Sammy tinham morrido.

Apoiou o braço num armário e encostou a cabeça. Estava cansado depois de não ter descansado durante

toda a semana.

Pensara que a distância o ajudaria a esquecer Mandy, a não desejar beijá-la, tocar nela, sentir a textura sedosa daquele cabelo loiro delicioso. Albergara a esperança de que a distância o fizesse ver as coisas de outra perspectiva.

E, em vez disso, passara todas as noites às voltas, perguntando-se o que teria feito durante o dia e o que estaria a fazer naquele momento. Não queria sequer pensar na reação que tivera naquela manhã, quando ela atendera o telemóvel de Jeff. Assim que ouvira a sua voz, percebera que a acordara. Mas a dor que o assolara ao imaginá-la na cama com Jeff fora algo totalmente

inesperado. E não era fácil esquecê-la.

Era verdade que Jeff poderia ser pai dela, mas algumas mulheres sentiam-se atraídas por homens mais velhos. E também não era que ele próprio tivesse muito para lhe oferecer. Porque haveria de lhe importar se Mandy se envolvesse com outra pessoa?

– Outra pessoa? – resmungou, tirando uma chávena do armário. – Como se houvesse alguma coisa entre nós!

Ele já tivera a sua oportunidade de ser feliz e um louco com uma pistola arrebatara-lha. Mandy merecia ser feliz. Ele não lhe proporcionaria o final feliz de que ela precisava.

Jackson levou o café até à janela

enorme da sala e olhou para a noite tempestuosa, com os seus sentidos fixos no quarto do lado. Perguntou-se se estaria a dormir, se devia bater-lhe à porta e dizer-lhe que não queria ser só seu companheiro de caravana, mas algo mais enquanto estivessem ali.

E depois? Obrigado por lembranças tão bonitas? Suspirou e bebeu um gole. A vida não tinha sentido.

Mandy acordou cedo no domingo de manhã. Demorou um instante a perceber onde estava. Levantando-se, perguntou-se se Jackson ainda estaria a dormir. Abriu a porta com muito cuidado. A porta do quarto dele estava fechada.

Decidiu ir à casa de banho. Ao procurá-lo no resto da caravana, compreendeu que estava sozinha.

Havia café quente na cafeteira. Devia ter-se levantado cedo. Perguntou-se se teria saído da caravana ou se teria voltado para a cama. Começou a fazer o pequeno-almoço, mas não sabia se devia fazê-lo para os dois.

Por volta das dez, estava farta de estar ali. O vento acalmara e a chuva torrencial também cedera um pouco. O céu cinzento era bastante deprimente. Decidiu que precisava de companhia e, vestindo o casaco grosso, dirigiu-se para o escritório.

Vários homens estavam lá reunidos e todos levantaram o olhar, surpreendidos,

ao verem-na a entrar. Jackson estava na sua mesa. Jeff estava apoiado contra uma parede, a falar com os outros.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou Jackson.

– Não, queria saber se posso ajudar em alguma coisa.

– A chuva parou. Acho que hoje acabaremos de tirar a árvore – informou Jeff. – Senta-te. Estamos a fazer um inventário dos danos e a tentar elaborar um plano para aproveitar ao máximo o tempo que nos resta aqui.

Mandy pendurou o casaco e aproximou-se da cadeira que um dos homens deixara livre para ela. Com um sorriso de agradecimento, sentou-se e,

sem conseguir evitá-lo, o seu olhar voou até Jackson.

Sentia-se bem ali. A ideia assustava-a, mas não conseguia evitá-la. Queria estar com ele, mesmo que só pudesse observá-lo.

Pouco depois, quando a reunião acabou e os homens saíram do escritório, Mandy olhou para ele. Tinha coisas para fazer no dia seguinte, mas, por enquanto, podia desfrutar da tarde e da noite de domingo.

– Vou fazer o almoço. Queres que faça alguma coisa para ti?

Jackson olhou para ela.

– Eu gostaria muito.

Ela assentiu, aborrecida com os pensamentos que lhe apareciam na

cabeça. Queria expulsar Jeff dali, trancar a porta e fazer com que Jackson a beijasse novamente.

Porém, em vez disso, vestiu o casaco e saiu. Sentiu alívio com o ar fresco nas suas faces acaloradas.

Quando Jackson entrou na caravana pouco depois, Mandy já tinha a comida pronta. Duas sandes de presunto e queijo enchiam os pratos, acompanhadas de palitos de cenoura. Para sobremesa, havia *brownies*.

– Não é necessário seres sempre tu a cozinhar – declarou Jackson, sentando-se à mesa.

– Não me importo de o fazer.

Quando acabaram de almoçar,

Jackson levou os pratos para a cozinha e pô-los no lava-loiça.

– Eu lavo a loiça – afirmou Mandy, aproximando-se com os copos. Deixou-os no lava-loiça e tocou em Jackson sem querer.

Ele ficou rígido por um instante e virou-se lentamente. A torneira estava aberta, mas ele não fez caso e, pondo-lhe as mãos nos ombros, inclinou-se e beijou-a.

Mandy entregou-se ao beijo como se tivesse passado toda a vida à espera dele. A boca de Jackson era quente e sexy. Sentiu-se mais viva do que nunca. Ele beijava-a com firmeza, embora sem exigir mais do que ela estivesse disposta a dar.

– Mandy – disse ele, com voz fraca, aproximando-se mais, aninhando-a contra o seu peito. Apesar do bebê, Mandy tinha a sensação de que aquele era o seu lugar.

Quando sentiu que Jackson lhe acariciava um seio, foi como se todo o seu ser cambaleasse. Uma onda quente invadiu-a. O desejo aumentou. Queria mais. Queria Jackson. Queria sentir-lhe as carícias, o sabor, o cheiro. Queria que continuasse a abraçá-la, queria tê-lo dentro de si.

Rodeou-lhe o pescoço com os braços, facilitando-lhe o acesso aos seus seios. O desejo aumentava à medida que lhe esfregava o mamilo entre os dedos.

– Desejo-te – confessou Jackson, interrompendo o beijo.

– Eu também te desejo – sussurrou ela.

– Não será um problema? – perguntou ele, acariciando-lhe suavemente a barriga.

Ela abanou a cabeça. E ele beijou-a novamente, mordiscando-lhe o queixo, com os dedos entre os seus caracóis. Beijou-a no pescoço e novamente nos lábios. Mandy esquecera tudo, exceto o que sentia ao estar ali, entre os braços dele.

Jackson fechou a torneira do lava-loiça e, sem parar de a beijar, tirou-a da cozinha. Ao chegar ao seu quarto, teve

alguma dificuldade em abrir a porta, que bateu contra a parede.

– Talvez seja melhor eu meter-me primeiro na cama – sussurrou ela.

– Porquê? É grande. Cabemos os dois.

– Se estivesse escuro, seria melhor – disse.

– Então, só teríamos de acender a luz.

– O quê?

– Quero ver-te, Mandy, acariciar e beijar cada milímetro do teu corpo, ver o tom rosado das tuas faces, o azul dos teus olhos e sentir a suavidade do teu cabelo.

– Ficarás muito dececionado. Estou muito gorda.

– Não estás gorda, estás grávida, o

que não é o mesmo. E és tu. O teu aspeto é esse. Isso é o que quero. Quero estar contigo.

Beijou-a novamente, desabotoando-lhe a blusa, que lhe deslizou pelos ombros, antes de a apertar contra si.

Foi como se o tempo parasse. Só existiam os dois, acariciando-se, saboreando-se e aprendendo um com o outro.

Jackson cumpriu a promessa de acariciar cada milímetro do seu corpo. E ela correspondeu, passando-lhe os dedos pelo peito amplo e pelos braços, e acariciando a virilidade que desejava sentir dentro de si.

Quando a penetrou finalmente, foi a

experiência mais deliciosa da sua vida. Mexendo-se em uníssono, com a respiração entrecortada, ambos se precipitaram para o clímax. Mandy sentia-se leve, como se flutuasse numa nuvem de felicidade.

Foram recuperando o fôlego lentamente, o calor abrasador foi diminuindo e até sentiu um pouco de frio. Como se conseguisse ler-lhe os pensamentos, Jackson esticou o braço e puxou o edredão, formando um casulo quente para os dois. Deitando-a de lado, ele pôs-se atrás dela e abraçou-a.

Mandy fechou os olhos, saboreando o momento delicioso. Era um homem forte, mas tremendamente terno. Os seus corpos tinham encaixado na perfeição.

A vida parecia-lhe maravilhosa naquele momento e, a pouco e pouco, deixou-se levar pelo sono. Jackson beijou-lhe suavemente o cabelo.

– Sara... – murmurou.

– Sara? – repetiu ela, endireitando-se.

– O quê? – perguntou ele, apoiando-se no cotovelo. – O que disseste?

– Acabaste de me chamar Sara. Eu não sou Sara, sou Mandy. Nem sequer sabes com qual das tuas mulheres estás! – exclamou. Esteve prestes a cair da cama, mas apanhou a sua roupa e levantou-se, tremendo de frio e de humilhação.

– Não disse isso – contradisse-a.

– Disseste, sim. Ouve-te perfeitamente

– respondeu ela, tapando-se com a blusa para esconder a vergonha. Apenas substituíra a mulher que ele tanto amava.

Mandy aproximou-se da porta, tremendamente magoada. Fora a experiência mais incrível, mais maravilhosa da sua vida e fora apenas a substituta de uma mulher morta!

– Isso é impossível! – exclamou ele, saltando da cama. Não parecia importar-se com o facto de estar nu.

– Afasta-te de mim. Só fui uma substituta da tua mulher. Não posso acreditar que não o tenha percebido antes! – exclamou Mandy, começando a correr para o outro quarto.

Entrou, fechou a porta e trancou-a. Depois, apoiou-se nela, a chorar. A dor

que sentia no peito ameaçava parti-la ao meio. Ela achava que estava a apaixonar-se e o homem em questão estava a pensar noutra mulher.

– Mandy, deixa-me entrar – pediu Jackson, girando a maçaneta.

– Vai-te embora! – exclamou ela, tentando conter as lágrimas.

– Não. Quero falar contigo.

– Eu não quero falar contigo. Estou a fazer as malas. Vou-me embora.

– Não, não vais. Para onde irias? Abre a porta.

Ela afastou-se da porta. Tinha de se ir embora, não só da caravana, mas também da obra, de Julian. Não podia ficar ali.

Sentiu pânico. Não podia ficar sem aquele emprego. Não conseguiria encontrar outro tão perto de dar à luz. Ficaria sem seguro, sem dinheiro... Não podia perder o emprego.

A porta abriu-se e ela virou-se.

– Vai-te embora!

– Só depois de falarmos.

– Não há nada para falar. Não sou Sara! – exclamou ela, quase gritando de dor. As lágrimas caíam pelas suas faces.

Ele entrou no quarto com cautela, aproximando-se dela.

– Sei que não és Sara. Estávamos sozinhos naquela cama. Sós os dois, beijando-nos, acariciando-nos, a fazer amor. Disse o nome dela quando estava

a adormecer. Perdoa-me. Não estava a pensar nela. Sempre soube que eras tu que estavas nos meus braços.

– Vai-te embora!

– Mandy, não chores. Não foste uma substituta de Sara. Não podes substituir ninguém.

– Tinhas vontade e eu estava à mão! – acusou-o ela.

– Enganas-te. Se só quisesse satisfazer os meus desejos, podia ter arranjado qualquer mulher disposta a fazê-lo. Não estava com uma mulher há três anos. Foste a primeira desde que a minha mulher morreu. És única. Especial. Há semanas que queria fazer isto. Porque achas que fui para Pueblo?

– Para ver como estava a tua obra –

respondeu ela, tentando não se deixar convencer.

– Para fugir do fascínio crescente que sentia pela secretária loira que estava a enlouquecer-me.

– Bom, já não terás esse problema. Sairei da tua vida para que voltes a ser o mesmo.

– Nunca poderei voltar a ser o mesmo – contradisse-a, estendendo a mão para lhe limpar as lágrimas. – Não chores, a última coisa que queria era fazer-te chorar.

– Vai-te embora... – sussurrou, agarrando-se ao pouco autocontrolo que lhe restava antes que se atirasse nos seus braços para sentir novamente a

felicidade que sentira há minutos.

Capítulo 12

Jackson voltou para o seu quarto e vestiu-se. Não parou de recordar os momentos daquela tarde, incapaz de acreditar que tivesse falado de Sara. Não era possível depois de ter sentido o calor de Mandy sobre ele.

Tão cheia de desejo como ele, a sua resposta levaria-o muito mais longe do que ele poderia imaginar. Fora uma experiência que nunca esqueceria e, no entanto, ficara estragada. Teria dito realmente o nome de Sara?

Era imperdoável. Especialmente com Mandy, que não tinha muitas lembranças boas. Uma mulher que carecia de autoestima suficiente para suportar algo do gênero.

Não lhe fizera nenhuma promessa. Ela sabia que ele não estava a pensar numa relação a longo prazo, mas qualquer pessoa se sentiria magoada por ser uma simples substituta de outra.

Mandy não era como Sara. Talvez devesse dizer-lho e demonstrar-lhe que não podia tê-las confundido. Tirou a fotografia da gaveta. Houvera uma altura em que o sorriso de Sara lhe parecera maravilhoso. Naquele momento, ainda lhe aquecia o coração vê-la, mas já não

estava ali. Ela e o seu filho tinham morrido, mas ele não. A vida continuava. E, às vezes, abria-se uma janela quando uma porta se fechava.

Depois de um último olhar, guardou-a novamente na gaveta. Nunca os esqueceria. Seriam sempre uma parte importante dele. Mas magoara uma pessoa e tinha de tentar resolvê-lo.

Mandy acordou com vontade de ir à casa de banho. O bebé parecia estar a fazer exercício dentro da sua barriga. Tentando não pensar em nada, fechou-se na casa de banho. O duche fez-lhe muito bem. Teria preferido tomar um banho de banheira, mas não queria demorar-se,

caso Jackson chegasse. Vestiu-se e, ao ver-se ao espelho, viu o aspeto terrível que tinha, com os olhos inchados e o rosto avermelhado.

Quando entrou na sala, surpreendeu-se ao encontrar Jackson sentado numa cadeira, a olhar pela janela. Ele virou-se ao ouvi-la.

— A minha caravana estará pronta em breve? — perguntou. O seu coração estava acelerado e a sua mente encheu-se de lembranças dos beijos, das carícias, do prazer que tinham partilhado.

— Tem de vir um perito vê-la. Mas não creio que possamos arranjá-la até ao fim do ano. Os danos são piores do que pensávamos.

– Preciso da caravana – declarou ela, respirando fundo.

– Ouvimos a previsão meteorológica para as próximas semanas. Não creio que possamos trabalhar mais de duas semanas. Haverá uma nova tempestade na próxima semana e outra na seguinte. O vento é do Ártico, portanto, trará neve. Trabalharemos até então para acabarmos tudo o que conseguirmos antes de fecharmos. Não dará tempo para arranjar a caravana.

– Não posso ficar aqui.

– Não te acontecerá nada aqui, Mandy. Não voltarei a tocar-te.

Ela engoliu em seco e olhou pela janela. Claro que não ia tocar-lhe. Não

era necessário. Já conseguira o que queria.

– Se ficares mais confortável, dormirei na caravana de Jeff – acrescentou, de forma inesperada.

– Isso dará azo a especulação, não achas? – perguntou ela.

– Os homens falarão de qualquer forma – replicou ele, encolhendo os ombros.

– Talvez seja melhor ir-me embora.

– Só estaremos aqui mais algumas semanas. Fica e acrescentarei um bónus ao teu salário.

– Pelos serviços prestados – concluiu ela, com tom irónico.

Ele olhou para ela com dureza.

– Por ficares até ao fim. Organizaste o

escritório e está tudo em dia. Eu gostaria de fechar o ano assim.

Ela assentiu e dirigiu-se para a cozinha. Um chá não lhe faria mal e, além disso, dar-lhe-ia algo para fazer. A situação era muito incómoda e humilhante. E muito triste.

E o pior era que continuava a sentir a presença dele. Ainda conseguia sentir o calor dos seus braços, uma sensação que nunca tivera. Ainda tinha na memória os pormenores do dia anterior, os bons e os maus.

Ele seguiu-a até à cozinha.

– Queres falar?

Mandy abanou a cabeça. Não havia nada para falar.

– Então, vou-me embora – hesitou por um instante. – Pensa que estarás aqui mais duas semanas. Não voltarei a tocar-te. Seremos companheiros de caravana, mais nada.

Ela assentiu, concentrada na chaleira. Jackson ainda esperou mais alguns minutos e, finalmente, foi-se embora. Mandy ouviu-o a sair da caravana. Estava sozinha.

De certa forma, sempre estivera, desde que a sua mãe a abandonara nos Serviços Sociais. No entanto, tinha a esperança de que aquela fosse uma boa altura da sua vida.

Quando aprenderia?

Foi fácil evitar Jackson durante o

resto do dia. Almoçou no seu quarto e passou o dia a ler. Quando foi para a cama à noite, ele ainda não chegara.

A segunda-feira amanheceu cinzenta, embora não estivesse a chover. Vestiu-se com roupas quentes e dirigiu-se para o escritório. Só estava Jeff. Tentou não fazer caso da pontada de desilusão e dirigiu-se para a sua mesa, murmurando um «Bom dia» a Jeff.

— Lamento pela caravana, Mandy. Jackson disse-me que já sabes que não conseguiremos arranjá-la. Podes tirar o resto das tuas coisas hoje? Queremos que uma grua venha buscá-la para a levar para arranjar antes que as estradas piorem. O perito virá examiná-la amanhã. Depois, deixá-la-emos em

Julian até à primavera.

– Claro.

Jeff dirigiu-se para a porta, com o chapéu na mão.

– Precisam de mim lá fora. Estás bem?

Ela assentiu e sorriu.

– Jackson disse-te que vamos fechar em breve? Só faltam duas semanas.

Ela voltou a assentir, embora sentisse que o seu sorriso era tenso e falso.

– Tens algum problema? Pensávamos que estaríamos aqui mais tempo.

– Assim, terei tempo para procurar um apartamento e instalar-me antes de o bebé nascer. Queres que trate de alguma coisa em especial hoje?

– Continua a fazer tudo como até agora.

Quando Jeff se foi embora, Mandy recostou-se na cadeira. Duas semanas e as suas vidas separar-se-iam para sempre.

Pensara que não o veria todo o dia depois do que acontecera, por isso, surpreendeu-se ao vê-lo a entrar na caravana naquela tarde, pouco depois de ela começar a fazer o jantar. Fizera carne estufada e acabara de pôr o pão no forno quando ele chegou.

– Cheira tão bem! – exclamou, com tom afável, embora o olhar receoso desmentisse o seu tom despreocupado.

– Fiz o jantar e estou a aquecer pão.

Está quase pronto.

– Dá tempo para tomar banho antes?

Ela assentiu enquanto respirava fundo. Talvez conseguissem conviver durante as próximas semanas.

Era surpreendente a alegria que a sua chegada lhe provocara. Ainda se sentia muito magoada pelo que acontecera no dia anterior, mas uma parte dela queria estar com ele, sem importar o preço.

Na sexta-feira, tinha uma consulta. Saiu para Julian depois do almoço e conduziu devagar até lá. Viam-se as marcas da tempestade em todo o lado. Mesmo assim, fez o trajeto sem problemas. Depois da ida ao médico,

dirigiu-se para as únicas lojas que havia na cidade. Não comprara nada para o bebé e queria saber o que tinham.

Ficou maravilhada com todas aquelas coisas tão pequenas, embora os preços lhe parecessem preocupantes. Os berços não eram baratos, mas eram necessários. Alguns babygros não eram caros, mas sabia que os bebés cresciam muito depressa.

Um peluche suave chamou-lhe a atenção. Era uma compra caprichosa, quando o bebé precisaria de muitas outras coisas, mas comprou-o de qualquer forma. A vida não consistia só em coisas práticas.

Quando saiu da loja, não sabia se devia voltar para a obra ou ficar a jantar

ali. Se jantasse ali, significaria voltar de noite. No entanto, apetecia-lhe muito uma piza. Ela não tivera desejos especialmente incómodos, mas queria a piza e não podia esperar.

Deu um salto de surpresa quando viu Jackson apoiado no seu carro, com os braços cruzados e o olhar fixo nela.

– Olá – cumprimentou-o.

– No que estavas a pensar para vires sozinha?

– Sou perfeitamente capaz de conduzir. E não te diz respeito – respondeu ela, irritada.

– Podia ter-te trazido. Eu acompanho-te até casa.

– Não preciso que cuidem de mim,

Jackson – ripostou, comovida pelo facto de, apesar de tudo, ele ter ido à sua procura para se certificar de que não lhe acontecesse nada.

– Eu acho que precisas – contradisse-a, afastando-se para a deixar entrar no carro.

– Ainda não vou voltar. Vou jantar aqui.

– Esperarei por ti.

Ela olhou fixamente para ele e, a julgar pelo seu ar implacável, soube que era exactamente o que tencionava fazer. Conseguia ser muito teimoso.

E ela também.

– De facto, vou comer uma piza – replicou. – Apetece-te jantar piza? – não era propriamente um convite, mas era a

única coisa que lhe ocorria. O nome de Sara ainda lhe ecoava na cabeça.

Ele pareceu hesitar e Mandy sentiu-se triste.

– Piza parece-me bem – declarou, levantando o olhar para uma pizaria que havia por perto. – Ali?

– Acho que é o único sítio.

Caminharam pela calçada. Não havia ninguém na pizaria. Era demasiado cedo. Havia mesas e bancos alinhados junto da parede.

– Vamos sentar-nos? – perguntou Jackson.

Mandy assentiu e dirigiu-se para uma mesa. Sentaram-se e escolheram uma piza combinada. Jackson foi pedir e

voltou com um jarro de refrigerante e dois copos.

– Achei que não quererias cerveja.

– Não, obrigada.

– Eu também não – replicou ele, servindo a bebida. Jackson olhou para ela, mas Mandy tinha o olhar perdido. Então, reparou no saco. – O que compraste?

Ela olhou timidamente para ele e um sorriso desenhou-se no seu rosto.

– Um urso de peluche para o bebé. Não é lindo?

Mandy olhava para o peluche como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo. Jackson imaginava-a a olhar para o filho com aquela expressão. Sentiu-se como se lhe tivessem dado um

murro no estômago. Mandy era a mulher mais doce que já conhecera. Beijara-a, saboreara a sua doçura, sentira a força da sua feminilidade. Tinham feito amor de uma forma incrível. E queria voltar a fazê-lo. Queria que olhasse para ele como olhava para aquele peluche.

Como podia tê-la magoado tanto? E, o que era ainda pior, como poderia resolvê-lo? Mal conseguia controlar a sua necessidade de estender a mão e acariciá-la, arrancar-lhe um sorriso, conseguir fazer com que voltasse a desejar tocar-lhe.

A sua vulnerabilidade magoava-o. Estava sozinha no mundo, sem família, sem amigos. E, mesmo assim, esperava

impaciente pela chegada do bebé com quem constituiria um lar.

– É ridículo, eu sei, comprar um peluche antes de ele nascer, mas não consegui resistir.

– E o resto?

– Dei uma olhadela. É tudo mais caro do que esperava – replicou, com uma expressão subitamente aflita.

– Provavelmente, é só aqui, porque é uma cidade pequena e têm de pagar mais pela entrega dos produtos. Devias comparar com outras lojas.

Ela assentiu e guardou o urso. Jackson parecia hesitar sobre algo.

– O berço de Sammy está em casa dos meus pais. Podes ficar com ele, se quiseses – ofereceu ele, olhando para a

expressão surpreendida dela.

– Tens a certeza?

– Podíamos ir buscá-lo este fim de semana – surpreendeu-se a dizer. Não voltara a Fort Collins desde que vendera a casa há três anos e não tinha intenção de voltar.

– Fort Collins fica do outro lado do estado, quase no Wyoming.

– Sei onde fica – respondeu ele, com calma, embora as suas palavras contradissem a tensão súbita que sentia no seu interior.

– Demoraremos um dia inteiro a chegar e outro a voltar.

Deveria encará-lo como um «não», mas não o fez.

– Vamos amanhã, passamos lá o domingo e voltamos na segunda-feira.

Mandy ia protestar quando os chamaram do balcão para irem buscar a piza.

Jackson pegou em dois pratos e em alguns pacotes de molhos para acompanhar, dizendo a si mesmo que estava louco. Voltar a Fort Collins significava reviver a dor. No entanto, não suportava ver Mandy triste. E não tinha nada a ver com o facto de a ter insultado depois de terem feito amor. Simplesmente, queria ajudá-la. Queria facilitar-lhe um pouco a vida. Um pouco de ajuda não lhe faria mal.

– Então, a minha resposta é que te

agradeço muito – replicou, quando Jackson se sentou. – Mas talvez devêssemos esperar até ter um lugar onde viver, aqui ou em Denver.

– Não sei quanto tempo temos antes de o mau tempo bloquear as estradas. É melhor irmos amanhã.

– Está bem – concordou ela.

– Telefonarei aos meus pais. Ficaremos em casa deles.

Ela abriu muito os olhos.

– Achas que devia? Eu posso ficar num motel.

– E porque haverias de o fazer?

– Não achas que será um pouco estranho verem-me a aparecer comigo?

– Provavelmente, alegrar-se-ão tanto por me verem que não lhes importará

com quem tenha ido – levantou o olhar do prato. – Não era minha intenção dizê-lo assim. Serás bem-vinda.

Ela não queria falar do que acontecera e ele não tinha desculpa para isso. Talvez a viagem conseguisse suavizar os estragos.

Quando voltaram para a obra, Jeff estava à espera deles.

– Onde estiveram?

– A jantar na cidade – respondeu Jackson, abrindo a porta da caravana. Mandy entrou primeiro e desculpou-se, dizendo que ia guardar o que comprara.

De volta à sala, não conseguiu evitar ouvir a conversa dos dois homens.

– Vais voltar a Fort Collins? Não o

fizeste desde que Sara morreu.

– Mandy precisa de um berço e o de Sammy está em casa dos meus pais. Vou dar-lho.

– Jackson, faltam duas semanas e há muito para fazer. Não podes faltar dois dias.

– Poderás tratar disto sozinho.

– Porquê agora? Porque não depois?

– Tu próprio o disseste. Daqui a duas semanas, vamo-nos embora. Eu ficarei em Boulder até acabar o projeto que temos lá. Mandy irá para outro lado. Quando lho darei?

– Em qualquer altura depois das próximas duas semanas. Eu próprio irei buscá-lo.

– Não acho que volte a vê-la depois

do inverno – replicou Jackson, com firmeza. – Iremos amanhã.

Mandy abraçou-se, profundamente desiludida. O que esperara? Que as coisas mudassem porque lhe oferecera o berço?

Devia dizer-lhe que mudara de ideias. Mas os berços eram caros. E aquilo significaria ter um laço com Jackson.

Virando-se, entrou novamente no seu quarto, demasiado desanimada para os enfrentar. Talvez as coisas não parecessem tão más na manhã seguinte.

Ainda estava escuro quando Jackson bateu à porta dela na manhã seguinte.

– Sim?

Jackson abriu a porta e espreitou.

— Não decidimos a que hora sairíamos, mas gostaria que fosse cedo. Achas que consegues ficar pronta em pouco tempo?

Abriu a boca para dizer que não ia, mas ele não ficou à espera de resposta e fechou a porta rapidamente. Dois segundos mais tarde, Mandy saltou da cama e acendeu a luz. Acabara de tomar uma decisão. Iria. Precisava de um berço e ele oferecera-lho.

Além disso, tinha de admitir que queria estar com ele. Só faltavam duas semanas e seria idiota se desperdiçasse uma oportunidade como aquela.

— Pararemos algumas vezes pelo caminho para comer alguma coisa —

informou-a, enquanto saíam da obra em direção à estrada.

– Acho que pararemos mais do que isso – murmurou ela, olhando para ele de soslaio para ver a sua reação.

Ele desatou a rir-se. Mandy sentiu falta de ar. Ficava muito bonito quando se ria. Os seus traços mudavam por completo e parecia-lhe o homem mais bonito que alguma vez vira. Tentou guardá-lo na sua memória. Não queria esquecer Jackson Witt.

– Conheço a relação das mulheres grávidas com a casa de banho. Avisa-me quando tiveres de ir.

Ela assentiu, longe de se sentir envergonhada como pensava que se

sentiria.

– Telefonei ontem à noite aos meus pais e não estavam. Depois, um vizinho disse-me que foram para fora no fim de semana – declarou Jackson, de forma despreocupada.

– Oh...

Jackson olhou para ela de soslaio, mas não disse mais nada.

Mandy olhava pela janela, perguntando-se porque é que, depois de ter estado a partilhar a caravana com Jackson, a ideia de ir a casa dos pais dele lhe parecia tão atrevida. Não havia nada entre eles. Só os seus próprios desejos e fantasias. Já lhe demonstrara que ela significava pouco para ele.

Mandy sentiu que a tensão aumentava

dentro dela conforme se aproximavam. Olhou para ele, mas Jackson tinha o olhar fixo na estrada. Não disse nada até pararem no caminho de entrada da casa.

– É aqui.

– Cresceste aqui?

– Sim. Os meus pais compraram-na quando Randy era bebé. É o meu irmão mais velho. Vive no Alasca – levantou o olhar lentamente e olhou à sua volta. A tensão parecia estar a diminuir. – Vamos entrar.

O quarto que lhe mostrou era de hóspedes, a julgar pela decoração impessoal, ainda que tivesse tudo o que um visitante pudesse precisar.

– A casa de banho é ao fundo do

corredor. O meu quarto é o do lado. Este era o de Randy. A minha mãe mudou tudo quando saímos de casa.

– Então, não restam lembranças de quando eras adolescente?

– Guardadas na garagem. Espera até veres. A minha mãe ainda guarda bonecas de quando ela era pequena e alguns brinquedos do meu pai. Além das minhas coisas e de Randy. A minha mãe não deita nada fora.

Mandy sorriu com expressão melancólica. Ela não tinha lembranças de quando era criança, nem sequer recordava claramente a sua mãe. Perguntou-se se Jackson saberia como era sortudo.

Capítulo 13

– Estarei pronta dentro de alguns minutos – declarou ela, entrando no quarto.

– Leva o tempo que quiseres. Estarei na sala quando estiveres pronta.

Pousou a pequena mala numa cadeira perto da janela e abriu-a. Pendurou as blusas, guardou as calças de ganga numa gaveta e organizou as suas coisas pessoais na cómoda. Depois, penteou-se enquanto olhava pela janela.

O jardim traseiro devia ter sido um

lugar maravilhoso para brincar. Uma enorme árvore tinha emprestado os seus ramos para fazer de baloiço e albergar uma casinha de madeira. Sentiu inveja. Ela desejava ter mais para oferecer ao seu filho. Lembranças felizes de gerações anteriores. Lugares para visitar que tivessem algum significado. Pessoas que a conhecessem de toda a vida. E, em vez disso, estavam sozinhos.

– Mas não te preocupes, querido, nós começaremos as nossas próprias tradições e lembranças para os que vierem depois.

Quando entrou na sala, Jackson estava a olhar para a rua pela janela.

– Estás bem?

– Estava a pensar – respondeu ele,

virando-se.

– Jeff disse-me que não vinhas cá há três anos. Queres regressar amanhã cedo?

Pareceu hesitar por um instante, mas abanou a cabeça.

– Quero mostrar-te Fort Collins. Talvez gostes mais disto do que de Julian. Continua a ser uma cidade pequena, mas tem mais coisas do que Julian.

Ela encolheu os ombros, com um sorriso.

– Anda, vamos jantar. O que queres?

– Qualquer coisa, desde que haja muito. Estou cheia de fome.

Mandy estava a tentar recuperar a

sensação de amizade que tinham partilhado antes da noite fatídica. Jackson também parecia estar a tentar.

Levou-a a um pequeno restaurante perto da rua principal. Além de uma seleção de entradas, Mandy pediu presunto assado e ele pediu um bife mal passado.

– Conta-me como foi a tua infância aqui – pediu ela.

– É um bom sítio para criar um filho, é verdade... – calou-se de repente ao perceber o que acabara de dizer. – Quase sempre. Era-o quando eu era pequeno.

– E, se ficasse aqui, onde deveria procurar casa? O bairro dos teus pais é demasiado caro para o salário de uma

secretária. Isso, caso conseguisse arranjar emprego nos próximos meses.

– Conheço várias pessoas na cidade. Poderia recomendar-te.

Ela assentiu, novamente dececionada. O que esperara que dissesse? Que não se preocupasse, que trabalharia com eles na primavera?

Sim, fora exatamente o que quisera que lhe dissesse!

– Cutter Hill não é mau. Há blocos de apartamentos e boas escolas. Podemos passar por lá amanhã e dar uma olhadela, se quiseres.

– Agradecia.

Depois, falou-lhe das coisas que o seu irmão e ele costumavam fazer

quando eram pequenos. De como iam pescar e esquiar, e das férias familiares. Mandy ouvia-o com atenção. Parecia-lhe uma vida perfeita para uma criança. A vida que ela queria que o seu filho recordasse quando fosse mais velho.

– Suponho que fosse tudo muito diferente em Denver – replicou ele.

– E não ter uma família também fazia diferença – declarou ela.

Jackson estendeu a mão até à dela. Mandy ficou imóvel, surpreendida pelo formigueiro que começou a percorrê-la por dentro. «Ele não significa nada para mim», repetia a si mesma. Não podia deixar que significasse.

Mas não era verdade. Significava muito para ela. Adorava cada momento

que passava com ele, cada carícia. Olhou para ele e sentiu falta de ar ao ver a sua expressão. Não sabia se devia desejar nunca o ter conhecido ou que nunca a deixasse.

— Nenhum de nós pode mudar o passado, mas temos de continuar. Serás uma mãe fantástica e darás uma vida maravilhosa ao teu filho.

— Obrigada — agradeceu ela, derretendo-se por dentro. Não soltou a mão, embora desejasse que a abraçasse e a beijasse.

Ele reteve-a por um instante e apertou-lha ligeiramente antes de a largar.

Jackson acordou cedo no dia seguinte. Era estranho estar no seu quarto de criança. A sua mãe mudara tudo, exceto a localização da janela. Ainda conseguia ver os ramos da árvore recortados contra o céu ao amanhecer. Randy e ele costumavam imaginar que a árvore era o seu forte, um baloiço ou a casa de Tarzan.

Sempre pensara que Sammy também gostaria daquilo.

Afastou os pensamentos e foi tomar duche. Depois, ao passar junto da porta de Mandy, apurou o ouvido, mas não devia estar acordada. Dirigiu-se para a cozinha e fez café. Bebeu-o, olhando pela janela para o jardim traseiro. Mas os seus pensamentos já não tinham nada

a ver com as suas brincadeiras infantis.

Levantou-se, vestiu o casaco e pegou nas chaves do carro. Iria à padaria de Elm Street comprar qualquer coisa para o pequeno-almoço.

No pequeno centro comercial onde ficava a padaria, havia também um clube de vídeo, uma lavandaria e uma florista.

Comprou croissãs e bolos, porque não sabia do que Mandy gostava. De volta ao carro, parou ao ver as flores.

Dez minutos depois, entrava lentamente no caminho de cascalho do cemitério. Estava deserto àquela hora de um domingo de manhã. A relva estava coberta de geada e as árvores despidas pareciam tristes. Parou o carro e saiu

com os dois ramos.

Ao chegar às campas dos seus entes queridos, viu que havia flores frescas nas jarras. Alguém estivera ali há pouco tempo. E sentiu-se culpado por não ir lá há três anos.

— Olá, Sara... — cumprimentou com suavidade, tirando as flores que havia na jarra e colocando o ramo de rosas vermelhas que ele comprara. Não tinha nada para dizer. Ela não estava ali. A sua gargalhada flutuava no ar. O seu sorriso aquecia-lhe o coração, mas não voltaria a ver-lho no rosto. As suas carícias não passavam de uma lembrança.

No entanto, a dor que esperava sentir não apareceu. Só recordava as coisas

boas. E eram muitas.

Aproximou-se da campa que havia ao lado. Sammy teria gostado muito do cordeirinho gravado na lápide, pensou Jackson, enquanto punha o ramo de margaridas e cravos na jarra.

Engoliu em seco, enquanto as lágrimas enchiam os seus olhos, e olhou para baixo. Sentia tantas saudades... Amava-os muito.

«É hora de seguires em frente com a tua vida.» Respirou fundo e pestanejou. Era hora de seguir em frente com a sua vida. Nem Sara nem Sammy quereriam que passasse o resto da vida a chorar a perda deles. Ele seguira em frente com a sua vida. Tinha um bom trabalho e

alguns amigos. Tudo o que precisava.

«Mas e um novo amor?»

As palavras ficaram a flutuar no ar. Tocou na campã de Sara mais uma vez e virou-se. Ir lá não fora tão difícil como receara. Não voltaria a ter medo de ir.

De volta a casa, Mandy estava a beber um chá quando entrou na cozinha. Olhou para ele com cautela.

– Fui comprar o pequeno-almoço – explicou, mostrando o saco. – E fui ao cemitério.

– Oh, Jackson... – ela levantou-se e aproximou-se dele. Agarrou-lhe a mão e apertou-lha suavemente. – Deve ter sido muito difícil para ti – havia compaixão nos seus olhos e o seu tom foi reconfortante.

– Não tanto como pensava que seria – replicou ele, passando os dedos entre os caracóis dourados. – Há muito tempo que não estão cá e a vida deve continuar. Tens fome?

– Como sempre – respondeu ela, largando-lhe a mão. – O café chega ou queres que faça mais?

– Chega. Comprei várias coisas, porque não sabia o que gostarias de comer – informou ele.

– É tudo ótimo – replicou, pegando num croissant. – Lamento não ter podido conhecer os teus pais.

– Alguma vez tentaste procurar os teus? – perguntou ele. Estivera a pensar na infância triste dela, comparando-a

com a que ele vivera.

– Pensei nisso quando era pequena. Mas, quando cresci, percebi que eles me tinham abandonado de forma consciente. Portanto, se eles não me queriam, eu também não os queria. Nunca os procurei.

– Não sabem o que perderam – replicou ele, suavemente.

– Jackson, é a coisa mais bonita que alguma vez me disseram – declarou ela, com o rosto resplandecente.

Ele franziu o sobrolho e, amachucando o guardanapo, levantou-se.

– É verdade. Pronta para explorar a garagem? Não tenho ideia de onde estará o berço. Espera até veres o que a minha mãe guarda lá.

– Estou disposta a ajudar! – exclamou ela, levantando-se de um salto para pegar nos pratos.

– Deixa isso para depois. E não preciso de ajuda. Não devias levantar pesos.

– Às suas ordens, senhor! – brincou ela, fazendo uma saudação marcial.

Jackson não conseguiu evitar a pontada de desejo ao vê-la a rir-se daquela maneira. Era tão bonita... Perguntou-se se o saberia. Custava-lhe pensar na vida tão solitária que tivera. A vida era muito injusta às vezes.

Antes de desatar a rir-se com ela, virou-se em direção à garagem. Mandy vestiu o casaco e seguiu-o. Jackson

levantou a porta para permitir que a luz entrasse.

– Oh! – exclamou Mandy, observando a garagem lotada, espantada.

– Poderia cobrir as necessidades de um pequeno país de terceiro mundo com tudo o que guarda aqui – murmurou ele, entrando.

Começou a levar caixas para o jardim. Mandy ia lendo as etiquetas, perguntando-se que tipo de coisas a mãe de Jackson considerara que era necessário guardar.

– Aqui está – replicou Jackson, tirando o berço de uma caixa. Estava embrulhado num lençol que Jackson retirou. O acabamento de carvalho estava em perfeito estado. Depois de

mais algumas viagens, encontrou o colchão.

– Vou pôr tudo na carrinha – declarou Jackson.

Quando estava tudo perfeitamente embalado e guardado, entrou novamente na garagem e tirou outra caixa grande.

– Abre-a – disse a Mandy.

– Que bonitas! – exclamou ela, ao ver as roupas cuidadosamente dobradas. Eram tão pequenas... Pegou numa peça e levantou-a para a ver melhor. – Custa acreditar que um bebé caiba aqui, não é?

Jackson assentiu enquanto observava o babygro. Ela dobrou-o e guardou-o novamente. Perguntou-se porque teria tirado a caixa.

– É roupa até um ano, acho. Se quiseres, leva-a.

– Não posso fazê-lo.

– Porquê?

– Não a queres?

– Não preciso de roupa de bebé. E não representa lembranças especiais. Ao contrário da minha mãe, não guardo tudo o que passa pela minha vida.

– Mas, um dia, talvez queiras...

– Não, não quererei – declarou ele.

Mandy sabia, pelo que Jeff dissera, que Jackson não tencionava casar-se novamente, mas, mesmo assim, poderia mudar de ideias.

– Obrigada.

– Se quiseres, podemos levar a caixa

para dentro, para veres tudo com calma e decidires se queres alguma coisa.

– Eu adoraria ver tudo – declarou ela. Mas sabia que levaria as peças todas. Eram de boa qualidade e as crianças cresciam depressa. Quando o seu filho crescesse, devolveria tudo a Jackson.

Mandy dormiu a sesta depois do almoço. Quando acordou, Jackson sugeriu que dessem uma volta pela cidade.

– Começaremos por Cutter Hill. Ache que gostarás – replicou ele, entrando na carrinha.

– O berço ficará bem lá atrás?

– Não cairá e ninguém o levará.

Percorreram vários bairros da cidade. Era um lugar agradável e bonito. Mandy

sabia que seria mais bonito no verão, quando as árvores não estivessem despidas. Talvez não fosse má ideia considerar a possibilidade de viver ali.

– Obrigada por me mostrares a cidade. Sei que não deve ser fácil.

– Porquê? É a minha cidade natal.

– Eu sei, mas não vinhas cá há três anos.

– É verdade. Pensei que fosse muito difícil. Mas não. Tenho muitas lembranças boas.

Naquele momento, viraram numa rua e Jackson parou à frente da escola.

– Um louco matou cinco pessoas aqui – explicou, olhando para a escola durante um bom bocado. – Nunca tinha

parado para pensar em como deve ter sido difícil para todas as crianças que viram os assassinatos voltar à escola ou para os professores voltar a dar aulas.

Mandy acariciou-lhe a mão e ele agarrou a dela com força.

– Vamos comer qualquer coisa. Estou faminta – declarou ela. Queria afastá-lo da escola, queria fazê-lo esquecer a dor.

Jantaram no restaurante favorito de Jackson, um mexicano. A música estava alta e tinham de gritar para se ouvirem, até decidir mudar de cadeira e sentar-se junto de Mandy. Assim, conseguiriam ouvir-se se baixassem um pouco a cabeça.

Mandy sentiu o formigueiro já familiar cada vez que ele se inclinava.

Desejava tanto tocar-lhe... Oferecera-lhe consolo duas vezes e ele aceitara-o das duas vezes. E sabia que não devia tentar a sorte.

O jantar foi melhor do que ela esperara. Jackson parecia mais feliz do que nunca. Já não parecia suportar o peso do mundo nos ombros. Talvez voltar a Fort Collins fizesse desaparecer os fantasmas.

Quando chegaram a casa, Jackson fechou a porta e olhou para ela.

– Obrigada mais uma vez – disse ela, alegremente. – Foi a melhor refeição que comi em muito tempo.

– E comeste por dois – brincou ele.

– Assim, o meu bebé saberá apreciar

desde pequeno a comida mexicana! Boa noite.

– Tens de ir já para a cama?

– Estou um pouco cansada – respondeu ela, surpreendida.

– Demasiado ensonada para uma última bebida quente?

– Não tenho sono – respondeu ela, um pouco hesitante, enfeitiçada pelo brilho que havia nos seus olhos.

– Posso fazer-te um chá – sugeriu ele, aproximando-se mais dela.

Mandy não conseguiria ter-se mexido, mesmo que a casa caísse sobre as suas cabeças. Não conseguia fugir do olhar direto de Jackson, demasiado expectante para fazer outra coisa.

– Pode ser, sim – disse, tirando o

casaco com a ajuda de Jackson.

Ele também tirou o casaco e deixou cair os dois ao chão. Lentamente, baixou a cabeça, afundando os dedos no seu cabelo, até os seus lábios se tocarem. Com um suspiro, Mandy apoiou-se contra ele, aceitando o beijo que não deveria aceitar.

Ele apertou-a entre os braços e ela respondeu rodeando-lhe o pescoço, apertando-se contra ele, deleitando-se com o fogo que ardia entre eles.

Quando Jackson aprofundou o beijo, Mandy esqueceu a última vez, a dor. Só conseguia recordar as sensações maravilhosas que a embargavam quando Jackson fazia amor com ela.

– Desejo-te, Mandy. Só a ti, a mais ninguém.

Capítulo 14

O coração dela estava acelerado, bombeando tanto sangue que mal conseguia ouvir outra coisa. Mas ouvira-o e sabia o que queria dizer.

– Esta noite, estamos sozinhos, nunca haverá mais ninguém – declarou, beijando-a novamente, enquanto lhe pegava ao colo e a levava para o quarto. Depositou-a na cama e ajoelhou-se ao seu lado.

– Diz-me que te parece bem, Mandy. Diz-me que me desejas tanto como eu a

ti.

— Sim — foi a única coisa que conseguiu dizer, a única coisa que tinha de dizer. O passado e o futuro não importavam. Só importava que naquela noite estava com ele.

Despiu-a lentamente. Ela fez o mesmo, deleitando-se com os seus músculos fortes e a sua pele ardente. Já nus, deitou-se junto dela na cama estreita e beijou-lhe o queixo, o pescoço e os seios.

— És tão bonita... — sussurrou, acariciando-a por todo o corpo.

Mandy sentia-se bonita só porque ele lho dizia.

Acariciou-a suavemente, levando-a ao cume do prazer várias vezes, mas

prolongando a sensação até Mandy pensar que ficaria louca. Os seus dedos penetraram-lhe o centro da feminilidade, muito lentamente, enquanto os seus lábios continuavam a beijá-la no queixo e no pescoço. Quando Mandy achava que não podia mais, Jackson penetrou-a.

Mandy sentiu-se como se uma explosão de sensações a atingisse, enchendo todas as células do seu corpo de prazer. E, pouco depois, Jackson atingia o orgasmo e a sua união ficava completa.

Tinha a respiração entrecortada, mas não queria afastar-se nem um milímetro do homem que tanto começara a significar para ela. Tocar em Jackson,

amá-lo, era a coisa mais maravilhosa do mundo. Sabia que não podia arriscar outra vez o coração, especialmente com um homem que não queria comprometer-se, mas era demasiado tarde. Amava Jackson Witt.

Jackson deitou-se de lado e acomodou-a contra si.

– Podíamos ter usado uma cama maior – resmungou.

– Esta está bem.

– Ainda bem que os meus pais não estavam em casa – disse.

– Hum.. Hum.. – ela só queria desfrutar do relaxamento a seguir ao sexo, sem pensar, sem sentir nada a não ser o seu corpo satisfeito.

– Nunca tinha trazido uma mulher aqui

– declarou ele.

– Nunca? – perguntou ela, abrindo os olhos de repente.

– Não para passar a noite.

Claro, esquecera-se de que Sara vivia na mesma cidade.

– Desculpa – disse ele, acariciando-lhe as costas.

– Pelo quê?

– Por ter dito isto. Sei o que estás a pensar, mas ela não tem lugar aqui, entre nós, Mandy. Ela já não está cá.

Mandy assentiu suavemente. Sara não saíra da cabeça de Jackson e duvidava muito que o fizesse alguma vez.

Quando acordou, estava sozinha na cama. Pegou na sua roupa e foi para o

seu quarto. Tomou banho, vestiu-se e deixou a mala pronta antes de ir procurar Jackson. Encontrou-o na cozinha.

– Bom dia.

Ele levantou-se ao ouvir a sua voz e virou-se para ela. Abraçou-a, beijou-a e fê-la esquecer tudo durante um minuto.

– Temos de ir – disse.

– Surpreende-me que não me tenhas acordado às quatro e meia da manhã com pancadas na porta, a dizer-me que estava na hora de irmos.

– Ter-te-ia acordado de outra maneira esta manhã, mas pensei que era melhor deixar-te dormir. É uma viagem longa.

– Agradeço-te. Assim que tomar o pequeno-almoço, podemos ir – declarou

ela, sem fazer comentário algum sobre a noite passada. Fora ótima, mas ninguém falara do futuro.

Quando chegaram à obra, já era de noite. Mandy estava a dormir. Jackson parou o carro junto da sua caravana. Ele também estava cansado.

Olhou para a mulher que dormia tranquilamente e perguntou-se como começara a significar tanto para ele em tão pouco tempo. Ele amara profundamente a sua mulher e jurara que não voltaria a apaixonar-se. Mas o sentimento protetor que Mandy lhe despertara fora inesperado. Ele não queria relacionar-se com ninguém. E, apesar da muralha que construía, ela

conseguira entrar.

Começava a preocupar-se com ela e não gostava da ideia.

– Mandy, já chegámos – ela abriu os olhos e pestanejou. Jackson surpreendeu-se novamente com a ternura que aquele olhar lhe despertava. No entanto, afastou a ideia. – Consegues sair? – perguntou bruscamente. A última coisa que queria era sentir.

– Estou bem. Vim a dormir o caminho todo?

Jackson saiu e tirou as malas. Segundos depois, estavam na caravana. Recordou que, assim que chegara à casa dos seus pais e fechara a porta, desejara atirar-se a ela. Durante o jantar da última noite, mal conseguira aguentar o

desejo.

Percebeu que sentia o mesmo naquele momento. E teve de o afastar da cabeça. Não se envolveria numa relação duradoura com Mandy Parkerson.

– Vou ao escritório ver se há alguma mensagem. Até amanhã – despediu-se, saindo da caravana muito depressa. Sabia que era um covarde, mas era incapaz de lidar com as sensações que o embargavam.

Na quinta-feira, Mandy não se sentia bem ao acordar. Não quis tomar o pequeno-almoço. A caminho do escritório, sentiu uma dor terrível no ventre. Inclinou-se para a frente e esteve

prestes a cair.

Atordoada, segurou a barriga. Não podia estar com as dores do parto. Era demasiado cedo. Respirou fundo e conseguiu endireitar-se, mas, três passos depois, sentiu outra pontada de dor, daquela vez, no baixo-ventre.

Com um gemido de dor, caiu de joelhos.

– Mandy? O que se passa? – Jeff saiu a correr do escritório.

– Dói-me muito. Mas não posso estar com as dores do parto. Ainda não é a altura! E se se passar alguma coisa com o bebé?

Jeff pegou-lhe ao colo e levou-a para a sua caravana. Dois homens viram-no e correram a ver se podiam ajudar.

Mandou que fossem chamar Jackson enquanto ele telefonava para o hospital.

– Aguenta, Mandy. Ficarás bem e não vais perder o teu bebé.

A enfermeira disse a Jeff que tinha de ir para o hospital e que enviaria uma ambulância, se fosse necessário. Naquele momento, Jackson chegou. Olhou para Mandy e arrancou o telefone a Jeff.

– O que fazemos?

A enfermeira repetiu a opção da ambulância, mas ele respondeu que não.

– Não, demorará o dobro do tempo por aquela estrada. Nós levamo-la – desligou. – O que aconteceu?

– Tem dores. É demasiado cedo para

o parto.

Jackson aproximou-se dela e ajoelhou-se ao seu lado.

– Vai correr tudo bem.

Ela rodeou-lhe o pescoço com os braços.

– Tenho muito medo. Não deixes que perca o meu bebé.

– Não deixarei – declarou, pegando-lhe ao colo. – É melhor irmos no teu carro – disse a Jeff.

Jeff conduzia enquanto ele levava Mandy ao colo na parte de trás. Sentia-se impotente, incapaz de lhe acalmar a dor. Sabia que aquilo não era normal numa gravidez, mas não queria assustá-la. Não queria assustá-la mais do que já estava.

Quando chegaram a Julian, Jeff parou à frente das Urgências. Jackson levou Mandy para o interior, onde uma enfermeira os acompanhou até um compartimento. O médico apareceu logo. Numa questão de segundos, ligou um monitor para ver os movimentos fetais e administrou-lhe medicamentos para parar as contrações.

A pouco e pouco, foram cedendo. Mandy estava muito cansada. Fechou os olhos e parecia que estava a adormecer. Jackson largou-lhe a mão suavemente, mas ela apertou-lha e abriu os olhos.

– Não vás.

– Não vou a lado nenhum.

O médico pigarreou.

– Eu gostaria de a levar para os Cuidados Intensivos até termos a certeza de que não vai acontecer mais nada. Vamos levá-la agora para o quarto. Depois, poderá vê-la, mas, por enquanto, quero que espere na receção.

Jackson assentiu. Inclinou-se sobre ela e afastou-lhe o cabelo da cara.

– Irei ver-te depois.

Ela assentiu. Jackson sentia que o seu coração se partia ao ver-lhe o medo nos olhos. Mandy sorriu, embora os lábios lhe tremessem. Beijou-a suavemente, apertou-lhe a mão e saiu. Queria bater em alguma coisa. Mandy não merecia aquilo.

Sentia-se tão impotente como quando

descobriria o que acontecera a Sara e a Sammy. Jeff estava à espera na receção, sentado com os cotovelos sobre os joelhos. Ao ouvi-lo, levantou o olhar.

– Está bem?

– Sim, mas vão levá-la para os Cuidados Intensivos. Disse-lhe que não perderia o bebé, mas e se não for assim? Ela morreria, Jeff. Deseja o bebé mais do que qualquer outra coisa do mundo.

– É um hospital pequeno, mas moderno. Trata-la-ão bem – declarou Jeff, apertando-lhe o ombro.

– E se não for suficiente?

– Não podemos fazer nada, filho.

– Ela pede tão pouco... Teve tão pouco na sua vida. Precisa daquele bebé.

Jeff assentiu, enquanto olhava cuidadosamente para Jackson.

– Talvez tu precises dela.

– O que significa isso?

– O amor pode apresentar-se de muitas maneiras. Sara e tu tiveram um amor juvenil, cresceram juntos. Mas o tempo muda as coisas. Está na hora de olhares à tua volta. Tu não morreste com Sara. Talvez para que o futuro te proporcionasse mais felicidade.

– Não vou envolver-me com ninguém!
– exclamou Jackson.

– Já estás envolvido.

– Estás a ver coisas que não existem.

– Bom, nesse caso, estás pronto para voltar para a obra?

Jackson olhou para Jeff, ignorando o brilho dos olhos do homem.

– Bolas, sabes que não vou!

– Porque te importas mais do que se fosse Moose ou Bill. Podes negá-lo a todos, se quiseses, mas não o negues a ti mesmo.

Jackson começou a andar de um lado para o outro. Os minutos passavam. Finalmente, Jackson aproximou-se do balcão da receção. Há tempo que tinham levado Mandy e queria vê-la.

– Mandy Parkerson.

A enfermeira olhou para o computador.

– Está nos Cuidados Intensivos. É parente?

– Não, vim com ela. Está bem?

– Está a descansar. Está tudo bem – declarou, com tom reconfortante.

– Quero vê-la.

– Lamento. Só podem entrar familiares. Quando a levarem para outro lugar, poderá vê-la. Se quiser deixar-me um número de telefone, podemos avisá-lo quando sair dos Cuidados Intensivos.

– Quero vê-la agora, não dentro de um ou dois dias! – exclamou ele. Não estava disposto a deixar-se convencer por meras formalidades.

– Lamento, senhor.

– Algum problema? – perguntou Jeff, aproximando-se.

– Só podem entrar familiares –

replicou Jackson, profundamente frustrado.

Jeff aproximou-se do balcão e olhou para a enfermeira.

– O noivo conta como familiar?

– Sim. É o noivo da menina Parkerson? – perguntou a enfermeira a Jackson.

Ele olhou para Jeff. Onde estava a sua determinação quando precisava dela? Poderia fugir e evitar qualquer implicação com alguém. Evitar a dor, a frustração e a tristeza da vida.

Mas, se se fosse embora, também evitaria a felicidade, a alegria e o amor.

Quem queria enganar? Não poderia afastar-se de Mandy, tal como não podia chegar à Lua.

– Sou o seu noivo – afirmou.

Jackson parou à porta do quarto. Mandy estava na cama, deitada de costas para a porta. Estava a soro. Jackson respirou fundo. Doía-lhe a alma ao ver como parecia frágil com aquela camisa de dormir do hospital. E disse para si que ainda estava a tempo de se ir embora. Já vira que estava bem. Podia ir-se embora com Jeff para a obra e telefonar mais tarde para saber como se sentia.

Fora uma estupidez dizer à enfermeira que era o noivo dela. Embora, quanto mais pensava nisso, mais gostasse da ideia. Os seus ideais nobres de continuar o resto da vida sozinho tinham

sido destruídos algures entre a semana que passara em Pueblo e a última noite que passara com ela em Fort Collins.

Por muito que se esforçasse, não conseguia evitar sentir. Tinha de saber que Mandy ficaria bem, a salvo e feliz. E queria ser ele a certificar-se de que seria assim. Queria partilhar os dias e as noites com ela. Queria ajudá-la a fazer com que o bebé que esperava crescesse feliz, queria vê-lo a crescer.

Por um instante, recordou o seu filho. Os dias dele no mundo tinham sido poucos. O filho de Mandy tinha toda a vida pela frente. E precisaria de um pai.

E se morresse jovem? As crianças eram tremendamente frágeis.

— E se viver cem anos? — murmurou.

Mandy ouviu-o e virou-se. Jackson esqueceu todas as suas dúvidas ao vê-la a sorrir. Amava-a. E era bom que ela também o amasse!

– Olá – cumprimentou-a, entrando no quarto.

– Olá. Pensei que tu e Jeff se tivessem ido embora.

– Não. Jeff está à espera de saber como estás e voltará depois para a obra. Eu ficarei aqui.

– Jackson, não é necessário. Vou ficar bem. O médico disse que ficarei sob observação nos próximos dois dias e que poderei sair quando estabilizar. Mas não tenho a certeza de que possa voltar a trabalhar.

Jackson baixou a grade da cama e sentou-se ao seu lado, apoiando a mão na sua barriga.

– Portanto, este miúdo está desejoso de chegar ao mundo... Não te preocupes com o trabalho.

Mandy cobriu-lhe a mão com a sua.

– Não tens de ficar. Volta com Jeff. Sei que têm muito trabalho e pouco tempo.

– Contrato os melhores. Conseguem fazê-lo sem mim.

– Não foi o que disseste no outro dia – indicou ela, sorrindo.

– Eu gosto de fingir que sou importante.

– És importante – respondeu ela e o

seu sorriso desvaneceu-se. – Obrigada por me trazeres. Fico contente por não ter tido de vir sozinha na ambulância.

– Não quero que tenhas de voltar a fazer nada sozinha.

– Não estarei sozinha quando o bebé nascer. Desde que venha na altura certa.

– Estava a pensar a um nível adulto. Talvez devesses casar-te.

– Sim, claro! – gozou ela. – Além disso, lembra-te de que reneguei os homens.

– Então, devias considerar a possibilidade de mudar de ideias e renegar o resto dos homens.

– O resto?

– Menos eu – ela olhou-o fixamente. Jackson levou a sua mão aos lábios e

beijou-lhe a palma. — Casa-te comigo, Mandy. Deixa que seja o teu marido, o teu amante e o pai do teu filho. E o pai dos outros filhos que tivermos juntos.

Ela pestanejou rapidamente e abanou a cabeça.

— Acho que a medicação está a causar-me alucinações.

Ele apertou-lhe a mão com força. Não estava a ser fácil. E não estava a correr como ele teria esperado. Porque não se atirava nos seus braços e dizia que sim?

— Pensava que amavas Sara — disse ela, com expressão receosa.

— É verdade. Amei-a. Acho que a amei desde que estávamos no segundo ano. Mas já não está cá. Não vou mentir-

te e dizer-te que a esquecerei. Nunca poderei fazê-lo. Mas o que te prometo é que nunca se interporá entre nós.

Mandy puxou a mão, mas ele não lha largou.

– Pensava que não querias envolver-te. Que, quando a obra fechasse no inverno, não voltaríamos a ver-nos. Não foi esse o motivo da nossa viagem apressada a Fort Collins para trazer o berço?

Ele assentiu, com olhar firme e tranquilo.

– Era o que pensava, mas ir a Fort Collins foi como uma libertação para mim. Consegui libertar-me da prisão que eu próprio tinha construído. É uma cidade agradável onde aconteceu uma

coisa horrível, mas não me senti arrasado quando voltei. Na verdade, gostei muito de te mostrar a minha cidade. Queria que ficasses lá. Assim, poderia ir ver-te quando fosse visitar os meus pais.

– Hã?

– Mas hoje abandonei essa ideia por completo. Não posso contentar-me com visitas ocasionais. Queria evitar uma relação. Não queria voltar a sentir a dor que senti ao perder Sara e Sammy. Mas hoje foi pior. Estavas a sofrer, a vida do teu filho estava em perigo e eu sentia-me impotente. Então, percebi que já estava totalmente envolvido. A morte de Sara arrasou-me, mas sabes uma coisa? Não

trocaria por nada o tempo que estive com ela. Teria dado a minha vida por eles, mas não tive a oportunidade. Por isso, a menos que me enclausure num mosteiro, não poderei evitar viver com tudo o que isso implica: medos, dor, perda, tudo – beijou-lhe a mão mais uma vez e aproximou-se dela. – Mas viver também traz felicidade. E tu dás-me muita.

– E o bebé? Poderás aceitá-lo também? – perguntou ela, com os olhos cheios de lágrimas.

– Sim, Mandy. Amarei muito o teu bebé. Sammy ensinou-me a ser pai. Serei o melhor pai para o teu filho. O nosso filho. E talvez tenhamos mais. Dá-me uma oportunidade, meu amor. Casa-

te comigo.

– Amor? – sussurrou ela, acariciando-lhe a face com a mão.

– Amo-te, Mandy Parkerson. Quero viver todos os meus dias contigo. Não fugirei se as coisas ficarem difíceis. Nunca te abandonaria, nem ao nosso bebê. Só quero ter a oportunidade de te amar agora e sempre.

Jackson olhou para ela. Tinha de dizer que sim!

– Jackson, amo-te tanto... – declarou ela, rodeando-lhe o pescoço com os braços e beijando-o.

Ele respondeu largando-lhe a mão para a abraçar. Era tão suave e tão doce... E era dele. Mandy respondera-

lhe exatamente o que ele esperava. Amava-a. E ela amava-o.

Um dos monitores começou a apitar e a enfermeira correu para o quarto. Então, viu que o casal olhava para ela com ar de culpa.

– O ritmo cardíaco disparou – indicou, com secura, verificando os sinais vitais de Mandy. – Mas não acho que seja motivo de alarme neste caso.

– Vamos casar-nos – informou Mandy, alegremente.

A enfermeira arqueou um sobrolho e olhou para a barriga da paciente.

– Receio que tenham de esperar um pouco.

Mandy desatou a rir-se, trocando um olhar cheio de amor com Jackson.

– Concorde – declarou ele, piscando-lhe o olho.

Epílogo

— Faz força! — Jackson encorajava a sua mulher na sala de partos do hospital de Fort Collins. Estava a nevar naquele dia de princípios de dezembro.

— Já estou a fazer força — declarou ela, entre suspiros. Descansou por um instante e olhou por cima do ombro para o homem que tanto amava. — Se não te parece bem como o faço, substitui-me.

Jackson beijou-lhe a face.

— Estás a fazê-lo perfeitamente. Ninguém poderia fazê-lo melhor.

Uma nova contração obrigou-a a fazer força novamente e o bebê começou a aparecer devagar.

– É uma menina cheia de vida – indicou o médico, recebendo o bebê. Entregou-o à enfermeira para que o embrulhasse numa manta e, depois, pô-la na barriga de Mandy.

Os dois olharam para a menina minúscula com caracóis castanhos. Jackson acariciou-lhe a face.

– Temos uma filha. E é tão linda como a mãe – elogiou ele, beijando-a com suavidade. – Olá, mamã!

– Amo-te – disse Mandy, entre lágrimas.

– Eu também te amo, Mandy Witt. E a

ti, Melanie Sara.

Ela sorriu e acariciou a sua menina, a quem tinham decidido chamar Sara em honra de Sara Witt. Mas não tinha medo de que Jackson continuasse a sentir saudades dela. Demonstrara-lhe que o seu amor, a sua vida e o seu futuro eram ela.

Jeff estava na sala de espera, com os sogros de Mandy. Todos esperavam novidades do bebé. Mandy dera-se bem com os Witt, maravilhada com a proximidade que havia entre os membros daquela família que se amava. Maravilhada por ter sido aceite entre eles.

Não deixava de se surpreender com as demonstrações constantes de amor do

seu marido. Continuava a ser um chefe duro e exigente na obra, mas, dentro de casa, era o homem mais terno e romântico que uma mulher podia desejar.

Mandy levantou o olhar e sentiu falta de ar. Deixaria alguma vez de ter aquelas sensações maravilhosas quando estava com ele? Jackson acariciou o cabelo suave do bebê.

– Dentro de um ou dois anos, teremos outro. Talvez um menino. O que te parece?

Ela sorriu, cheia de amor. A vida não poderia ter-lhe dado um presente melhor. O passado ficara para trás para ambos. Diante deles abria-se um futuro

resplandecente.

Se gostou deste livro, também gostará
desta apaixonante história que cativa
desde a primeira até à última página.



www.harlequinportugal.com